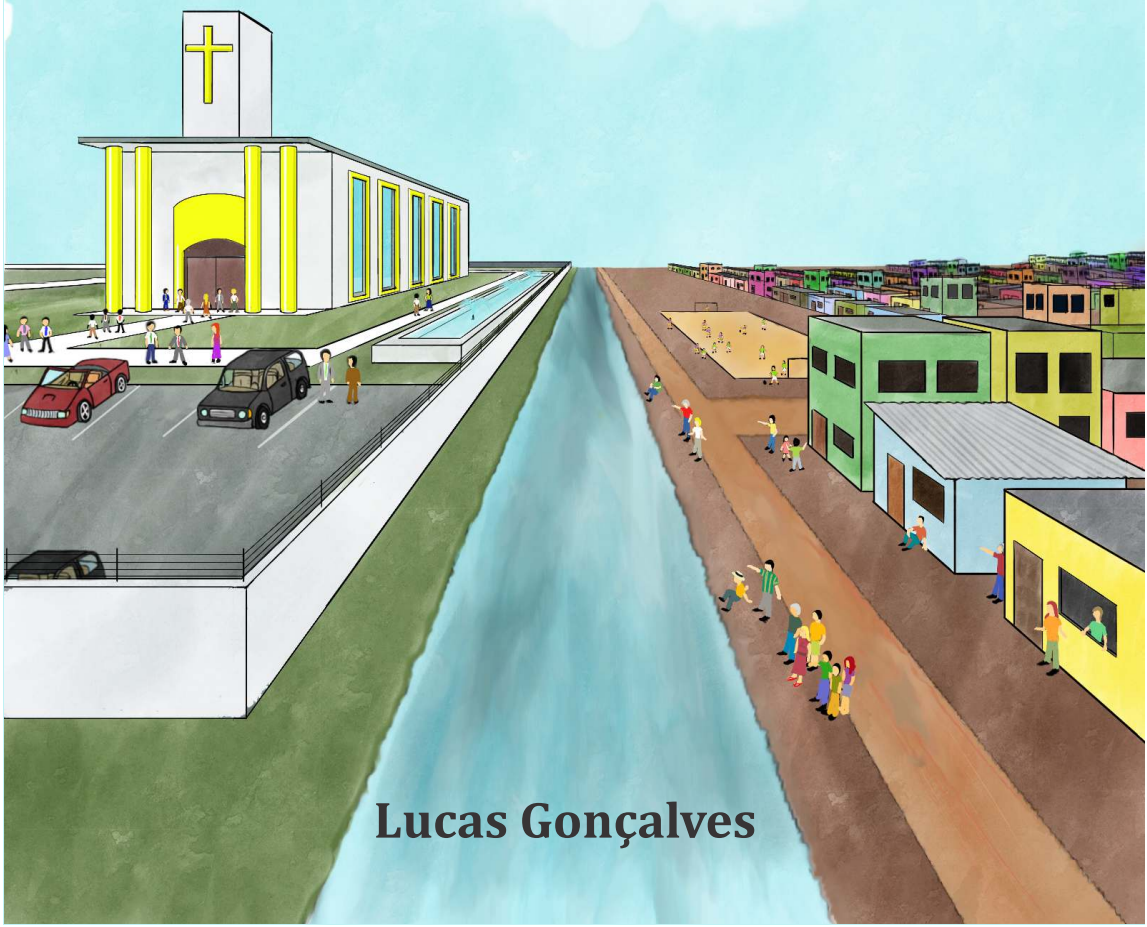
EVANGELHÓPOLIS

e o Evangelismo Por Metas Móveis



Lucas Gonçalves

Lucas Roberto Gonçalves

EVANGELHÓPOLIS

e o Evangelismo Por Metas Móveis

Palmas - Paraná
Gráfica e Editoria Kaygangue Ltda.
2020

Lucas Roberto Gonçalves

EVANGELHÓPOLIS

e o Evangelismo Por Metas Móveis

Evangelismo por metas móveis é uma concepção de evangelismo segundo a qual sempre há uma nova conquista evangelística para ser empreendida em um determinado local, independentemente dos esforços evangelísticos previamente empregados ali. Por que esse paradigma de evangelismo é oposto à Bíblia e à fé adventista? Quando e como ele se estabeleceu e de que modo atrasa a volta de Jesus? O que o adventista comum deve fazer para apressar esse retorno, sabendo inclusive que Cristo espera que sua noiva esteja preparada?

Ilustração capa
Guilherme M. Paes

Diagramção
Luciane Mormello Gohl

Impressão
Gráfica e Editora Kaygangue Ltda.

Sumário

Agradecimentos 7

Apresentação 9

Introdução
A volta de Jesus e o evangelho pregado em todo o mundo 11

Capítulo 1
Cinco pães e dois peixes: o princípio econômico mais solene já registrado 13

Capítulo 2
A Igreja de Laodicéia e o evangelismo por metas móveis 15

Capítulo 3
Evidências em relação à época e ao modo com que se deu o surgimento do evangelismo por metas móveis 19

Capítulo 4
Algumas das consequências da adoção do evangelismo por metas móveis 23

Consequência 1) O estabelecimento de prioridades se torna completamente confuso, quando não impossível 23

Consequência 2) As pessoas, incapazes de enxergar qualquer iminência na volta de Jesus, são tomadas pelo desânimo, cansaço ou desespero. 25

Consequência 3) Cria desconfiança e reduz o número de dizimistas. 27

Capítulo 5
A oposição entre o evangelismo por metas móveis e as lições de evangelismo contidas na Parábola do Semeador 29

Os solos da parábola do Semeador: cinco grupos de pessoas 29

A) O evangelizado que rejeitou a mensagem 32

B) O evangelizado que está indeciso.....37

C) O recém converso 38

D) O converso missionário 40

E) O não evangelizado.....42

Considerações finais sobre os cinco grupos de pessoas na Parábola do Semeador.....45

Capítulo 6
Alguns argumentos comuns a favor do evangelismo por metas móveis e as razões pelas quais eles não convencem..... 47

Argumento 1 - Não podemos, em hipótese alguma, desistir de evangelizar nossos queridos que ainda não se decidiram. 47

Argumento 2 - O evangelismo por metas móveis está correto, pois, antes de partirmos para terras distantes, precisamos primeiro evangelizar nossos vizinhos.....51

Argumento 3 - O evangelismo por metas móveis é bom, pois todos nós já estivemos em trevas e necessitamos de um evangelho adicional para nos decidirmos pela fé.....53

Argumento 4 - O evangelismo por metas móveis está certo, pois evangelismo é simplesmente falar de Jesus a alguém.....56

Argumento 5 - O evangelismo pode continuar sendo conduzido da mesma forma, pois Deus, afinal de contas, não se atrasa. Ele cumprirá todas as profecias no Seu tempo e Jesus voltará, de qualquer forma.....56

Argumento 6 - O evangelismo por metas móveis está correto, pois não devemos deixar um lugar antes que o evangelismo ali esteja bem consolidado.....59

Argumento 7 - O evangelismo por metas móveis não é ruim, pois já há bastantes missionários nas terras distantes, de qualquer forma.....60

Argumento 8 - O evangelismo por metas móveis é válido, pois se houver em uma região uma única pessoa que ainda não sabe nada a respeito de Jesus, é necessário manter ali esforços evangelísticos. 61

Argumento 9 - Estamos no momento em que não conseguiremos avançar mais nada no evangelismo antes de descer sobre nós a chuva serôdia. 62

Argumento 10 - Nunca encerraremos a pregação do evangelho se confiarmos na "ação humana". Apenas mediante o poder do Espírito Santo a obra será finalizada. 67

Argumento 11 - O problema não é o evangelismo por metas móveis. As pessoas deveriam dizimar e ofertar mais. 69

Argumento 12 - O evangelismo por metas móveis é empático, sensível e humano. 71

Argumento 13 - O evangelismo nas fronteiras deve ser conduzido por empreitadas individuais de pessoas excepcionalmente espirituais. 72

Argumento 14 - Tanto faz se o evangelismo é feito dessa maneira ou daquela, pois o mundo todo já está evangelizado, de qualquer forma. Não há nem porque se preocupar com a assunto do evangelismo.....72

Capítulo 7
O que pode ser feito?..... 77

A) As convicções intelectuais e espirituais que justificam ações 78

Convicção 1) Não se deve confiar a supostas mentes gentis as decisões sobre evangelismo. Deve-se avançar sem pedir permissão. 79

Convicção 2) A atitude evangelística ostensiva, repetitiva, impositora e mendicante está equivocada. 80

Convicção 3) Financiar evangelismo é um dom elevado e não deve ser tratado como expressão de passividade 81

Resumo das convicções que justificam ações 82

B) As ações que precisam ser feitas 83

Ação 1) Apresentar a queixa 83

Ação 2) Conhecer os ministérios de sustento próprio e direcionar a eles os dízimos e as ofertas, se estiverem cumprindo a missão negligenciada pelos canais oficiais 85

Ação 3) Investigar e idear métodos para o evangelismo 92

3.1) Investigação do estado do avanço evangelístico 94

3.2) Investigação do estado dos recursos evangelísticos 97

3.3) Investigação do estado dos custos do evangelismo ... 100

3.4) Considerações finais sobre as investigações evangelísticas 102

Ação 4) Entrar em guerra por conta própria 103

Conclusões e considerações finais 105

Posfácio 109

Agradecimentos

Fique aqui registrada minha gratidão aos irmãos Emerson Rocha e Daniel Silveira, do Missionários Voluntários. Ao irmão Emerson, pela pronta disposição em ajudar na revisão do trabalho, principalmente em relação às referências. Seu conhecimento foi muito importante. Ao Daniel, pelo interesse demonstrado na leitura e pelos oportunos comentários, sem os quais muitas arestas do trabalho não teriam sido aparadas. Deus esteja dia e noite com ambos, que não apenas aguardam, mas desejam intensamente apressar a volta de Jesus e efetivamente o fazem de forma prática. Agradeço também à minha esposa Vanessa, incansável guardiã do nosso lar e pesquisadora inveterada. Coletou tantas citações oportunas ao longo do trabalho, que se tornaram um longo documento com dezenas de páginas. Não vi ninguém desejar a volta de Jesus como ela.

Por fim, agradeço a Deus por tirar homens de suas vidas miseráveis, justificá-los por meio de Seu Filho e colocá-los no trabalho em Sua vinha.

Apresentação

O fato de que aproximadamente dois terços da população mundial não sabe nada a respeito de Jesus não causa muita comoção, mesmo entre os adventistas do sétimo dia. Quando a comoção surge, segue-se a ela pouca ação. O desinteresse pela missão mundial é um fato que, muito longe de ser novo, já era a regra nos tempos da Sra. Ellen White, que, assim como nós, viveu na sombria Igreja de Laodicéia, a única dentre as sete igrejas que não recebeu da parte do Senhor um elogio sequer (Apocalipse, capítulos 2 e 3). Não obstante as exaustivas orientações da pioneira no sentido contrário, a missão global perdeu o status de prioridade para a Igreja Adventista do Sétimo dia.

O propósito deste texto é relembrar alguns princípios evangelísticos fundamentais descritos na Bíblia Sagrada e nos escritos de Ellen G. White, e deles tirar, entre outras coisas, mas em destaque, lições quanto ao que qualquer adventista pode fazer de prático e efetivo a respeito da missão mundial sem cair no senso comum do evangelismo laodiceano, que não tem nenhuma pressa em relação à volta de Jesus, prometida em Mateus 24:14:

"E este evangelho do reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as nações, e então virá o fim."

Mateus 24:14 - ACF

Quando aqui se afirma que o escopo das lições retiradas da Bíblia e do Espírito de Profecia atinge todo adventista, realmente não se trata de retórica. Embora se assuma, na totalidade do trabalho, que a inspiração profética da Irmã White é integralmente válida em todas as suas orientações e consequências e se harmoniza plenamente com as escrituras sagradas, o argumento central desenvolvido é o mesmo para aquele adventista mais adepto do princípio da Sola Escriptura, cuja existência simplesmente não pode ser negada. Tanto os argumentos bíblicos quanto os que surgem do dom profético, ambos poderosos e abundantes, levam para a mesma direção: o fim do evangelismo praticado ao longo de todo o século XX e até o presente dia. Não é

exagerado crer que há lições e evidências suficientes para uma ampla aceitação dessa conclusão, embora igualmente amplo seja o espectro de crenças entre os adventistas.

A fim de atingir o objetivo final de apresentar essas lições práticas, o texto foi construído e organizado da seguinte forma: a introdução é justamente uma simples lembrança de que a volta de Jesus está ligada, entre outras coisas, à conclusão da pregação do evangelho no mundo todo. O capítulo 1 apresenta uma importante lição de economia registrada na Bíblia e a urgência em relembrá-la, em razão da luz que lança sobre o evangelismo atualmente praticado. O segundo capítulo conceitua o evangelismo por metas móveis, concepção de evangelismo pela qual a igreja de hoje se guia, ao passo que o capítulo 3 expõe algumas evidências sobre sua origem dentro da Igreja Adventista do Sétimo Dia. O quarto capítulo, por sua vez, elenca algumas das consequências da adoção do evangelismo por metas móveis e faz menção a alguns dos alertas que a Bíblia e a Sra. Ellen White já haviam feito a respeito dele. O capítulo 5 relembra a parábola do semeador, que descreve os diversos solos com os quais o evangelho se defronta, e tira de lá algumas instruções sobre como encarar cada qual. Já se encaminhando para o fim, o sexto capítulo apresenta alguns dos argumentos mais comuns a favor do evangelismo por metas móveis e o motivo pelo qual estão equivocados. O capítulo 7, finalmente, propõe ações individuais e coletivas para se combater o evangelismo por metas móveis e retornar ao evangelismo bíblico. O capítulo 8 traz as conclusões e considerações finais.

Vale aqui também deixar claro, ademais, que não é o propósito deste trabalho (1) levantar interpretações proféticas novas ou diferentes daquelas deixadas pela Sra. Ellen G. White e a própria Bíblia, (2) retirar ou acrescentar qualquer coisa a respeito da missão da Igreja Adventista do Sétimo Dia, sendo a pregação das três mensagens angélicas e do evangelho eterno uma premissa ao longo de todo o trabalho, (3) minimizar a importância do reavivamento da igreja e da reforma individual para o sucesso da missão global e (4) lançar descrédito em qualquer instituição adventista, seja ela oficial ou obra de sustento próprio, ou propor qualquer tipo de dissidência. É também premissa deste texto que ambas as frentes, Igreja Adventista do Sétimo Dia, instituição oficial, e ministérios de sustento próprio adventistas, contribuirão para a pregação do evangelho em todo o mundo e o consequente apressamento da volta do Senhor.

Introdução

A volta de Jesus e o evangelho pregado em todo o mundo

Sabemos que, enquanto adventistas do sétimo dia, vivemos no período profético da última igreja, a Igreja de Laodicéia (Apocalipse 3:14-21), o que por si só já é um claro sinal do fim. Além disso, a liberdade religiosa já está assumindo tons nebulosos e não é possível olhar para frente e dá-la por certa mesmo em um horizonte de tempo bem curto. A união entre Igreja e Estado, profetizada nos versos 11 a 17 de Apocalipse 13 está tão próxima de se realizar como jamais esteve desde o fim da Igreja de Filadélfia (Apocalipse 3:7-12), ainda no século XIX, fato que é fácil de observar. Materializada a união entre o poder religioso e o poder político, é certo que os eventos proféticos restantes acontecerão em cascata e em pouco tempo Jesus voltará.

Embora esse cenário profético que avança tão rapidamente encha de alegria o cansado adventista, a breve volta do Senhor já não lhe parece tão certa quando, de repente, ele abre sua Bíblia no capítulo 24 de Mateus e lembra de um importante sinal que o próprio Jesus assegurou que haveria de anteceder o seu retorno à Terra:

"E este evangelho do reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as nações, e então virá o fim."

Mateus 24:14 - ACF

Como pode ser, o adventista se pergunta, que os acontecimentos do Apocalipse estejam tão adiantados e o de Mateus 24:14 tão atrasado? A Sra. Ellen White lhe responde:

"Dando o evangelho ao mundo, ESTÁ EM NOSSO PODER APRESSAR A VOLTA DO SENHOR. Não nos cabe apenas aguardar, mas APRESSAR O DIA DE DEUS. Houvesse a igreja de Cristo feito a obra que lhe era designada, como Ele ordenou, o mundo inteiro

haveria sido antes advertido, e o Senhor Jesus teria vindo à Terra em poder e grande glória."

O Desejado de Todas as Nações, p.633,634 (grifo nosso)

De modo resumido, o que ocorre é que os acontecimentos proféticos que não dependem da ação da igreja avançam a passos largos, ao passo que os que dependem andam muito lentamente, acompanhando a popular ideia adventista de que "as coisas acontecerão quando tiverem que acontecer". Portanto, o mais importante a se lembrar aqui, nesse primeiro momento, é que (1) a igreja possui o poder de apressar a volta de Jesus, do que se entende que possui também a opção de não exercer esse poder e deixar a expectativa do segundo advento para um momento longínquo do futuro. A velocidade com que o evangelho avança a nível mundial revela quão intensa realmente é, nesse caso, a vontade que temos de vÊ-lo. Também é importante lembrar que (2) Jesus só retornará à Terra quando TODAS AS NAÇÕES tiverem ouvido falar a respeito dEle. Se o evangelho não for expandido a todas as localidades, Jesus não voltará, não obstante o cumprimento de todas as outras profecias que não estão condicionadas à ação da igreja.

Capítulo 1

Cinco pães e dois peixes: o princípio econômico mais solene já registrado

A história da multiplicação dos pães e peixes narrada em Mateus 14:13-21, Marcos 6:31-44, Lucas 9:10-17 e João 6:5-15, muito apreciada entre os contadores de histórias cristãs infantis, apresenta o princípio econômico mais sério e solene já escrito em qualquer lugar e não apenas na Bíblia. O princípio de que Deus pode realizar milagres e multiplicar recursos como entenda melhor fazer, apesar de também sério, solene e incrível, não é o mais impressionante no relato. O mais fascinante é que Jesus ordenou que se recolhesse as sobras do milagre que Ele poderia repetir incontáveis vezes. O Espírito de Profecia não passou por alto o significado dessa ordem dada pelo Salvador:

"Cristo deu uma vez a Seus discípulos uma lição de economia digna da maior atenção. Ele realizara um milagre para alimentar os milhares de famintos que haviam escutado Seus ensinos; mas depois que todos haviam comido e estavam satisfeitos, Ele não permitiu que os fragmentos fossem desperdiçados. Aquele que pode, na hora da necessidade, alimentar a vasta multidão por Seu divino poder, ordenou a Seus discípulos que ajuntassem os pedaços que sobraram, para que nada se perdesse. Esta lição foi dada para nosso ensino tanto quanto para os que viviam nos dias de Cristo. O Filho de Deus tem cuidado das necessidades da vida temporal. Ele não negligenciou os pedaços após o banquete, embora pudesse oferecer tal banquete quando quisesse."
Testimonies for the Church 4, p.572,573/O Lar Adventista, p.381

Em relação ao alcance desse princípio, o dom profético conclui:

"As lições de Jesus Cristo devem ser aplicadas em toda fase da vida prática. A economia deve ser praticada em todas as coi-

sas. Ajuntai os pedaços, para que nada se perca. Há uma espécie de religião que não toca o coração, tornando-se palavras formais. Não entram na vida prática. Os deveres religiosos e a mais elevada prudência humana nas atividades comerciais devem estar misturados."

Manuscrito 31 (1897)/O Lar Adventista, p.381

Se a economia deve ser praticada em todas as coisas, inclusive naquelas que são menos importantes, por que não deveria ser praticada no evangelismo? Na multiplicação dos pães e peixes, Jesus proveu, por meio de um milagre, recursos energéticos para uma multidão faminta. Na missão global, Deus provê, de uma forma não menos milagrosa, recursos evangelísticos, que é tudo quanto pode ser aplicado com êxito na obra. A aplicação do princípio de economicidade no evangelismo nada mais é do que não desperdiçar nenhum recurso evangelístico.

Desperdícios, por sua vez, podem se dar de diversas formas. Na verdade, tudo que não é usado em seu máximo potencial é desperdiçado. O que ocorre a uma pessoa que aplica seu dinheiro a 6% ao ano em uma caderneta de poupança e descobre que seu banco oferece outra aplicação a 8% ao ano sem qualquer custo adicional? Ele não dirá que está ganhando 6% ao ano, mas sim que está perdendo 2%. Da mesma forma, todo recurso evangelístico que, aplicado no lugar errado, rende menos do que poderia estar rendendo em qualquer outro lugar, é uma desobediência à lei da economicidade, que é própria do caráter de Deus. Evangelizar sem cuidado e sem critério é aplicar os recursos evangelísticos a 6% ao ano quando há aplicações que rendem 8% ao ano. Se esse for o caso, a Igreja Adventista do Sétimo Dia, a quem foi incumbida a missão global, precisará dar contas a Deus dos 2% que Ele está perdendo ao confiar nos adventistas como mordomos de Seus recursos.

A solenidade da ordem de Jesus aos discípulos na história dos cinco pães e dois peixes deveria nos causar calafrios se considerássemos a proporção que existe entre pães e peixes e os recursos do evangelho.

Capítulo 2

A Igreja de Laodicéia e o evangelismo por metas móveis

Muita gente vai dizer, até corretamente, que o evangelismo é feito. O que chama atenção, entretanto, é o que a Igreja de Laodicéia entende por evangelizar e a forma peculiar com que ela evangeliza. Propõe-se aqui chamá-la de evangelismo por metas móveis, o qual pode ser definido como uma concepção de evangelismo segundo a qual sempre há uma nova conquista evangelística para ser empreendida em um determinado local, independentemente dos esforços evangelísticos prévios que se deram ali.

O que isso quer dizer exatamente? Uma história pode ilustrar bem uma ideia: considere-se uma cidade chamada Evangelhópolis, que possui dez mil habitantes. Nos anos 1950, um grupo de obreiros missionários chegou a essa cidade e logo no primeiro ano cem pessoas foram batizadas e uma igreja fundada. No entanto, nesse primeiro ano, que foi 1953, apenas duzentos lares foram visitados, cada lar possuindo cinco pessoas. Nesse estágio, 1% da população havia sido convertida e 10% evangelizada, ao passo que os outros 90% da população de Evangelhópolis ainda desconheciam por completo as boas novas. Nos sete anos seguintes, os obreiros e os recém conversos avançaram a obra e visitaram os mil e oitocentos lares restantes, batizando outras novecentas pessoas, as quais passaram a frequentar outras nove novas igrejas. O ano de 1960 marcou, portanto, o êxito máximo do evangelismo em Evangelhópolis.

No natal desse ano, os irmãos da 1ª Igreja Cristã de Evangelhópolis se reuniram em oração, entendendo que deviam agora avançar para a cidade vizinha, Sedentópolis, da qual eram separados por um rio. Perceberam que havia duas grandes dificuldades para o avanço desse projeto evangelístico: faltava uma ponte que ligasse as duas cidades e os obreiros precisavam se deslocar cinquenta quilômetros para chegar até Sedentópolis, sem contar os cinquenta quilômetros de volta.

Um irmão lembrou que nem mesmo as duas prefeituras juntas teriam dinheiro suficiente para construir a ponte, enquanto outro alertou para o preço da gasolina. Alguém tentou encorajá-los dizendo que os obreiros poderiam se deslocar de moto. Nesse caso, a ponte poderia ser menor, suficiente apenas para a passagem de motos, as quais, além disso, gastariam muito menos combustível. Como não chegassem a nenhuma conclusão, decidiram voltar para suas casas, de onde deveriam orar ao longo da semana, clamando a Deus para que chegassem a uma decisão sábia.

Na semana seguinte, os irmãos se reuniram novamente. Entre outras coisas, foi argumentado que a ponte para Sedentópolis, mesmo que pequena, custaria o equivalente a vinte bancos novos com assentos almofadados. Desde a fundação da igreja, em 1953, alguns irmãos se queixavam dos bancos duros de madeira. Também foi exposto que o dinheiro que seria gasto com combustível ao longo de um ano seria suficiente para comprar vinte latas de tinta. Os oito anos decorridos desde a fundação da igreja haviam desgastado a pintura das paredes. Ficou decidido, por fim, que essas prioridades seriam atacadas em 1961 e que o projeto evangelístico de Sedentópolis seria novamente colocado sob discussão no ano seguinte, em 1962.

A primeira escola cristã de Evangelhópolis foi fundada nesse ano. Foi uma festa enorme na cidade. A pregação que o pastor proferiu naquela noite tratava dos muitos lares evangelhopolistas nos quais o evangelho chegaria por meio daquela escola. Em 1965, uma rádio cristã passou a operar ali, levando às casas dos munícipes maravilhosos hinos, o que certamente muito contribuiria para a pregação do evangelho, mas o sinal de rádio, infelizmente, não chegava até o outro lado do rio. De qualquer forma, a obra em Evangelhópolis avançava de forma prodigiosa. No início dos anos 1970, o pastor da 1ª Igreja Cristã de Evangelhópolis fez um emocionado sermão, anunciando aos membros daquela congregação que o número de cristãos na cidade havia chegado aos mil e dez, ao que todos responderam com um estrondoso amém! Além dos mil que já haviam em 1960, outros dez haviam se juntado a eles. Eram duas famílias cristãs que haviam chegado à cidade. Em Sedentópolis, por sua vez, ainda não havia nenhum cristão.

No final dos anos 1980, uma empresa de alimentos se instalou em Evangelhópolis. Percebendo que a falta de uma ponte para Sedentópolis seria um enorme entrave logístico, os executivos daquela firma

entenderam que o custo para construí-la não era lá tão grande mesmo que o munícipio não ajudasse com um centavo sequer. Três meses depois, foi inaugurada a ponte entre Evangelhópolis e Sedentópolis. Ao que se sabe, ainda não há uma igreja naquela cidade. Em Evangelhópolis, ao contrário, sempre há uma nova conquista evangelística a se empreender.

De acordo com o evangelismo por metas móveis, independentemente do lugar e de haver ocorrido nele qualquer avanço evangelístico anterior, pode-se eventualmente ser apontado como evangelismo: simpósios, congressos, treinamentos e cursos de toda natureza, para qualquer público e sobre qualquer assunto, desde criacionismo ou outro tópico de apologética até exegese bíblica ou hermenêutica. Adicionalmente, todo tipo de eventos sociais de jovens, acampamentos de desbravadores, panfletagens, distribuição gratuita de produtos em ruas, semáforos ou eventos, oferta de serviços gerais à população, campanhas de diversas naturezas, bem como toda e qualquer espécie de assistencialismo. De modo idêntico, o evangelismo por metas móveis considera evangelismo quaisquer publicações, programas de televisão e rádio, apresentações musicais ou teatrais, canais do YouTube, páginas em redes sociais etc. E pode ainda chegar a ser encarado como evangelismo, como de fato já chegou, a indução coletiva de experiências sensoriais ou meditativas. Conforme as metas se movem, emocionar também pode chegar a ser uma delas.

Em resumo, para o evangelismo por metas móveis, qualquer coisa pode acabar por representar uma conquista evangelística por alcançar. Nenhum lugar está suficientemente evangelizado antes de se tentar ali todas as aventuras evangelísticas imagináveis e inimagináveis. É essencial destacar que, haja vista estar ao poder da igreja apressar a volta de Jesus, o que a Sra. Ellen White deixa bem claro, o evangelismo por metas móveis, que atrasa a entrega do evangelho ao mundo, não é uma concepção de evangelismo que está DADA à igreja. Não se trata, em outras palavras, de uma concepção universal que se impõe à igreja e da qual ela não possui o poder de escapar. A Igreja de Laodicéia ADOTOU E MANTÉM, POR OPÇÃO, o evangelismo por metas móveis.

Capítulo 3

Evidências em relação à época e ao modo com que se deu o surgimento do evangelismo por metas móveis

A pergunta é inevitável: a história de Evangelhopólis é apenas uma ilustração ou é a própria regra prática de evangelismo na Igreja Adventista do Sétimo Dia? Certamente, Evangelhopólis é bem mais que uma fábula, mas foi sempre assim?

Não é tarefa simples apontar época e lugar para o início do evangelismo por metas móveis, mesmo se apenas levada em conta a pregação do evangelho executada exclusivamente pela IASD. Um estudo histórico minucioso, que evidentemente não foi aqui empreendido, precisa ainda ser realizado para se compreender inteiramente a origem do fenômeno. Entretanto, é possível estabelecer um momento bastante claro em que os rumos do evangelismo na igreja se tornaram predominantemente guiados por metas flexíveis e concentração de recursos evangelísticos em alguns poucos lugares. O método aqui definido para identificar o início desse paradigma é bastante simples: quando as críticas da Irmã White a essa concepção de evangelismo se tornaram mais frequentes e enfáticas é justamente o momento em que o evangelismo por metas móveis ganha ares de paradigma, concepção preponderante ou *modus operandi* das principais frentes evangelísticas da IASD.

Nesse sentido específico, as décadas de 1890 e 1900 saltam aos olhos. É o período em que os alertas do Espírito de Profecia parecem mais frequentes e contundentes. Observe-se como a própria Sra. White faz referência a uma data próxima do final da década de 1880, quando algo parece ter acontecido:

"As igrejas devem despertar. Os membros devem acordar do sono e começar a perguntar: Como está sendo usado o dinheiro que investimos no tesouro? O Senhor deseja que seja feita uma pesquisa minuciosa. Todos estão satisfeitos com a história do trabalho NOS ÚLTIMOS QUINZE ANOS? Onde está a evidência do cooperar

com Deus? Onde foi ouvida nas igrejas a oração pela ajuda do Espírito Santo? Insatisfeitos e desanimados, nos afastamos da cena."

The Kress Collection, p.120 (grifo nosso)

"Nossas igrejas e instituições devem retornar para onde estavam antes do início do desvio, quando começaram a confiar no homem e a fazer carne o braço. Não vimos o suficiente da sabedoria humana? Não devemos agora buscar a Deus com seriedade e simplicidade, e servi-lo com coração, mente e força?"

The Kress Collection, p.120

Esse texto do Kress Collection data de 1903 e a "história do trabalho nos últimos quinze anos", portanto, se refere ao período entre 1888 e 1903. Perceba-se como, em outra passagem, a referência ao final da década de 1880 persiste:

"A mensagem que estou ordenada a transmitir a nosso povo, neste tempo, é: Evangelizai as cidades sem demora, porque o tempo é curto. O Senhor tem posto este trabalho diante de nós durante ESTES ÚLTIMOS VINTE ANOS OU MAIS. Pouco tem sido feito em alguns lugares, mas muito mais poderia ter sido realizado."

Carta 168 (1909)/ Evangelismo, p.33 (grifo nosso)

Os últimos "vinte anos ou mais" abrangem, nesse caso, o período de 1889 a 1909, ou algo próximo disso. É evidente que existem instruções semelhantes feitas em anos anteriores, como esta, de 1874:

"Há os que pensam que têm a obrigação de pregar a verdade, mas não ousam aventurar-se a sair da praia, e não pescam nenhum peixe. Preferirão andar entre as igrejas, repassando sempre o mesmo terreno. Informam que apreciaram muito, que fizeram uma boa visita, mas em vão esperamos pelas almas que estariam convertidas à Verdade por meio de sua cooperação. Esses ministros navegam próximo demais à praia. Avancem eles para o mar alto, e lancem as redes onde estão os peixes. Não há falta de trabalho para ser feito. Poderia haver centenas empregados na vinha do Senhor, onde agora um único."

The True Missionary, fevereiro de 1874

É apenas a partir do final da década de 1880, no entanto, que os alertas assumem uma forma bastante específica: não concentrar recursos em um mesmo lugar, a fim de não atrasar o evangelismo em outros países e no sul do Estados Unidos, lugares em que a penetração adventista havia sido muito tímida. A concentração de recursos foi apontada com enorme clareza: os gastos ficavam principalmente represados na sede da IASD em Battle Creek, no estado americano de Michigan:

"O dinheiro gasto na ampliação das instituições em Battle Creek pode muito bem ser dedicado ao plantio da verdade nas cidades e lugares onde ainda não se apoderou. O dinheiro foi confiado a agentes humanos, para ser investido na obra do Senhor, distribuído aos trocadores e aumentado com o uso. Uma e outra vez os homens em posições de confiança colocaram diante deles a necessidade de que a vinha do Senhor fosse mais igualmente trabalhada. A vinha é o mundo, cada parte é do Senhor e deve receber a devida atenção. Nenhuma localidade deve engolir todos os recursos que podem ser obtidos para enriquecer, ampliar e multiplicar suas instalações, enquanto as maiores partes do campo são deixadas sem recursos. Esta política não é inspirada por Deus. Os chamados graciosos de misericórdia devem ser dados a todas as partes do mundo. O campo de Deus é o mundo."

Spalding and Magan Collection, p.13

De modo semelhante, os recursos eram mal utilizados ao permanecer em outros lugares que também já estavam suficientemente trabalhados:

"Entendo, oitenta mil dólares foram investidos no sanatório de Boulder, pressionando o coração da obra com uma dívida mais pesada do que já estava lá. O Senhor planejou essa obra? Não; essa quantidade de dinheiro era necessária na Índia, na Austrália, no campo do sul, em campos estrangeiros, para que os ministros do Senhor levassem a mensagem da verdade a lugares próximos que nunca foram trabalhados e a lugares distantes.

O Senhor está descontente com seu povo, porque eles trabalharam com propósito contrário a Ele. O dinheiro foi investido em várias conveniências e instalações que o Senhor nunca dirigiu.

Há um trabalho sério a ser feito mas o dinheiro é consumido, para que a vontade de Deus não seja feita. Meu coração está doente e dolorido e angustiado além da medida. Que o Senhor desperte seu povo, que ainda não está meio desperto."

The Southern Work, p.89

A Irmã Ellen White não se ateve, no entanto, a apontar os equívocos na alocação dos recursos evangelísticos, mas identificou ainda a origem de tais erros: gente em posição de liderança tinha uma espécie de "ciúme dos recursos".

"Por anos a obra nas cidades tem sido apresentada diante de mim, e com insistência exigida de nosso povo. Instrução tem sido dada para que se abra o trabalho em novos campos. TEM HAVIDO ALGUMAS VEZES UM TEMOR DE QUE ALGUÉM QUE ESTEJA DISPOSTO A ENTRAR EM NOVOS CAMPOS RECEBA DO POVO RECURSOS QUE SE SUPUNHA FOSSEM NECESSÁRIOS EM OUTRO TRABALHO. Alguns em posição de responsabilidade têm achado que nada deve ser feito sem seu pessoal conhecimento e aprovação. Com isso, eficientes obreiros têm algumas vezes sido impedidos, e as rodas do carro do progresso têm sido postas a se mover lentamente na penetração de novos campos."

Manuscrito 21 (1910)/Medicina e Salvação, p.302 (grifo nosso)

Capítulo 4

Algumas das consequências da adoção do evangelismo por metas móveis

Consequência 1) O estabelecimento de prioridades se torna completamente confuso, quando não impossível.

Quando sempre há uma nova conquista evangelística para ser empreendida em todo e qualquer lugar habitado, independentemente de qualquer esforço evangelístico já realizado ali, e cada uma dessas novas conquistas evangelísticas em diferentes lugares é igualmente importante e imprescindível, nada é prioritário. Ao guiar-se por uma concepção de evangelismo por metas móveis, despender cinquenta reais para comprar uma caixa com copos de água os quais os jovens de uma igreja distribuirão em um semáforo de um cruzamento de uma grande cidade é tão urgente e missionário quanto gastar os mesmos cinquenta reais para comprar uma Bíblia que será presenteada a um recém-converso. Da mesma forma, pagar a passagem e a estadia de um palestrante estrangeiro que veio para o simpósio de criacionismo é tão evangelizador e prioritário quanto enviar, com o mesmo dinheiro, um missionário para a China.

Aqui é crucial entender que o evangelismo por metas móveis não faz nenhuma oposição a que se destine um elevado percentual de recursos evangelísticos a lugares já excessivamente evangelizados e poucos recursos ao lugares carentes do evangelho. Quando as associações de igrejas adventistas empregam cerca de 75% de seus dízimos em sua própria região, embora não haja, ano após ano, qualquer avanço no número de conversos, o evangelismo por metas móveis não apenas não se opõe ao percentual, mas serve ainda para legitimá-lo. Quando, em uma região saturada do evangelho, muitíssimas pessoas já se cansaram de declinar diversos e diversos convites a eventos evangelísticos e os folhetos, livros e estudos bíblicos, de tão abundantes, chegam às lixeiras, o evangelismo por metas móveis acaba por legitimar a retenção dos 75%

de dízimos coletados naquela região, oferecendo a possibilidade de uma infinidade de usos criativos para os recursos. A história não é nada nova:

"Em algumas das maiores associações, o dízimo poderá ser mais do que suficiente para sustentar os obreiros que agora estão no campo. Isso, porém, não sanciona o seu uso para alguma outra finalidade. Se as associações estivessem fazendo a obra que Deus deseja que elas façam, haveria muito mais obreiros no campo, e a necessidade de recursos aumentaria grandemente. Há missões a serem mantidas em campos onde não há igrejas nem dízimos, e também onde os crentes são novos e o dízimo é limitado. Se tendes recursos que não sejam necessários depois de acertardes as contas com os vossos ministros de maneira liberal, enviai o dinheiro do Senhor para esses lugares desprovidos."

Manuscrito 139, 1898/Manuscript Releases, Vol.1, p.182,184.

"Precisamos compreender cada vez mais que os recursos que chegam à associação, nos dízimos e dádivas de nosso povo, devem ser usados para o sustento da obra não somente nas cidades americanas, mas também nos campos estrangeiros. Que os meios tão zelosamente arrecadados sejam distribuídos altruisticamente. Os que compreendem as necessidades dos campos missionários não serão tentados a usar o dízimo para o que não é necessário."

Manuscrito 11, 1908/Manuscript Releases, Vol.1, p.192.

Mas como é possível sequer dizer o que não é necessário quando o evangelismo por metas móveis é a regra? Quando se alardeia que, ainda hoje, tanto São Paulo quanto a Birmânia precisam igualmente conhecer as boas novas da breve volta de Jesus, como é possível que uma associação de igrejas paulistana abra mão de recursos evangelísticos em prol de um país asiático do outro lado do mundo? O evangelismo por metas móveis, soberano e inquestionável, parece estar sempre pairando no ar, pronto para ser evocado caso se necessite oferecer justificativa ao erro da obrigatoriedade do uso dos dízimos em uma área restrita prévia e arbitrariamente delimitada. Em outras palavras, o que ocorre é que, ao ser entregue determinada quantia de recursos provenientes de dízimos a um diretor de evangelismo, espera-se que ele o utilize, haja ou não campo missionário em sua região. Deixar de fazê-lo, na lógica da

obrigatoriedade da execução orçamentária, não será entendido como economia de recursos, mas como má gestão. O evangelismo por metas móveis resolve o "problema" ao ofertar aos departamentos de evangelismo das associações um sem-número de ideias evangelísticas absurdas e fantasiosas nas quais empregar qualquer percentual de dízimos que seja retido no nível local. Logo, se o evangelismo por metas móveis fosse abandonado e substituído por uma concepção bíblica de evangelismo, que será relembrada adiante, os altos percentuais de retenção de dízimos em locais já exaustivamente evangelizados seriam fortemente questionados. Inevitavelmente, iria também à julgamento a realização orçamentária desatrelada da real necessidade evangelística da região.

Por fim, a respeito de todas essas péssimas consequências que surgem de um evangelismo equivocado, que de evangelismo na verdade tem muito pouco, a Sra. Ellen White asseverou:

"Lembremo-nos de que como povo a quem foi confiada a sagrada verdade, temos sido negligentes e positivamente infiéis. O trabalho foi confinado a uns poucos centros, até que neles o povo ficou endurecido para o evangelho. Difícil é impressionar os que escutaram tanto a verdade e não obstante a rejeitaram. Numas poucas localidades se fez despesa excessiva, ao passo que muitas cidades foram deixadas não advertidas e nem trabalhadas. Tudo isso está contra nós agora. Houvéssemos feito esforços ardorosos para alcançar os que, se convertidos dariam uma boa demonstração do que a verdade presente faria pelos seres humanos, quanto mais avançada estaria nossa obra agora! Não é correto que uns poucos lugares tenham todas as vantagens, ao passo que outros são negligenciados."

Carta 132 (1902)

Consequência 2) As pessoas, incapazes de enxergar qualquer iminência na volta de Jesus, são tomadas pelo desânimo, cansaço ou desespero.

Que os adventistas estejam cansados, desanimados ou desesperados por diversos motivos, cada um pode ver por si mesmo. O interesse aqui, no entanto, é lançar um olhar apenas naquilo que pode ser colocado na conta do evangelismo por metas móveis, em uma

tentativa de entender o estrago mental que essa concepção de evangelismo é capaz de causar quando se tenta harmonizá-la com a mensagem de Mateus 24:14. Primeiramente, leia-se com atenção o verso em algumas traduções da Bíblia:

"E este evangelho do reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as nações, e então virá o fim."
Mateus 24:14 - ACF

"E este evangelho do Reino será pregado em todo o mundo como testemunho a todas as nações, e então virá o fim."
Mateus 24:14 - NVI

"E a boa notícia sobre o Reino será anunciada no mundo inteiro como testemunho para toda a humanidade. Então virá o fim."
Mateus 24:14 - NTLH

"E as boas novas do Reino serão pregadas pelo mundo inteiro, para que todas as nações as ouçam, e depois virá o fim."
Mateus 24:14 - Nova Bíblia Viva

"Este Evangelho do Reino será pregado pelo mundo inteiro para servir de testemunho a todas as nações, e então chegará o fim."
Mateus 24:14 - Bíblia Ave Maria

É fácil notar que o texto é incontroverso. Quer se use a Almeida Corrigida Fiel, que é tradicional, a Nova Versão Internacional, bem quista entre teólogos, a Nova Tradução na Linguagem de Hoje e a Nova Bíblia Viva, as quais são traduções mais livres, ou mesmo uma Bíblia católica, a leitura é a mesma. Totalmente livre de uma atmosfera de tumulto semântico ou teológico, Mateus 24:14 não entra naquela lista de casos com truques sintáticos da língua original, sobre os quais os adventistas gostam de debater, como a colocação correta da vírgula na promessa de Jesus ao ladrão na cruz, ou com aquelas palavras cujas etimologias são demasiadamente obscuras para ser compreendidas por quem não possui conhecimento profundo da cultura dos povos antigos: o *sheol* hebraico e o *malakoi* grego, por exemplo. Nenhum pregador, instrutor de Bíblia ou palestrante, enfim, acrescenta qualquer

polêmica ou dificuldade teológica à sua mensagem ao utilizar esse trecho. Não há motivos para se esquivar dele: um verso poderoso, relevante e sem ambiguidades é o verso perfeito para citar.

O que resulta de suas características, por sua vez, é que Mateus 24:14 é totalmente imune a subjetivações ou aplicações criativas e seu conteúdo é inescapável. Nem mesmo uma criança poderia ser enganada quanto ao fato de que Jesus voltará APENAS após o evangelho ser pregado a TODAS as nações. Trata-se de uma profecia eminentemente CONDICIONAL, cujo fato desencadeador é a conclusão da pregação do evangelho no mundo todo. Incapaz de subverter o verdadeiro significado das inequívocas palavras de Jesus e destituído de uma estratégia clara de missão global, o evangelismo por metas móveis não possui outra opção a não ser lançar o cumprimento da profecia de Mateus 24:14 para um momento assustadoramente distante de um futuro obscuro, que não pode ser vislumbrado. O desânimo inevitavelmente toma conta e o senso de urgência desaparece.

Perceba-se que quando a evangelização "dos nossos vizinhos", que por definição nunca estão definitivamente evangelizados, mantém-se como meta evangelística prioritária *ad infinitum*, apesar de todas as tentativas e as consecutivas rejeições, é inevitável que surja a pergunta de como pode ser que Jesus algum dia volte se todo esse processo de evangelização interminável ainda tiver que ser repetido em todos os outros lugares do mundo que ainda não foram alcançados. O desânimo natural que surge pode se acentuar um pouco mais, aliás, se ficar decidido que seu vizinho não foi devidamente evangelizado até que ele entenda o que é o emocionar-se com o evangelho e viver os sentimentos que ele produz, e que essa perspectiva precisará também ser propagada, obviamente, no mundo todo. Tomado pelo desgosto, o adventista termina sempre por abraçar a clássica e truística conclusão de que Jesus voltará mesmo, afinal de contas, quando a morte vier. Os argumentos 3 e 6 do capítulo 6 tratam do tempo de duração de uma campanha evangelística exitosa no nível local e de quanto tempo poderia levar a própria missão mundial, de acordo com o que a Bíblia e o Espírito de Profecia revelam.

A peculiar combinação de desânimo, cansaço e espírito desencorajado causada pelo evangelismo por metas móveis e a verdade inquestionável e arrebatadora de Mateus 24:14 fica bem ilustrada, por fim, na música adventista. O lema do "enquanto Ele não vem sigo esperando" apresenta tanto uma afirmação na crença em Mateus 24:14

quanto o próprio desânimo em levar a cabo a missão da igreja ali implícita. Outra música bem popular, cantada exaustivamente nas igrejas, trata do cristão que não entende as causas da própria desmotivação, mas reconhece sua missão de pregar ao mundo. Já uma outra, em tom de cansaço, insiste na pergunta: "até quando teremos que esperar?". É fácil notar que o adventista reconhece o caráter condicional da profecia de Mateus 24:14, mas, perdido em sua confusa concepção de evangelismo, não se sente encorajado a cumprir sua missão: aguarda porque não imagina estar em seu poder apressar a volta de Jesus e não apressa a volta de Jesus porque apenas a aguarda.

Consequência 3) Cria desconfiança e reduz o número de dizimistas.

Apesar não ser a atitude correta, muitas pessoas deixam de devolver o dízimo ao desconfiar da forma com que ele é administrado:

"Alguns se têm sentido mal-satisfeitos, e dito: "Não devolverei mais o dízimo; pois não confio na maneira como as coisas são administradas na sede da Obra." Roubareis, porém, a Deus, por pensardes que a administração da Obra não é correta? Apresentai vossa queixa franca e abertamente, no devido espírito, e às pessoas competentes."

Conselhos sobre Mordomia, p.93

A apresentação da queixa será abordada em seu devido contexto no capítulo 7. Por enquanto, basta apenas considerar três fatos: (1) má administração dos dízimos provoca desconfiança; (2) desconfiança, por sua vez, causa diminuição no montante de dízimos arrecadados, pois é necessário assumir que nem todos os dizimistas descontentes tomarão o caminho da apresentação da queixa ao invés de optar pela interrupção das devoluções; (3) o evangelismo por metas móveis, em razão de sua própria natureza, é uma fonte inesgotável de desconfiança. Da combinação dos três fatos resulta que o evangelismo por metas móveis não apenas distribui mal os recursos evangelísticos, porém ainda opera, em razão de sua própria natureza, com uma quantidade de recursos evangelísticos inferior àquela que efetivamente poderia ser usada para apressar a volta de Jesus.

Capítulo 5

A oposição entre o evangelismo por metas móveis e as lições de evangelismo contidas na Parábola do Semeador

O capítulo anterior apresentou algumas das consequências gerais do evangelismo por metas móveis. O propósito deste capítulo, por seu turno, é compará-lo ao evangelismo bíblico, cujos princípios estão registrados tanto nas sagradas escrituras quanto no Espírito de Profecia e os quais foram praticados, de modo análogo, tanto na Igreja Primitiva quanto na Igreja de Filadélfia. A proposta é analisar a maneira com que as duas concepções de evangelismo compreendem e tratam cada um dos solos com o qual o evangelho se defronta, os quais Jesus descreve na Parábola do Semeador.

Os solos da parábola do Semeador: cinco grupos de pessoas

A Parábola do Semeador apresenta inicialmente quatro grupos distintos de pessoas, os quais reagem ao evangelho de formas diferentes.

"Tendo Jesus saído de casa, naquele dia, estava assentado junto ao mar; E ajuntou-se muita gente ao pé dele, de sorte que, entrando num barco, se assentou; e toda a multidão estava em pé na praia. E falou-lhe de muitas coisas por parábolas, dizendo: Eis que o semeador saiu a semear. E, quando semeava, uma parte da semente caiu ao pé do caminho, e vieram as aves, e comeram-na; E outra parte caiu em pedregais, onde não havia terra bastante, e logo nasceu, porque não tinha terra funda; Mas, vindo o sol, queimou-se, e secou-se, porque não tinha raiz. E outra caiu entre espinhos, e os espinhos cresceram e sufocaram-na. E outra caiu em boa terra, e deu fruto: um a cem, outro a sessenta e outro a trinta. Quem tem ouvidos para ouvir, ouça."

Mateus 13:1-9 - ACF

O próprio Jesus explicou:

"O que semeia, semeia a palavra; E, os que estão junto do caminho são aqueles em quem a palavra é semeada; mas, tendo-a eles ouvido, vem logo Satanás e tira a palavra que foi semeada nos seus corações. E da mesma forma os que recebem a semente sobre pedregais; os quais, ouvindo a palavra, logo com prazer a recebem; Mas não têm raiz em si mesmos, antes são temporãos; depois, sobrevindo tribulação ou perseguição, por causa da palavra, logo se escandalizam. E outros são os que recebem a semente entre espinhos, os quais ouvem a palavra; Mas os cuidados deste mundo, e os enganos das riquezas e as ambições de outras coisas, entrando, sufocam a palavra, e fica infrutífera. E estes são os que foram semeados em boa terra, os que ouvem a palavra e a recebem, e dão fruto, um trinta, e outro sessenta, e outro cem."

Marcos 4:14-20 - ACF

A semente à beira do caminho não é indecisa e prontamente rejeita o evangelho. A semente lançada em terreno pedregoso, de forma semelhante, não é indecisa. Ao contrário do caso anterior, no entanto, aceita o evangelho. É de se imaginar que chega até mesmo a se unir a uma congregação, abandonando-a eventualmente. Já a semente lançada entre espinhos parece experimentar uma espécie de dúvida, quer se una ou não a uma congregação. Acabará, de qualquer forma, por nunca aceitar a fé. A semente lançada em boa terra, por sua vez, é um caso singular. Curiosamente, não parece ser o tipo de evangelizado que necessariamente aceita a fé de forma rápida ou mesmo alegre, como no segundo caso. Jesus simplesmente afirma que ela a aceita e em seguida dá frutos, dando a entender que pode ou não haver um período de indecisão.

É possível identificar, portanto, três grupos que surgem logo após a pregação do evangelho: os rejeitores, os indecisos e os recém conversos. Considerando que, com o passar do tempo, os recém conversos podem tomar o rumo da semente lançada em terreno pedregoso ou o da lançada em terra boa, existem quatro grupos entre aqueles que foram evangelizados: os rejeitores, os indecisos, que em algum momento terão que assumir uma posição, os recém conversos e os conversos missionários, que são aqueles que dão boa colheita, auxiliando

o semeador a trazer outros para junto de Si. É evidente que todos esses solos são aqueles que foram de fato semeados e representam as pessoas que foram evangelizadas. A incompletude do cenário de Mateus 24:14 remete ainda ao quinto solo: o não semeado, ao qual o semeador ainda não chegou e que representa aqueles indivíduos que não foram ainda alcançados pelo evangelho. Portanto, os cinco solos são: (A) o rejeitor; (B) o indeciso; (C) o recém converso; (D) o converso missionário; (E) o não evangelizado. A figura abaixo é uma tentativa de resumir a parábola sob esse aspecto:

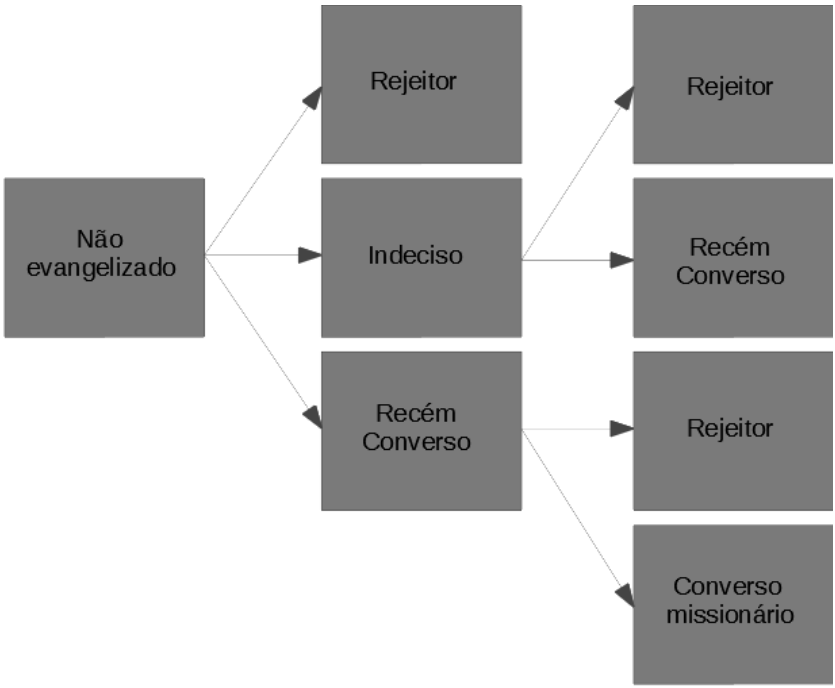


Figura 1 - Resumo da Parábola do Semeador

O semeador chega ao não evangelizado. Ao ser lançada a semente, ação representada pelas primeiras flechas, três são os resultados possíveis: o rejeitor, o indeciso ou o recém-converso. Nesse estágio, a obra está concluída tanto para o rejeitor quanto para o indeciso, de

acordo com o que os textos das Sagradas Escrituras e do Espírito de Profecia apontam, conforme será demonstrado adiante. O recém converso, apesar de evangelizado, por sua vez, precisa ainda ser auxiliado no caminho da santificação. As duas flechas que dele saem representam a ação conjunta do Espírito Santo e da Igreja, que devem se esforçar por formar um converso missionário, embora seja possível que o resultado seja um rejeitor. Do indeciso, ainda, pode surgir um rejeitor ou um recém converso. As duas flechas no canto superior direito representam também a ação conjunta do Espírito Santo e da Igreja, mas, considerando que nesse caso o evangelho já foi apresentado, porém não inteiramente aceito, a igreja só poderá agir se for procurada.

Vale ainda lembrar que o modelo proposto não considera o caminho do rejeitor à conversão unicamente pelo motivo de não ser mencionado na parábola. Reflita-se sobre esse tipo de conversão: a experiência parece demonstrar que existe, pois são constatadas todos os dias incríveis histórias de arrependimento e batismo das pessoas mais incrédulas e completamente decididas na rejeição ao evangelho (sempre se reconhece, nesses casos, que a atuação humana teve papel nulo no resultado final e que os méritos devem ser dados todos unicamente ao Espírito Santo). Entretanto, esses formidáveis relatos revelam também a abundância de diagnósticos preconceituosos, em que se considera rejeitor quem na verdade é um indeciso. Ignora-se ainda o fato de que é inútil distinguir entre um e outro, pois ambos estão evangelizados e o melhor a se fazer, nos dois casos, é seguir adiante pregando o evangelho para novas pessoas, como se procurará demonstrar.

A) O evangelizado que rejeitou a mensagem

O evangelismo por metas móveis está impregnado de crença triunfalista: se alguém não aceitou o evangelho, é sempre porque a pregação não foi feita do jeito certo ou com a intensidade apropriada. Se, no futuro, o pregador retornar com o modo ou o tom correto, o ímpio se converterá. De um modo ou de outro, todo mundo acabará por se converter.

Ainda que não assuma oficial e publicamente o dominionismo e o pós-milenarismo, uma grande parte dos adventistas e dos evangélicos age como se Jesus só fosse voltar quando toda a humanidade estivesse convertida ao cristianismo. Agir de acordo com uma crença

nefasta é tão terrível quanto pregá-la. O evangelismo bíblico, por sua vez, guia-se por uma certeza:

"Todas as nações da Terra ouvirão o evangelho de sua graça. NEM TODOS O RECEBERÃO."

O Desejado de Todas as Nações, p.828 (grifo nosso)

O próprio Jesus não só alertou que alguns não receberiam o evangelho, como ensinou o que fazer nesse caso:

"E, se ninguém vos receber, nem escutar as vossas palavras, saindo daquela casa ou cidade, sacudi o pó dos vossos pés."

Mateus 10:14 - ACF

O Comentário Bíblico Adventista esclarece o que significa e no que implica "sacudir o pó":

"**Sacudi o pó.** Os discípulos não deviam perder tempo onde não fossem bem recebidos, mas deviam se apressar para encontrar os que os receberiam com alegria. Esse ato após se retirar de uma casa ou cidade servia como um protesto solene, não um ato rude. Ao sacudir a poeira de seus pés, os discípulos estavam simplesmente dizendo às pessoas que deviam aceitar a responsabilidade por sua decisão."

Comentário Bíblico Adventista vol.5, p.393

O Espírito de Profecia corrobora a definição e ainda expande sua aplicação:

"Quando os mensageiros de Cristo que saem para ensinar a verdade a outros são rejeitados e suas palavras não acham lugar no coração, Cristo é rejeitado e Sua palavra desprezada nos mensageiros da verdade a quem Ele escolheu e enviou. Isto tem uma aplicação tão plena nesta época do mundo como quando Cristo deu a instrução a Seus mensageiros escolhidos. Quando Cristo esteve na Terra, houve pessoas que não tinham respeito ou estima pelos mensageiros de Deus nem mais consideração por sua admoestação do que pelo próprio discernimento; também nesta época do

mundo há aqueles que não respeitam o testemunho dos servos escolhidos de Deus de modo tão elevado como as próprias opiniões. Tais pessoas não podem ser beneficiadas pelo trabalho dos servos de Deus, e tempo não devia ser desperdiçado em degradar a obra de Deus para satisfazer tais mentes. Cristo disse aos servos quando os enviou: "Quem vos ouve a vós a Mim Me ouve; e quem vos rejeita a vós a Mim Me rejeita; e quem a Mim Me rejeita, rejeita Aquele que Me enviou." Lucas 10:16."

Testemunhos para a Igreja 3, p.450

Impressionante é a forma com que os adventistas, hipnotizados pelo evangelismo por metas móveis, não conseguem enxergar ou simplesmente ignoram o óbvio significado de "sacudir o pó". Instalada em uma passagem incontroversa, tal como é a de Mateus 24:14, a expressão transmite uma luz bíblica simples e poderosa, que está muito longe de ter sido dada apenas ao povo adventista, inclusive. Causa até certo espanto ver a forma com que, paradoxalmente, a noção de repúdio à rejeição do evangelho chega a ser um lugar comum entre as próprias igrejas evangélicas, todas praticantes do evangelismo por metas móveis. Tome por exemplo os comentários da Bíblia de Estudo NVI, que é referência entre os evangélicos em geral e acusa um significado muito semelhante para a expressão:

"Sacudam a poeira dos pés. Ato simbólico praticado pelos fariseus quando saíam de uma região gentílica "impura". Aqui, representava um ato de advertência solene aos que rejeitavam a mensagem de Deus.

Bíblia de Estudo NVI - Nota de rodapé referente a Mateus 10:14

"*Sacudam a poeira dos seus pés.* Sinal de repúdio para com a rejeição da mensagem de Deus e sinal de separação de tudo quanto se associasse ao lugar."

Bíblia de Estudo NVI - Nota de rodapé referente a Lucas 9:5

A instrução dada por Jesus não era pontual. Trata-se de um princípio de longo alcance. Prova disso é que no livro de Atos ele aparece novamente, demonstrando que mesmo aqueles discípulos que não haviam estado com Jesus pessoalmente se regozijaram em seguir à risca

Sua orientação:

"Mas os judeus incitaram algumas mulheres religiosas e honestas, e os principais da cidade, e levantaram perseguição contra Paulo e Barnabé, e os lançaram fora dos seus termos. Sacudindo, porém, contra eles o pó dos seus pés, partiram para Icônio. E os discípulos estavam cheios de alegria e do Espírito Santo."

Atos 13:50-52 - ACF

O Comentário Bíblico Adventista oportunamente complementa o conceito:

"Sacudindo o pó. Em obediência à ordem do Senhor (Mt.10:14), isso mostra que esses missionários tinham conhecimento do que Jesus ensinara aos doze. Este gesto não foi feito contra os pagãos, mas contra os judeus incrédulos. Por rejeitarem o evangelho, até mesmo o pó da rua onde pisavam eram imundo para os apóstolos."

Comentário Bíblico Adventista vol. 6, p.304

A Bíblia de Estudo NVI, de modo semelhante, também torna a comentar:

"*Sacudiram o pó.* Para demonstrar que não pesava mais responsabilidade sobre eles, manifestando também o repúdio por aqueles que haviam rejeitado a mensagem e causado sofrimento aos servos do Senhor."

Bíblia de Estudo NVI - Nota de rodapé referente a Atos 13:51

Portanto, é crucial ter em mente de forma bem clara qual é o tratamento evangelístico ordenado pela Bíblia no caso do rejeitor. Ao invés de insistir onde não se devia e destinar uma infinidade de recursos evangelísticos às pessoas que haviam rejeitado o evangelho diversas vezes, reiteradamente, a igreja primitiva, que "sacudia o pó" em obediência ao comando de Jesus, (1) repudiava a rejeição ao evangelho, (2) compreendia que não possuía mais qualquer responsabilidade sobre os rejeitores, (3) deixava para trás o lugar onde havia rejeição e (4) mantinha a alegria mesmo quando as boas novas não eram bem

recebidas, pois sua alegria estava em Deus e não nos homens. A implicação de tudo isso precisa ser aceita: nenhum recurso evangelístico deve ser destinado aos rejeitores, quer em forma de dízimos, ofertas ou pessoas. Não é o grupo dos rejeitores o mais numeroso no mundo ocidental? Não é a esse grupo, no entanto, que mais se destina recursos evangelísticos? Não se vê por toda parte campanhas evangelísticas onde o evangelho há muito tempo deixou de ser boas novas? O único resultado possível da destinação de recursos equivocada é o atraso da volta do Senhor. A Sra. Ellen White alertou:

"Temos a mais solene e probante mensagem para proclamar ao mundo. Mas demasiado tempo se tem dedicado aos que já conhecem a verdade. Em lugar de gastar tempo com aqueles que já têm tido muitas oportunidades de conhecer a verdade, ide ao povo que nunca ouviu nossa mensagem."

Carta 87 (1896)

O evangelismo por metas móveis, que é pródigo no gasto de tempo condenado pela Sra. White, não consegue ou não quer diferenciar rejeitores de não evangelizados, e bem pode ser que aconteça as duas coisas. Quando se mostra incapaz de diferenciar os dois grupos, revela-se como uma típica estratégia da Igreja de Laodicéia, que é cega:

"Como dizes: Rico sou, e estou enriquecido, e de nada tenho falta; e não sabes que és um desgraçado, e miserável, e pobre, e CEGO, e nu. Aconselho-te que de mim compres ouro provado no fogo, para que te enriqueças; e roupas brancas, para que te vistas, e não apareça a vergonha da tua nudez; E QUE UNJAS OS TEUS OLHOS COM COLÍRIO, PARA QUE VEJAS.

Apocalipse 3:17-18 - ACF (grifo nosso).

Já quando existe o ato voluntário de desconsiderar a diferença entre rejeitores e não evangelizados, é a ordem expressa de Jesus que está sendo desobedecida. Os cristãos sinceros que acreditam que devem insistir até convencer precisam acordar para o fato de que isso é justamente o oposto do que Jesus ensinou. Portanto, quem recebeu o evangelho e o negou está também evangelizado. Perder ali mais tempo é descumprir uma clara ordem dada pelo Mestre.

B) O evangelizado que está indeciso

"Então Elias se chegou a todo o povo, e disse: Até quando coxeareis entre dois pensamentos? Se o Senhor é Deus, segui-o, e se Baal, segui-o. Porém o povo nada lhe respondeu."

1 Reis 18:21 - ACF

Jesus explica uma importante diferença entre o rejeitor e o indeciso: a palavra semeada no coração do rejeitor é imediatamente retirada por Satanás. Portanto, não há mais ali nenhuma semente. Não é o caso do indeciso, entretanto, em cujo coração há uma semente lutando para se desenvolver, a despeito da hesitação. Antes de se conhecer o resultado final que o evangelho causará no coração de um indeciso, tanto pode ser que a semente tenha sido lançada entre espinhos quanto em boa terra. A Sra. Ellen White esclarece:

"A boa semente semeada pode permanecer por algum tempo num coração frio, mundano e egoísta, sem demonstrar haver lançado raízes; mas frequentemente o Espírito de Deus atua nesse coração e o rega com orvalho do céu, e a semente há tanto tempo ali escondida germina e afinal produz fruto para a glória de Deus. Não sabemos em nossa atividade qual prosperará, se esta se aquela. Não são estes assuntos que nós, pobres mortais, devamos resolver. Temos que fazer o nosso trabalho, deixando com Deus os resultados."

Testimonies for the Church 3, p.248 (1872)

Não cabe portanto ao ser humano, roubando do Espírito Santo sua tarefa, tentar convencer o descrente. Qual é o efeito de se destinar recursos financeiros, materiais ou humanos ao indeciso? Absolutamente nenhum, a não ser o próprio comprometimento dos recursos, que poderiam estar alocados em outro lugar.

Há porém algo em comum entre o rejeitor e o indeciso: ambos foram efetivamente evangelizados. O próprio fato de que alguém possui uma dúvida sobre a qual refletir é a prova de que a semente foi ali plantada, pois ninguém pode decidir por uma opção que desconhece. Como poderia um não evangelizado, por exemplo, possuir a mesma dúvida?

Do que se conclui, em resumo, que: (1) o indeciso é um indivíduo QUE JÁ FOI EVANGELIZADO; (2) convencer indecisos NÃO É

TRABALHO PARA O SER HUMANO, mas sim do Espírito Santo; (3) a conversão de um indeciso é um RESULTADO e não algo no qual se trabalhar. Por consequência desses três fatos, qualquer recurso evangelístico gerido pelo ser humano que esteja alocado em um indeciso está sendo simplesmente desperdiçado.

C) O recém converso

Ao contrário dos casos anteriores, ao recém converso é válido destinar recursos evangelísticos, apesar de isso parecer contraintuitivo aos olhos de quem está impregnado com a crença na validade do evangelismo por metas móveis:

"E o que é instruído na palavra reparta de todos os seus bens com aquele que o instrui."

Gálatas 6:6 - ACF

O modelo ensinado pelo Apóstolo Paulo aparece bem claramente neste verso: os recém-conversos, que são aqueles que mais precisam ser instruídos, precisam dizimar e ofertar a fim de manter os próprios instrutores que os auxiliam. Logo, a conclusão é de que os instrutores de recém-conversos devem ser mantidos por recursos evangelísticos. A Sra. Ellen White corrobora a instrução:

"Precisa-se de sábia liderança na escolha dos campos de trabalho. Antes de entrar em um campo, devem ser feitos os planos quanto à maneira de cuidar das almas. Quem cuidará dos que aceitarem a verdade? Terão aceitado uma verdade impopular. Quem os educará depois de terem aprendido seu ABC? Quem moldará espiritualmente sua experiência? Trabalhar com muita despesa para trazer almas para a verdade e em seguida deixá-las orientando sua própria vida de acordo com falsas ideias que receberam, entrelaçadas em sua experiência religiosa, será deixar o trabalho em muito piores condições do que se a verdade nunca houvesse chegado até eles. Deixar a obra incompleta e a se desbaratar é pior do que esperar até que haja planos bem formulados para cuidar dos que abraçam a fé."

Carta 60 (1886)

Essa carta enfatiza que o cristão recém converso não pode ser abandonado à própria sorte após o esforço evangelístico inicial, pois evangelismo é tanto ensinar as verdades fundamentais anteriores ao batismo quanto instruir nas posteriores, de modo que é também um dever da igreja auxiliar a criança que engatinha na fé. Não deve haver nenhuma tentativa de lavar as mãos quanto à responsabilidade de guiar os iniciados no caminho da santificação:

"Mas agora, libertados do pecado, e feitos servos de Deus, tendes o vosso fruto para santificação, e por fim a vida eterna."
Romanos 6:22 - ACF

Paulo está escrevendo, nesse contexto, às igrejas recém fundadas nas províncias romanas. Ele está dizendo às pessoas dessas igrejas que, devidamente batizadas e convivendo em congregação, são elas agora servas de Deus e estão livres do pecado. Sendo já discípulas, um novo momento e um novo desafio se iniciam: a santificação. Paulo lhes estava assegurando que já possuíam, naquela circunstância, tudo de que necessitavam para iniciar esse estágio, que não deve ser encarado com uma atitude ascética:

"E consideremo-nos uns aos outros, para nos estimularmos ao amor e às boas obras,"
Hebreus 10:24 - ACF

Por fim, deve ficar clara a diferença entre o evangelismo bíblico e o evangelismo por metas móveis no que diz respeito ao recém converso, pois mesmo a concepção de evangelismo praticada hoje não rejeita, em sua ética e em seu discurso, a ideia de que o recém converso precisa de atenção e cuidado. A distinção fundamental está no fato de que essa atenção e cuidado, de acordo com a Bíblia, deve ser empregada exclusivamente no recém converso. Os entusiastas do evangelismo por metas móveis, de modo contrário, distribuem atenção instrutiva tanto entre recém conversos quanto entre rejeitores e indecisos, cuidando que isso não resultará em prejuízo a ninguém. Considerando a escassez dos recursos evangelísticos, é evidente que atender rejeitores e indecisos com instrução cristã que eles optaram por não receber resultará em um atendimento precário ao recém converso, se os recursos forem

divididos de forma igualitária entre os três grupos. E não é necessário dom profético, nesse caso, para antecipar o resultado do atendimento defeituoso ao novo converso: cristãos mal instruídos, que posteriormente se acharão na posição de líderes, onde é enorme o estrago que serão capazes de causar, inclusive em termos de manutenção ou ampliação do evangelismo por metas móveis.

D) O converso missionário

Lembremos o caminho que o converso missionário precisou trilhar até se tornar efetivamente uma poderosa ferramenta evangelística nas mãos do Semeador: andando em trevas, (1) recebeu a semente do evangelho. Tanto pode ter aceitado a fé prontamente como (2) pode ter passado por um período de intrincada reflexão. Uma vez firme em sua decisão ao lado de Jesus, uniu-se a outros cristãos, tornou-se discipulista e (3) recebeu auxílio de professores com uma fé mais madura e robusta. Finalmente, ao deixar de engatinhar, (4) o Senhor deu-lhe o comando: ide!

Em cada um dos quatro momentos específicos pelos quais passou, algo poderia ter saído errado e a semente ter sido destruída. Diferentes concepções de evangelismo envolvidas em sua evangelização poderiam ter causado resultados bem distintos. O converso missionário, que passou por todas as etapas evangelísticas, merece ser observado cuidadosamente.

Considere-se o que poderia ter ocorrido a ele se o evangelismo por metas móveis fosse a regra em todos os momentos de sua trajetória: primeiramente, grandes eram as chances de que o momento (1) nunca tivesse acontecido e a semente do evangelho nunca tivesse chegado até ele, pois é um fato meramente fortuito que os missionários guiados por evangelismo por metas móveis encontrem não evangelizados. As metas evangelísticas móveis dão aos rejeitores, indecisos e não evangelizados o mesmo rosto. Quando o evangelho finalmente consegue, por acaso, encontrar seu caminho até o não evangelizado, já passou bastante tempo entre indivíduos que tiveram oportunidade de abraçá-lo duas, três, quatro ou cinco vezes.

De qualquer forma, uma vez o evangelho conhecido, estaria em curso o período (2), em que a indecisão pode tomar a mente. Novo risco estaria pairando sobre o candidato a converso missionário: os

evangelistas apegados a metas móveis, que atropelam o trabalho do Espírito Santo, poderiam ter insistido tanto com ele a respeito do batismo, que facilmente o teriam repelido da verdade. Se, não obstante, mesmo assim ele aceitasse a fé e chegasse a se unir a uma congregação, muito provavelmente poderia ser privado do momento (3), como comumente acontece. Não é raro que os recém batizados sejam abandonados por sua congregação tão logo se juntem a ela, exatamente no momento em que precisam de instrução, atenção e cuidado constantes, pois os recursos evangelísticos destinados aos recém conversos, no evangelismo por metas móveis, são residuais. Os instrutores estão permanentemente ocupados com indecisos e rejeitores, de modo que o preparo dos futuros instrutores se torna secundário. Na prática, se um converso imerso no contexto do evangelismo por metas móveis almeja se tornar um missionário, que é o único caminho possível na jornada cristã, precisará guiar-se por si mesmo. Pode até ser que falte receptividade por parte da congregação, mas o problema principal não é esse, pois o que ocorre é que cada recém batizado compete por recursos evangelísticos com um número inimaginável de rejeitores e indecisos.

Finalmente, jornadeando por conta própria, o cristão chega ao momento (4) a salvo de todos os perigos anteriores e enfim se torna um poderoso evangelista, aqui chamado de converso missionário. Nada mais poderia atrapalhá-lo quando o Senhor lhe ordenasse para sair e pregar o evangelho ao mundo, exceto se o evangelismo por metas móveis aparecesse outra vez em seu caminho. Ao perguntar ao Senhor aonde deveria ir, incapaz de encontrar a resposta na Bíblia por si mesmo, poderia esbarrar em um entusiasta do evangelismo por metas móveis disposto a instruí-lo: "tanto faz para onde você vai, pois todo e qualquer lugar é igualmente importante e há um evangelho a ser pregado ali. Sempre existe um novo evangelho para cada pessoa. Apenas saia e pregue". E é assim que, em todos os momentos do que se chama popularmente de ciclo do discipulado, o evangelismo por metas móveis está no lugar errado fazendo a coisa errada e minando a formação de conversos missionários.

Quando o evangelismo bíblico é a regra, entretanto, o não evangelizado é sabiamente diferenciado do rejeitor e do indeciso e se torna um alvo prioritário. Se passar por indecisão, seus evangelizadores não atrapalharão o trabalho do Espírito Santo e seguirão orando. Ao abraçar a fé, muitos recursos evangelísticos são ainda a ele destinados,

o que permite que seja instruído e guiado com atenção redobrada. E enfim, com uma fé robusta, irá até as nações não evangelizadas ou instruirá com dedicação os recém-conversos, dando " colheita de trinta, sessenta e até cem por um".

"Orai, pois, ao Senhor da seara, que envie trabalhadores para a sua seara."

Mateus 9:38 - BKJ

E) O não evangelizado

Por fim, os não evangelizados, de acordo com o que a parábola do Semeador demonstra, são os solos que ainda não foram semeados, o que se pode considerar uma definição bíblica. O evangelismo por metas móveis, por sua vez, define o não evangelizado de uma outra forma. Para se acreditar que sempre há uma nova conquista evangelística para ser empreendida em um determinado local, é necessário antes crer que sempre há uma nova conquista evangelística para ser empreendida em cada indivíduo isoladamente, o que equivale a postular que não evangelizado é qualquer pessoa.

A melhor forma de verificar se é essa mesma a definição de não evangelizado adotada pelo evangelismo por metas móveis é identificando os grupos de pessoas que essa concepção de evangelismo considera ou não alvos estratégicos ao alocar os recursos evangelísticos. Dos cinco grupos de pessoas descritos, os recursos parecem estar distribuídos dessa forma: rejeitores, indecisos e não evangelizados recebem praticamente a totalidade dos recursos evangelísticos. Um vez que os três grupos são tratados indistintamente, como se fossem um grupo só, o que define a quantidade de recursos destinados a cada grupo é o seu tamanho, de modo que quanto mais rejeitores e indecisos houver, mais recursos roubarão dos não evangelizados. Aos conversos missionários, por sua vez, são destinados recursos evangelísticos que se referem a treinamento para potencializar os impactos das campanhas evangelísticas nos três grupos anteriores, de tal maneira que esses recursos são também alocados, na verdade, entre rejeitores, indecisos e não evangelizados.

O grupo dos recém conversos, por sua vez, fica com o que sobra, que costumeiramente é nada. Esse grupo carrega sobre si o azar de

ter sido batizado: já cumpriu com seu dever de engordar as estatísticas de números de batismo, que é o indicador máximo de avanço da obra missionária no evangelismo por metas móveis. Depois de todos os recursos usados para batizá-lo, acompanhá-lo na caminhada cristã é um luxo que não pode sequer ser considerado. É justamente aí que o evangelismo por metas móveis se mostra ainda mais bizarro, pois embora carregue a ideia de que todos necessitam de novas empreitadas evangelísticas igualmente, o grupo dos recém conversos é sempre considerado evangelizado para fins de estratégia, pois a esse grupo sobra apenas as migalhas dos recursos evangelísticos, quando sobra. Mesmo quem já está unido à congregação por um longo tempo e não exerce qualquer outra atividade que não a de simplesmente permanecer ali, pessoa que na verdade é um rejeitor ou indeciso, é amplamente atendido com os recursos evangelísticos que financiam os simpósios de níveis intermediário e avançado que abundam nas igrejas adventistas nos sábados à tarde e os quais tratam de criacionismo, mordomia cristã, música, exegese bíblica, teologia geral e outros assuntos semelhantes. A Irmã White observou esse fenômeno e escreveu a respeito dele:

"Estou profundamente preocupada com o desrespeito aos avisos e apelos que foram feitos pelo Espírito de Deus através do humilde instrumento. Muito tempo é dedicado a grandes reuniões para a instrução daqueles que sabem a verdade, quando, se esses mesmos com contrição de coração abandonam seu egoísmo, e vão sinceramente, em espírito de oração, trabalhar para comunicar luz àqueles que estão nas trevas espirituais, eles receberiam força muito superior a qualquer coisa que pudessem obter gastando tanto dinheiro e trabalho para si. Eles têm os benefícios das reuniões do acampamento e muitas outras oportunidades de instrução. Se estes não realizarem o trabalho para eles, institutos grandes e caros não o realizarão. O tempo assim gasto pelos presentes poderia ser melhor empregado para entrar em alguns dos campos escuros e não trabalhados."

Spalding and Magan Collection, p.13

Portanto, embora o evangelismo por metas móveis considere não evangelizadas todas as pessoas, as evidências em relação ao modo com que é feita a distribuição dos recursos evangelísticos sugere algo

ligeiramente diferente: os recém conversos são os únicos considerados evangelizados, pois não recebem recursos evangelísticos. Por esse critério, todas as demais pessoas se enquadram como não evangelizadas, inclusive as que já conhecem a verdade e permanecem na igreja, pois se destina a elas alguma quantidade desses recursos. Sob esse prisma, o evangelismo por metas móveis prega o próprio dominionismo, segundo o qual o êxito completo na missão evangelística ocorrerá quando todos os indivíduos do planeta tiverem aceito as boas novas, ou ao menos é o que a alocação de recursos nessa concepção de evangelismo dá a entender.

Em contrapartida, o evangelismo bíblico é muito mais claro em relação ao dominionismo, ao não evangelizado e à alocação dos recursos evangelísticos. A respeito da possibilidade de que o mundo todo aceite o evangelho, não há questionamentos:

"Todas as nações da Terra ouvirão o evangelho de sua graça. Nem todos o receberão."

O Desejado de Todas as Nações, p.828

A respeito de quem considerar não evangelizado e de qual é a alocação ideal para os recursos evangelísticos, o princípio bíblico de sacudir o pó do calçado é inequívoco: não evangelizado é quem ainda não conhece o evangelho e os recursos evangelísticos devem ser alocados de modo a fazer com que as boas novas cheguem a esse indivíduo. A Irmã White não poderia ter deixado mais claro:

"Tenho sido instruída no sentido de que não devemos agrupar demasiados interesses na mesma localidade, mas procurar pontos em outros distritos mais isolados, e trabalhar em novos lugares. Assim, podem ser ALCANÇADAS E CONVERTIDAS PESSOAS QUE NÃO CONHECEM COISA ALGUMA DAS PRECIOSAS E PROBANTES VERDADES PARA ESTE TEMPO..."

Carta 318 (1908) (grifo nosso)

Alguma parte dos recursos evangelísticos deve ser destinada aos recém conversos, no entanto, conforme foi demonstrado no item C.

Considerações finais sobre os cinco grupos de pessoas na Parábola do Semeador

Tentou-se aqui estabelecer uma distinção entre cada um dos cinco grupos que podem ser encontrados na Parábola do Semeador unicamente com o intuito de chamar a atenção para a necessidade imediata de alocar recursos evangelísticos de acordo com critérios bíblicos. Em resumo, é contrário às orientações bíblicas destinar recursos evangelísticos aos que rejeitaram a mensagem e ao indecisos, pois nestes todo o trabalho humano possível já foi realizado, não restando mais nada a fazer a não ser orar e confiar no trabalho do Espírito Santo. No entanto, é válido destinar recursos evangelísticos aos recém conversos, que aceitaram a mensagem, pois precisam ser instruídos e guiados a fim de se tornar missionários capacitados e robustos na fé. É justamente dessa forma, produzindo missionários capazes, que os recursos evangelísticos são multiplicados:

"Uma obra deve ser feita na vinha do Senhor, que testificará a genuinidade e o valor da verdade e glorificará a Deus. Devemos trabalhar para aqueles que, quando convertidos, serão uma ajuda no trabalho, produtores e não consumidores. Mas o trabalho realizado para a classe mais baixa de párias é uma questão muito incerta. Aqueles que gastam seu tempo e força no trabalho por aqueles que nunca farão nada além de se apoiarem em ajuda, desqualificam-se para a posição que Deus os faria preencher Seu exército."
The Kress Collection, p.120

Os não evangelizados, por seu turno, precisam ser sabiamente identificados, sem confundi-los com rejeitores ou indecisos. Aos lugares não evangelizados devem ser enviadas quantidades significativas de recursos evangelísticos, tendo em mente o cumprimento da profecia de Mateus 24:14. Como se verá no capítulo 8, há muitos recursos evangelísticos ociosos que devem ser enviados aos países não evangelizados, haja neles liberdade religiosa ou não.

Algo muito impressionante a se considerar a respeito dos cincos grupos descritos neste capítulo, por fim, é o que será feito de cada um quando a obra evangelística estiver enfim completa:

"E ele disse-me: Não seles as palavras da profecia deste livro; porque o tempo está próximo. Aquele que é injusto, continue sendo injusto; e aquele que é impuro, continue sendo impuro; e aquele que é justo, continue sendo justo; e aquele que é santo, continue sendo santo."

Apocalipse 22:10-11 - BKJ

Quando, encerrada a obra, não houver mais no mundo um único não evangelizado sequer e a cada ser humano tiver sido levada a opção ao Reino de Deus, os cinco grupos se tornarão apenas dois: os que estiverem apegados ao propósito de se assemelhar a Jesus e os que estiverem engajados no propósito de ficar cada vez mais diferentes em relação a Ele. Quando esse cenário estiver montado, Jesus já estará chegando.

Capítulo 6

Alguns argumentos comuns a favor do evangelismo por metas móveis e as razões pelas quais eles não convencem

Os argumentos mais comuns em defesa do evangelismo por metas móveis transitam entre bocas e ouvidos de adventistas corriqueiramente, tão arraigados na consciência coletiva da igreja, que é como dizer que o céu é azul, mas mesmo o peso de um século de repetição sobre repetição não resiste ao texto bíblico e às orientações dos nossos pioneiros, que verdadeiramente almejaram a volta do Senhor em sua geração. Uma sincera consulta à Bíblia e ao Espírito de Profecia, mesmo em uma investigação não muito profunda, desmonta por completo o evangelismo por metas móveis e seus motivos. Abaixo seguem os argumentos mais populares e as razões pelas quais são frágeis, sofísticos ou puramente retóricos, dependendo de caso para caso.

Argumento 1 - Não podemos, em hipótese alguma, desistir de evangelizar nossos queridos que ainda não se decidiram.

Trata-se de um argumento correto, o qual faz muito mais sentido, no entanto, ao ser usado para descartar o evangelismo por metas móveis ao invés de defendê-lo. O desejo de ver salvos os queridos e amigos é evidentemente tão nobre e legítimo, que parece fácil ser levado a entendimentos confusos e desesperados quando se olha ao redor e as pessoas queridas parecem seguir a passos largos em direção à perdição da alma. O argumento é usado como apologia ao evangelismo por metas móveis na medida em que é empregado para sustentar que deve haver sempre uma nova meta evangelística para empreender entre os familiares. Com base no Espírito de Profecia, não é tão difícil demonstrar, no entanto, que quem sente o dever moral de não desistir da salvação dos familiares deveria abandonar o evangelismo por metas móveis ao invés de aderir a ele.

Primeiramente, não há dúvida alguma de que evangelizar familiares é legítimo:

"Deus espera serviço pessoal da parte de todo aquele a quem confiou o conhecimento da verdade para este tempo. Nem todos podem ir a terras missionárias estrangeiras, mas todos podem ser missionários entre os familiares e vizinhos. Há muitas maneiras pelas quais os membros da igreja podem dar a mensagem aos que estão ao seu redor."

Testemunhos para a Igreja 9, p.31

A continuação do trecho, no entanto, revela justamente o primeiro motivo pelo qual o argumento de que não se pode desistir dos familiares não justifica o evangelismo por metas móveis:

"Uma das maneiras mais bem-sucedidas é o viver cristão prestativo, altruísta. Os que estão travando a batalha da vida com grandes desvantagens podem ser refrigerados e fortalecidos por pequeninas atenções que nada custam. Palavras bondosas, proferidas com simplicidade, pequenas atenções dispensadas sem ostentação, hão de afugentar as nuvens da tentação e dúvida que se adensam por sobre a pessoa. A verdadeira e sincera expressão de simpatia cristã transmitida com simplicidade tem poder para abrir a porta de corações que necessitam do simples e delicado toque do Espírito de Cristo."

Testemunhos para a Igreja 9, p.31

O conjunto de atitudes e comportamentos descritos compõem o que a Irmã White chama de missionário vivo:

"Se cada membro fosse um missionário vivo, o evangelho seria rapidamente proclamado em todos os países, a todos os povos, nações e línguas."

Testemunho para a Igreja 9, p.32,33

Em resumo, a forma mais bem sucedida de evangelismo entre os familiares é o evangelismo pelo procedimento, cujo êxito está unicamente condicionado a que os cristãos procedam como cristãos. Aqui

surge um forte motivo não para justificar, mas antes para desacreditar o evangelismo por metas móveis: o evangelismo pelo procedimento não possui custos. Um cristão ser cristão no seu dia-a-dia é simplesmente o rumo natural das coisas e não é necessário elaborar estratégias para que isso se dê dessa forma. Na verdade, a orientação do Espírito de Profecia sugere que o procedimento cristão deve ser tão simples, natural e desprovido de ostentação, que pensá-lo como estratégia seria desacreditá-lo. As "pequeninas atenções que nada custam" não parecem apenas jeito de dizer. O evangelismo pelo procedimento é o que o cristão naturalmente realiza no dia-a-dia, tão somente se ele de fato for um cristão. É um tanto óbvio dizer que, se ele não o é e não age como tal, simplesmente não houve uma conversão. Portanto, o evangelismo pelo procedimento não é uma estratégia evangelística: todo cristão, por definição, o faz. Quem não evangeliza pelo procedimento simplesmente nunca se converteu e não é um cristão. Quem se converteu e está na caminhada da santificação, esforçando-se por se assemelhar a Jesus, inevitavelmente apresenta seu modo de proceder aos que o cercam, e isso por si só é evangelismo. A conclusão também é bastante óbvia: é impossível ser um evangelista antes de se tornar um cristão.

Posto isso, torna-se uma tarefa mais fácil entender o que significa desistir de evangelizar os familiares: a desistência da salvação dos familiares é atrelada essencialmente à desistência de ser um missionário vivo, ou, de forma mais simples, um cristão. Não possui relação alguma com a insistência nos convites às reuniões da igreja ou aos estudos bíblicos. Alguém desiste de evangelizar seus familiares quando não se converte verdadeiramente ou quando deixa de ser um cristão.

É aqui que fica evidente, também, que não existe uma opção entre evangelizar familiares ou evangelizar desconhecidos, como se as duas ações fossem mutuamente excludentes. Na verdade, se o evangelismo pelo procedimento é o resultado da ação natural do cristão, evangelizar familiares nem sequer é uma opção ou uma estratégia evangelística sobre a qual refletir e fazer planos. Um cristão que está inserido em um meio está, sem qualquer esforço estrategicamente pensado ou sem sequer ter escolhido proceder assim, evangelizando aquele meio, por definição. O que realmente cabe a ele pensar é se Deus deseja que ele vá para esse ou aquele lugar. Não há necessidade alguma de se reportar a Deus solicitando a Ele uma direção quanto a lançar mão ou não do evangelismo pelo procedimento. Logo, evangelizar os

familiares é obrigatório, está dado e não deixa margem para qualquer outra ação que não a própria manutenção do procedimento cristão. O mesmo não é verdade para o evangelismo entre os desconhecidos, pois não se pode simplesmente esperar que eles cheguem até dentro do círculo de influência de um lar cujo procedimento é cristão. Expandir esse círculo de influência para lugares não evangelizados é um desafio que transcende o próprio viver cristão em esfera local. O evangelizar pelo procedimento em sua própria casa requer santidade, ao passo que levar missionários vivos para a fronteira do evangelismo, longe de casa, requer tanto santidade quanto recursos, planejamento e estratégia. Não obstante as dificuldades adicionais, esse empreendimento ousado precisa ser realizado, pois se os missionários conseguissem se sustentar por conta própria na fronteira do evangelismo, nem mesmo a instituição do dízimo faria muito sentido.

Em resumo, portanto, o argumento de que não podemos, em hipótese alguma, desistir de evangelizar nossos queridos que ainda não se decidiram significa apenas que não se pode abandonar a conduta cristã. E quanto ao fato de que "nem todos podem ir a terras missionárias estrangeiras", isso absolutamente não quer dizer que alguém está dispensado da participação no evangelismo global simplesmente por estar empenhado na estratégia do evangelismo entre os familiares, especialmente se possuir meios, pois o evangelizar pelo procedimento, que é nada mais que viver uma vida cristã, é apenas uma parte e não o todo em que consiste o evangelismo. Isso fica claro quando a Irmã White afirma que:

"Um grupo de crentes pode ser pobre, sem instrução, desconhecido; todavia, estando em Cristo, pode fazer no lar, na vizinhança, na igreja, E MESMO NAS REGIÕES DISTANTES, uma obra cujos resultados serão de alcance eterno. É porque essa obra é negligenciada, que tantos jovens discípulos nunca avançam além do simples alfabeto da experiência cristã."

O Desejado de Todas as Nações, p.640 (grifo nosso)

Não é nenhum exagero pensar que o evangelismo que insiste no mesmo lugar ou apenas na circunscrição do lar sofrerá de grandes debilidades. Acreditar que a exposição da santa vida cristã em nível local nos lugares já profundamente penetrados pelo evangelho é

suficiente e abandonar o senso de missão global estabelecido na grande comissão dada por Jesus resulta em fracasso mesmo no evangelismo familiar ou na vizinhança. A Irmã Ellen White alertou:

"Nossos irmãos não têm compreendido que, auxiliando o avanço da obra nos campos estrangeiros, estariam ajudando-a no próprio país. Aquilo que é dado para iniciar a obra num campo, resultará no fortalecimento da mesma noutros lugares. Quando os obreiros estão livres de dificuldades, podem ampliar seus esforços, e trazendo pessoas para a verdade, estabelecendo igrejas, haverá acréscimo de potencial financeiro. Logo essas igrejas estarão aptas a não somente levar avante a obra em seu território, como a compartilhá-la com outros campos. Será partilhado, assim, o encargo que recai sobre as igrejas dos países que enviam missionários.

A obra missionária em nosso país progredirá muito, em todos os sentidos, quando for manifestado em prol da prosperidade das missões estrangeiras um espírito de maior liberalidade, abnegação e desprendimento; POIS A PROSPERIDADE DA OBRA EM NOSSO PAÍS DEPENDE GRANDEMENTE, ABAIXO DE DEUS, DA INFLUÊNCIA RESULTANTE DA OBRA EVANGÉLICA NOS PAÍSES DISTANTES. É agindo ativamente para suprir as necessidades da causa de Deus que pomos a alma em contato com a Fonte de todo poder."

Testemunhos para a Igreja 6, p.31 (grifo nosso)

Portanto, adotar o evangelismo por metas móveis, que valoriza excessivamente a esfera local ao invés do todo, é desistir dos familiares.

Argumento 2 - O evangelismo por metas móveis está correto, pois, antes de partirmos para terras distantes, precisamos primeiro evangelizar nossos vizinhos.

A citação que encerrou o argumento anterior é também a melhor resposta para o presente argumento, pois a essência dos dois é a mesma.

"A obra missionária em nosso país progredirá muito, em todos os sentidos, quando for manifestado em prol da prosperidade

das missões estrangeiras um espírito de maior liberalidade, abnegação e desprendimento; pois a prosperidade da obra em nosso país depende grandemente, abaixo de Deus, da influência resultante da obra evangélica nos países distantes."

Testemunhos para a Igreja 6, p.31

Não custa insistir:

"Mostrar um espírito liberal, abnegado para com o êxito das missões estrangeiras, é um meio seguro de fazer avançar a obra missionária na pátria; pois a prosperidade da obra nacional depende grandemente, abaixo de Deus, da influência reflexa da obra evangélica feita nos países afastados. É trabalhando para prover às necessidades de outros que pomos nossa alma em contato com a Fonte de todo poder. O Senhor tem observado todos os aspectos do zelo missionário manifestado por Seu povo em favor dos campos estrangeiros. É Seu desígnio que, em todo lar, toda igreja e em todos os centros da obra, se manifeste um espírito de liberalidade no enviar auxílio aos campos estrangeiros, onde os obreiros estão lutando contra grandes desvantagens para comunicar a luz da verdade aos que se acham assentados em trevas. Aquilo que é dado para iniciar a obra num campo, redunda em avigoramento da mesma em outros lugares."

Obreiros Evangélicos, p.465,466/Conselhos Sobre a Escola Sabatina, p.136

De forma semelhante ao evangelismo entre familiares, o evangelismo na vizinhança fica comprometido quando se perde a noção da importância da missão mundial. Criar etapas evangelísticas que desautorizam o evangelismo em lugares distantes até que ocorra o êxito no evangelismo local é a própria alma do evangelismo por metas móveis. De acordo com o Espírito de Profecia, os esforços são simultâneos e o êxito local é diretamente dependente do êxito nos lugares distantes. A ideia de etapas evangelísticas facilmente descamba para o acúmulo de recursos em um lugar ou, às vezes, é apenas uma desculpa para acobertar o "ciúme dos recursos" para o qual a Irmã White alertou, o qual ocorreu em Battle Creek:

"O dinheiro gasto na ampliação das instituições em Battle Creek pode muito bem ser dedicado ao plantio da verdade nas cidades e lugares onde ainda não se apoderou. O dinheiro foi confiado a agentes humanos, para ser investido na obra do Senhor, distribuído aos trocadores e aumentado com o uso. Uma e outra vez os homens em posições de confiança colocaram diante deles a necessidade de que a vinha do Senhor fosse mais igualmente trabalhada. A vinha é o mundo, cada parte é do Senhor e deve receber a devida atenção. Nenhuma localidade deve engolir todos os recursos que podem ser obtidos para enriquecer, ampliar e multiplicar suas instalações, enquanto as maiores partes do campo são deixadas sem recursos. Esta política não é inspirada por Deus. Os chamados graciosos de misericórdia devem ser dados a todas as partes do mundo. O campo de Deus é o mundo."

Spalding and Magan Collection, p.13

Portanto, a necessidade de concentrar esforços locais "entre os vizinhos" antes de partir para mais longe é um engano. Por vezes, é apenas uma desculpa da parte daqueles que detém recursos evangelísticos em uma região e não gostariam de vê-los se distanciar, mas os recursos evangelísticos não pertencem a homens. Os vizinhos não evangelizados devem receber, em termos de estratégia evangelística, a mesma atenção e a mesma prioridade de qualquer outro não evangelizado na face da Terra. O evangelismo pelo procedimento já os atinge, por definição. E, considerando que o êxito local depende grandemente do êxito em países distantes, é até mesmo inútil avançar entre vizinhos sem avançar nas fronteiras.

Argumento 3 - O evangelismo por metas móveis é bom, pois todos nós já estivemos em trevas e necessitamos de um evangelho adicional para nos decidirmos pela fé.

De acordo com esse argumento, é importante insistir em esforços no mesmo lugar, pois ninguém se converte no primeiro contato com o evangelho. É necessário realizar campanha em cima de campanha em um mesmo local, pois são necessários evangelhos adicionais. Incrivelmente, esse argumento é defendido supostamente com base no Espírito de Profecia. Um dos textos, por exemplo, é esse:

"Nas séries de conferências realizadas nas grandes cidades, a metade do trabalho se perde porque eles [os obreiros] encerram as atividades muito cedo e vão para outro território novo."

Carta 48 (1886)

A continuação do trecho, no entanto, é um balde de água fria nos proponentes do evangelismo por metas móveis:

"Paulo se demorou evangelizando os seus territórios, continuando o trabalho durante UM ANO NUM LUGAR E UM ANO E MEIO NOUTRO. A pressa em encerrar logo uma série de conferências tem produzido, muitas vezes, grandes perdas."

Carta 48 (1886) (grifo nosso)

Os adeptos do evangelismo por metas móveis gostariam que o texto dissesse que Paulo continuava os trabalhos em um mesmo lugar por cinquenta ou cem anos, de modo a justificar suas crenças e procedimentos. É gritante a discrepância que existe entre o que a Irmã White chamava de demora e o tempo que o evangelismo por metas móveis entende necessário para completar uma obra! Ao se compreender essa diferença, não há como se surpreender com o cansaço recorrente dos adventistas, que, sempre envoltos com evangelhos adicionais a se pregar, não conseguem vislumbrar a volta do Senhor no tempo de vida de um ser humano. Lembre-se ainda o que a Sra. White declarou a respeito do tempo necessário para finalizar a obra evangelística:

"Se todos os que haviam trabalhado de forma unida na obra de 1844 houvessem recebido a mensagem do terceiro anjo e a proclamado no poder do Espírito Santo, o Senhor teria operado poderosamente em conexão com tais esforços. Um dilúvio de luz ter-se-ia derramado sobre o mundo. Há muitos anos os habitantes da Terra haveriam sido advertidos, o encerramento da obra completado, e Cristo já teria voltado para a redenção de Seu povo."

Testemunhos para a Igreja 8, p.115

Esse trecho do oitavo volume dos testemunhos para a igreja data de 1904 e sugere que não teria sido necessário nem mesmo sessenta anos para que o evangelho fosse efetivamente espalhado NO

MUNDO TODO. No entanto, esse tempo pode ainda ser encurtado, pois, já nessa época, "há muitos anos" os habitantes da Terra poderiam ter sido advertidos. De fato, há textos mais antigos que revelam exatamente a mesma mensagem:

"Houvessem os adventistas, depois do grande desapontamento de 1844, sustido firme sua fé e seguido avante unidos, segundo a providência de Deus lhes abria o caminho, recebendo a mensagem do terceiro anjo e no poder do Espírito Santo proclamando-a ao mundo, haveriam visto a salvação de Deus, o Senhor haveria cooperado poderosamente com seus esforços, a obra haveria sido concluída, e Cristo teria vindo antes para receber Seu povo para dar-lhe o seu galardão. Mas no período de dúvida e incerteza que se seguiu ao desapontamento, muitos dos crentes no advento renunciaram a sua fé. ... Assim foi prejudicada a obra, e o mundo foi deixado em trevas. Houvesse todo o corpo de crentes adventistas se unido nos mandamentos de Deus e na fé de Jesus, quão grandemente diversa teria sido a nossa história!"

Manuscrito 4 (1883)/Mensagens Escolhidas, p.63,64

A mesma mensagem dada em 1904 já havia sido apresentada no manuscrito 4 de 1883, de modo a confirmar que não eram necessários mais que quarenta anos para completar a missão global! A instrução de permanecer um ano ou um ano e meio evangelizando em um mesmo lugar harmoniza-se com uma missão mundial com duração de quarenta anos, mas nunca poderia se harmonizar com a idéia de rodear em uma mesma localidade por um século.

Por fim, vale lembrar que o argumento de que evangelhos adicionais precisam ser pregados costumam vir carregados de exemplos de pessoas que após muitos anos de rebeldia e resistência aos apelos da família e dos pregadores, finalmente aceitam Jesus. Novamente, a mesma questão surge: o período entre a evangelização e a conversão não está nas mãos do ser humano, mas simplesmente não se pode impedir que um cristão evangelize pelo procedimento, pois ele é incapaz de barrar a si mesmo de fazê-lo se apenas permanecer sendo um cristão.

Portanto, está muito longe de ser correto defender o evangelismo por metas móveis e a onerosa manutenção de campanhas evangelísticas permanentes nos mesmos lugares habituais com base nos

exemplos de pessoas que se converteram após anos de insistência dos pregadores e familiares. Os supostos méritos evangelísticos que não sejam o próprio procedimento cristão, inclusa a constante oração intercessória, são apenas uma ilusão causada pela desconsideração ao trabalho silencioso e incansável do Espírito Santo. Não custa repetir que o evangelismo pelo procedimento, a oração intercessória e o trabalho do Espírito Santo não custam absolutamente nada em termos de recursos evangelísticos e nem mesmo são estratégias evangelísticas. Tudo isso simplesmente acontece, pois o cristão não pode impedir a si mesmo de agir como cristão e o Espírito Santo não pode deixar de ser Quem é e de fazer o que naturalmente faz.

Argumento 4 - O evangelismo por metas móveis está certo, pois evangelismo é simplesmente falar de Jesus a alguém.

Evangelismo é falar de Jesus a alguém que nunca ouviu a respeito dele antes. Falar de Jesus é um alegre dever em qualquer ocasião, mas nem sempre é evangelismo. Se o evangelho são boas novas, entende-se que se não é novidade, não é evangelho. As mesmas questões levantadas nos argumentos anteriores voltam à tona.

Argumento 5 - O evangelismo pode continuar sendo conduzido da mesma forma, pois Deus, afinal de contas, não se atrasa. Ele cumprirá todas as profecias no Seu tempo e Jesus voltará, de qualquer forma.

Esse é um argumento muito popular entre os adventistas, mesmo entre aqueles que nunca pararam para pensar no assunto, ao que parece. Certas afirmações, ao se repetirem por muito tempo, parecem ser reproduzidas sem mesmo ser mencionadas. Pode ser até incomum, embora não impossível, encontrar o quinto argumento, tal como aqui apresentado, nas publicações, pregações e conversas, mas as atenções dos adventistas não enganam: fala-se o tempo todo no decreto dominical e no fato de que ele precisará cumprir-se, como se Jesus pudesse voltar deixando por cumprir todas as demais profecias, inclusive a de Mateus 24:14. Da mesma forma, acredita-se que Jesus possa voltar antes de terminar sua obra no santuário celestial. Essas crenças bastante comuns são uma aceitação implícita do argumento.

Ninguém em sã consciência poderia contestar o fato de que Deus não se atrasa. O quinto argumento, no entanto, afirma que o cumprimento de todas as profecias está unicamente condicionada à vontade e à ação de Deus, o que não é bíblico. Tanto a profecia de Mateus 24:14 quanto à obra de Cristo no santuário celestial está condicionada à ação da igreja. É necessário repetir:

"Dando o evangelho ao mundo, ESTÁ EM NOSSO PODER APRESSAR A VOLTA DO SENHOR. Não nos cabe apenas aguardar, mas APRESSAR O DIA DE DEUS. Houvesse a igreja de Cristo feito a obra que lhe era designada, como Ele ordenou, o mundo inteiro haveria sido antes advertido, e o Senhor Jesus teria vindo à Terra em poder e grande glória."

O Desejado de Todas as Nações, p.633,634 (grifo nosso)

As profecias de Apocalipse 13,14,17 e 18, que tratam do decreto dominical, da união entre Igreja e Estado e do poder concedido ao papado, têm encontrado, desde a segunda metade do século XIX, diversas ocasiões para materializar-se. O famoso Tratado de Latrão foi o tratamento final no processo de cura da "ferida mortal" do verso três do capítulo 13 e a união entre Igreja e Estado esteve muito mais próxima de chegar às suas máximas consequências durante os preparativos para a II Guerra Mundial do que nas décadas seguintes ao conflito. Uma coalizão cristã conservadora e ecumênica volta a ganhar poder apenas na década de 1970, especialmente nos Estados Unidos, como o Sr. Marvin Moore bem demonstra em seu livro intitulado Apocalipse 13. É fácil perceber que os cenários geopolíticos, econômicos ou sociais característicos das profecias vão e voltam muitas vezes, e em cada uma dessas ondas de oportunidade, pouca coisa os adventistas fazem além de alarde.

Sem a constituição daquele povo remanescente de Apocalipse 14, que compreende e pratica a completude do evangelho, e sem o simultâneo encerramento da obra evangelística mundial, os eventos geopolíticos precisarão prosseguir em suas idas e vindas até que uma geração efetivamente decida reivindicar o caráter de Deus.

"A função do Espírito Santo é convencer do pecado, e sei que ser indiferente agora é um pecado para qualquer um de nós.

Ao olharmos em volta para os diversos campos penetrados, somos levados a perguntar: "Que coisas Deus tem feito?" "Que mais Ele poderia ter realizado por Sua vinha, além do que tem efetuado? Deus tomou providências para prover Sua preciosa graça, para conceder poder divino para a realização de Sua obra. Nada está faltando da parte de Deus; a falta é da parte do instrumento humano, que recusa cooperar com os seres divinos. Segundo o plano ideado por Ele, nada pode ser feito pela salvação dos seres humanos sem a cooperação do homem. Pecadores favorecidos por luz e evidências, os quais sabem que mediante a graça que lhes pode ser suprida eles conseguirão cumprir as condições sob as quais é prometida a salvação, e que, no entanto, deixam de fazer a tentativa, só podem culpar a si mesmos por sua própria destruição. Achamos que dos tais pode-se dizer que Cristo morreu em vão por eles."

E Recebereis Poder, p.174

As mudanças nas práticas de evangelismo são uma instrução dada ainda na chuva temporã, como se verá no argumento 10, de tal modo que é impossível receber até mesmo a chuva serôdia se houver rejeição a qualquer luz dada. A volta de Jesus não pode acontecer sem que cada profecia se cumpra, inclusive aquelas que tratam de acontecimentos geopolíticos, como é o caso do decreto dominical. No entanto, esses acontecimentos não podem dar lugar sem que antes ocorra o alto clamor e a pregação das três mensagens angélicas de Apocalipse 14 , que coincide com a chuva serôdia e o encerramento da pregação do evangelho em todo o mundo. Ora, a chuva serôdia e o alto clamor não podem acontecer se não houver o apropriado desenvolvimento durante a chuva temporã. Esse desenvolvimento não ocorre, por sua vez, se há rejeição à luz dada. A argumento 10 retomará essa questão com maiores detalhes.

A.T. Jones resume:

"Assim há dois lugares ocupados na terminação do mistério de DEUS. Um lugar é o próprio mundo, ao qual o evangelho deve ser pregado; o outro lugar é a vida dos crentes da verdade. Devemos pregar e proclamar em palavras aos confins da terra, a cada alma sobre a terra em nossa geração, para que aquela fase da obra

seja completada, e seja terminada; não obstante, se a manifestação de DEUS nas vidas dos que pregam o evangelho não estiver completada também, poderemos pregar o evangelho dez mil anos, e o fim nunca virá. Não é simplesmente que o evangelho seja pregado a todo o mundo, e encha todo o mundo; mas é que quando isto for feito, haverá um povo preparado para encontrá-Lo no fim."

Sermão de A.T. Jones, 29/03/1903 - General Conference Bulletin 1903

Argumento 6 - O evangelismo por metas móveis está correto, pois não devemos deixar um lugar antes que o evangelismo ali esteja bem consolidado.

Trata-se do próprio argumento 3 dito de outra forma. É verdade que o Espírito de Profecia alerta para os problemas decorrentes do evangelismo apressado ou deixado pela metade. A diferença fundamental entre o evangelismo bíblico e o evangelismo por metas móveis é que o primeiro estabelece um plano evangelístico concreto inclusive em termos de tempo necessário para sua conclusão, ao passo que o segundo apregoa que o evangelismo em um mesmo lugar nunca está suficientemente consolidado, pois qualquer suposta concretização é apenas o marco para a implantação de novas metas. Desse modo, tempos de permanência não devem ser nem mesmo discutidos. Lembre-se:

"Nas séries de conferências realizadas nas grandes cidades, a metade do trabalho se perde porque eles [os obreiros] encerram as atividades muito cedo e vão para outro território novo. Paulo se demorou evangelizando os seus territórios, continuando o trabalho durante UM ANO NUM LUGAR E UM ANO E MEIO NOUTRO. A pressa em encerrar logo uma série de conferências tem produzido, muitas vezes, grandes perdas."

Carta 48 (1886) (grifo nosso)

Paulo, que permanecia um ano ou um ano e meio em um mesmo lugar, nunca deixou o evangelismo pela metade. É certo que as igrejas estabelecidas continuavam sendo cuidadas por obreiros, mas isso é muito diferente de insistir em estratégias evangelísticas ostensivas e dispendiosas em um mesmo local por tempo indeterminado. Nem

mesmo a missão global necessitaria de mais de meio século para ser completada, o que fica muito claro nas citações da Irmã White já evocadas no terceiro argumento.

Argumento 7 - O evangelismo por metas móveis não é ruim, pois já há bastantes missionários nas terras distantes, de qualquer forma.

Trata-se de uma afirmação que não quer dizer absolutamente nada se não houver com o que comparar a suposta abundância de missionários nas terras distantes. Há muitos deles em relação a que? Ao total de missionários, ao total dos recursos disponíveis para evangelismo ou à importância da grande comissão? Torna-se até mesmo enfadonho insistir nas orientações do Espírito de Profecia, mas há tantas delas a respeito disso, que não há como escapar:

"Há os que pensam que têm a obrigação de pregar a verdade, mas não ousam aventurar-se a sair da praia, e não pescam nenhum peixe. Preferirão andar entre as igrejas, repassando sempre o mesmo terreno. Informam que apreciaram muito, que fizeram uma boa visita, mas em vão esperamos pelas almas que estariam convertidas à Verdade por meio de sua cooperação. Esses ministros navegam próximo demais à praia. Avancem eles para o mar alto, e lancem as redes onde estão os peixes. Não há falta de trabalho para ser feito. "PODERIA HAVER CENTENAS EMPREGADOS NA VINHA DO SENHOR, ONDE AGORA UM ÚNICO."

The True Missionary, fevereiro de 1874 (grifo nosso)

A questão toda é justamente que "poderia haver centenas empregados na vinha do Senhor, onde agora um único". As centenas, nesse caso, são todos os que "navegam próximo demais à praia". Enquanto há recursos evangelísticos ociosos ou mal alocados, represados em lugares já excessivamente explorados, não se pode afirmar que já há suficientes missionários, pois seria o mesmo que tomar por justa e eficiente uma intensidade mediana ou sub-ótima no apressamento da volta do Senhor. A única intensidade aceitável é a máxima: centenas onde agora um único.

Argumento 8 - O evangelismo por metas móveis é válido, pois se houver em uma região uma única pessoa que ainda não sabe nada a respeito de Jesus, é necessário manter ali esforços evangelísticos.

Esse é o popular apelo à "evangelização do último índio", que na verdade não passa de uma desculpa para manter recursos represados. Perceba-se a incongruência: no evangelismo por metas móveis, a pesquisa evangelística não importa. Não há nele qualquer interesse em identificar e procurar aquela última alma não alcançada, pois tanto faz se ela for alcançada ou não. Se ela for, precisará ser novamente alcançada, de qualquer forma, ao se estabelecer uma nova meta evangelística. No evangelismo por metas móveis, não há nem mesmo incentivos para identificar almas não alcançadas, pois as almas nessa condição são absolutamente todas.

Aceitar que o "último índio" estivesse evangelizado seria aceitar a possibilidade de avançar para um campo novo, o que não faz nenhum sentido no evangelismo por metas móveis. Uma vez que não existem incentivos para verdadeira pesquisa e estatística evangelística no evangelismo tal como é conduzido, o "último índio" nunca poderá ser identificado e sempre pairará no ar a ideia de uma última alma para se alcançar em uma cidade, país ou região. Esse estado de coisas é perfeito para a manutenção de um evangelismo abstrato que não tem interesse na realidade.

Novamente, o evangelismo que realmente procura as almas mais remotas é o bíblico:

"E disse o senhor ao servo: Sai pelos caminhos e valados, e força-os a entrar, para que a minha casa se encha."

Lucas 14:23 - ACF

A Irmã White comenta:

"Cumpre erguer-nos e cooperar com Cristo. ... Obedecei à comissão evangélica; IDE AOS CAMINHOS E VALADOS. VISITAI TANTOS LUGARES QUANTOS VOS FOR POSSÍVEL. Dai estudos bíblicos simples, vivos, os quais exercerão uma correta influência na mente dos ouvintes."

Manuscrito 53 (1910)

As últimas almas escondidas nos lugares remotos são muito mais um motivo para se abandonar o evangelismo por metas móveis do que mantê-lo. Não há nele qualquer interesse em procurar almas não alcançadas, pois o status de "não alcançado" pode ser atribuído a qualquer alma. Independentemente de qualquer esforço evangelístico prévio em um lugar, sempre haverá ali multidões a evangelizar, ainda que essas multidões já tenham efetivamente sido evangelizadas.

Argumento 9 - Estamos no momento em que não conseguiremos avançar mais nada no evangelismo antes de descer sobre nós a chuva serôdia.

Alternativamente, esse argumento também aparece sob outras duas formas: (1) o encerramento da obra só ocorrerá após a chuva serôdia e (2) a evangelização dos países não alcançados pelo evangelho só ocorrerá pelo poder do Espírito Santo. Seja qual for a roupagem com que aparece, o argumento parece possuir um sombrio poder de diminuir qualquer importância que venha a ser atribuída às reformas econômicas, distributivas ou operacionais do evangelismo, dando a elas o status de "ação humana", o que supostamente seria o próprio oposto à elevada espiritualidade de orar pelo derramamento da chuva serôdia. Inicialmente, lembre-se o que ela é:

"E vós, filhos de Sião, regozijai-vos e alegrai-vos no Senhor vosso Deus, porque ele vos dará em justa medida a chuva temporã; fará descer a chuva no primeiro mês, a temporã e a serôdia."

Joel 2:23 - ACF

O verso 28 completa:

"E há de ser que, depois derramarei o meu Espírito sobre toda a carne, e vossos filhos e vossas filhas profetizarão, os vossos velhos terão sonhos, os vossos jovens terão visões."

Joel 2:28 - ACF

A analogia é simples e todo adventista a conhece bem: assim como ocorre na agricultura no oriente médio, em que há uma chuva no início e outra ao final do plantio, há um derramamento do Espírito

Santo no início da caminhada cristã e outro ao final. Até aqui, sem embargo, tudo vai bem. A partir desse ponto, no entanto, a versão popular da teologia da chuva serôdia começa a se afastar marcadamente da versão endossada pelo Espírito de Profecia.

Essa versão popular apregoa que: (1) a chuva serôdia é independente da chuva temporã, no sentido de que ainda que a semente não se desenvolva na primeira chuva, terá a oportunidade de se desenvolver na segunda; (2) a chuva serôdia representará um salto inusitado de espiritualidade, o qual não possui relação com o processo de santificação; (3) a chuva serôdia é anterior ao selamento; (4) a chuva serôdia está perdida em algum momento impreciso do futuro e (5) a chuva serôdia será um evento marcante e de fácil observação, tal como um show de pirotecnia.

Em conflito direto com cada uma dessas cinco supostas propriedades da chuva serôdia na versão popular de sua teologia, o Espírito de Profecia aponta que (1) a chuva serôdia só produz efeito na semente em que a chuva temporã também o fez:

> "Muitos têm em grande medida deixado de receber a chuva temporã. Não têm obtido todos os benefícios que Deus assim para eles tem provido. Esperam que as falhas sejam supridas pela chuva serôdia. Quando a maior abundância da graça estiver para ser outorgada, esperam poder para abrir o coração para recebê-la. Estão cometendo um erro terrível. O trabalho que Deus começou no coração humano mediante Sua luz e conhecimento, deve estar continuamente avançando."
>
> Testemunhos para Ministros, p.507

Na mesma direção, torna-se evidente que (2) a chuva serôdia se dá ao final do processo de santificação:

> "Hoje deveis entregar-vos a Deus para que sejais esvaziados do próprio eu, esvaziados de inveja, ciúmes, ruins suspeitas, pelejas, tudo que seja desonroso para Ele. Hoje deveis ter purificado o vosso vaso a fim de estar prontos para os aguaceiros da chuva serôdia; pois a chuva serôdia virá, e a benção de Deus encherá toda alma que estiver purificada de toda contaminação."
>
> Mensagens Escolhidas 1, p.191

De modo idêntico, (3) o selamento, que é "a consolidação na verdade, tanto intelectual como espiritualmente, de modo que o povo de Deus não possa ser abalado" (Eventos Finais, p. 220), coincide com a chuva serôdia:

"Caindo perto do fim da estação, a chuva serôdia amadurece o grão, e o prepara para a foice. O amadurecimento do grão representa a terminação do trabalho da graça de Deus na alma. Pelo poder do Espírito Santo deve a imagem moral de Deus ser aperfeiçoada no caráter."

Testemunhos para Ministros, p.506

Em oposição à propriedade (4), por sua vez, o Espírito de Profecia deixa claro que a chuva serôdia, em curso ao menos desde o final do século XIX, está acontecendo agora e que, diferentemente do que aponta a propriedade (5), a chuva serôdia, ao invés de ser um evento, é uma estação, o que representa uma duração mais estendida do que um único evento pode dar a entender:

"A descida do Espírito Santo sobre a igreja é olhada como estando no futuro; é, porém, o privilégio da igreja tê-la agora. Buscai-a, orai por ela, crede nela. Precisamos tê-la, e o Céu espera para concedê-la."

The Review and Herald, 19 de Março de 1895

"Oremos, pois, com coração contrito e com maior fervor, para que agora, no tempo da chuva serôdia, os chuveiros da graça sejam derramados sobre nós."

Testemunhos para Ministros, p.509

"Ao orardes, crede, confiai em Deus. Estamos no tempo da chuva serôdia, tempinho que o Senhor dará liberalmente o seu Espírito. Sede fervorosos em oração, e vigiai no Espírito."

Testemunhos para Ministros, p.512

Além disso, o derramamento do Espírito Santo, ao contrário do que a versão popular leva a crer, (5) não será carregado de manifestações megalomaníacas e fantásticas que causarão percepção e

assombros generalizados. A despeito dos fatos realmente incomuns, a própria percepção em relação ao acontecimento da chuva serôdia não é generalizada, mas está condicionada aos avanços posteriores na chuva temporã. Apenas quem tiver aceito o tempo de graça concedido ao longo da chuva temporã, compreendido sua importância e avançado para a vitória disponibilizada por Jesus possuirá discernimento espiritual para perceber o acontecimento da chuva serôdia:

"Mas não se deve negligenciar a graça representada pela chuva temporã. Só os que estiverem vivendo de acordo com a luz que têm recebido poderão receber maior luz. A não ser que nos estejamos desenvolvendo diariamente na exemplificação das ativas virtudes cristãs, não reconheceremos as manifestações do Espírito Santo na chuva serôdia."

Mensagens Escolhidas 1, p. 374

Assim, o ponto (5) reforça o próprio ponto (1): os efeitos da chuva serôdia estão condicionados aos efeitos da chuva temporã.

Em resumo, portanto, o argumento de que estamos no momento em que não conseguiremos avançar mais nada no evangelismo antes de descer sobre nós a chuva serôdia está fundamentado na ideia de que essa chuva, que é o derramamento do Espírito do Santo, será um evento perceptível e marcante, o qual ocorrerá em algum momento do futuro, quando mesmo os cristãos que deixaram de progredir na fé ao rejeitar ou negligenciar a luz dada terão uma segunda oportunidade de se apegar a Deus verdadeiramente e demonstrar uma fé subitamente elevada. Seguir-se-á a isso, segundo essa crença, o selamento do povo de Deus.

O argumento cai por terra quando fica claro, ao contrário, que a chuva serôdia, costumeiramente imperceptível aos olhos humanos, é uma estação agora em curso, cujo período de duração é maior que o de um evento rápido e isolado, e marca o final de uma caminhada cristã de santificação, em que foram criados, desenvolvidos e consolidados padrões de conduta semelhantes aos de Jesus, os quais representam aquela consolidação na verdade, tanto intelectual como espiritualmente, que é chamada de selamento. A modificação dos rumos impostos pelo evangelismo por metas móveis é apresentado pelo Espírito de Profecia como uma requisição da parte de Deus e um propósito dEle:

"Deus requer que cada dólar disponível seja dado à obra de abertura de novos campos para a entrada da mensagem do evangelho e para diminuir as montanhas de dificuldade que buscam encerrar nossa obra missionária. Por amor a Cristo, peço-lhes que executem os propósitos de Deus quanto à abertura de missões em cada cidade, em cada lugar."

Manuscrito 61 (1909)/Manuscript Releases 10, p.216,217

Nesse sentido, deixar de executar a vontade de Deus claramente manifesta é nada senão rejeição à luz dada. Na realidade, "rejeição à luz dada" passa até por eufemismo nesse caso, pois "a vontade de Deus claramente manifesta" coincide com a própria Lei de Deus, cuja transgressão, por definição, é pecado. Repensar o modo com que o evangelismo é feito acaba por se tornar, assim, um passo dado no próprio processo de santificação:

"Não permita Deus que haja grande dispêndio de meios em alguns lugares, sem considerarmos as necessidades dos muitos campos que pouco auxílio recebem. A abnegação da parte dos irmãos de localidades favorecidas, para que suficiente auxílio seja dado aos campos necessitados, ajudará a realizar uma obra que trará glória para Deus. Ninguém deve permitir que se erga alta torre de influência em uma localidade, enquanto outros lugares ficam sem ser evangelizados. OXALÁ NOSSOS SENTIDOS SEJAM SANTIFICADOS E QUE APRENDAMOS A AFERIR NOSSAS IDEIAS PELA OBRA E ENSINOS DE CRISTO."

Carta 320 (1908) (grifo nosso)

Ora, se a mudança de rumos tão solicitada por Deus por meio da Irmã White é uma luz dada ainda na chuva temporã e sua efetiva implementação perpassa o processo de santificação dos sentidos, que é anterior à chuva serôdia, a rejeição à mudança de rumos, luz dada ainda na fase da chuva temporã, anulará os efeitos da própria chuva serôdia. Dessa forma, o argumento favorável ao evangelismo por metas móveis, que diz que sem o derramamento do Espírito Santo não haverá evangelismo efetivo, inverte-se por completo e se torna um firme alerta ao evangelismo anti-bíblico: se o povo de Deus não aceitar as orientações de Deus a um evangelismo efetivo, não descerá sobre ele a chuva serôdia.

Como é possível enxergar qualquer ensinamento bíblico na afirmação de que um povo que trata com incredulidade e desleixo uma orientação simples e clara, dada por Deus repetidas vezes por meio da Bíblia e do Espírito de Profecia, subitamente se erguerá e, miraculosamente, ansioso pela volta de Jesus, a qual nunca buscou apressar, levará à cabo a pregação do evangelho no mundo todo, ainda que poucos minutos atrás estivesse praticando, com uma convicção assustadora, um evangelismo que, contrário ao que Deus orientou, era pautado no represamento de recursos em alguns poucos lugares arbitrariamente escolhidos? Na realidade, não adianta nem mesmo orar por mais luz se a luz dada não é transformada em padrão de conduta, pois:

"só os que estiverem vivendo de acordo com a luz que têm recebido poderão receber maior luz."

Mensagens Escolhidas 1, p.374

Orar pelo derramamento do Espírito Santo antes de modificar a forma com que o evangelismo é praticado é inútil.

Por fim, vale lembrar que o argumento, apesar de tudo, tenta permanecer de pé. Não é raro encontrar adventistas afirmarem que se a Igreja não fizer o trabalho necessário para a volta de Jesus, os anjos o farão, estabelecendo um casamento forçado entre Cristo e sua noiva. O que pode ser dito, no entanto, para alguém que, na teimosia de manter um ponto de vista, chegou a sustentar que Jesus é capaz de tal coisa? Não há qualquer sentido em ingressar numa discussão dessa natureza.

"Então conheçamos, e prossigamos em conhecer ao Senhor; a sua saída, como a alva, é certa; e ele a nós virá como a chuva, como chuva serôdia que rega a terra."

Oséias 6:3 - ACF

Argumento 10 - Nunca encerraremos a pregação do evangelho se confiarmos na "ação humana". Apenas mediante o poder do Espírito Santo a obra será finalizada.

Esse é o próprio argumento 9 apresentado de outra forma. No primeiro parágrafo do argumento prévio, a questão já há havia sido trazida. Parece importante separar as duas roupagens, porém, em razão

do foco de cada uma. O argumento 9 procura ser teológico, ao passo que o 10 é um estranho apelo emocional a uma suposta vida espiritual que se contrapõe ao orgulho humano.

O que esse argumento acaba dando a entender é que modificações reais e tangíveis em alocação de recursos, bem como planejamento cuidadoso e criterioso, pesquisa e conhecimento são todos pretensões humanas, inferiores. Estabelecer que os atuais 75% dos dízimos retidos são um valor exagerado para uma associação local e que 60% ou 70% estariam de bom tamanho nem deve ser trazido à tona, pois é "vã sabedoria humana". Não se deve pensar nos assuntos práticos, reais e tangíveis do evangelismo, pois todos eles são de natureza inferior, não espiritual, verdadeira presunção humana. Entretanto, vale a pena lembrar algo sobre a ação humana:

"O exemplo desse santo homem (Neemias) deve servir de lição a todo o povo de Deus, mostrando que não é necessário apenas orar com fé, mas trabalhar com diligência e fidelidade. Quantas dificuldades encontramos, quantas vezes colocamos obstáculos à operação da Providência em nosso favor, por julgar que a prudência, a previsão e o esforço têm pouco a ver com a religião! Esse é um erro grave. É nosso dever cultivar e exercitar toda a faculdade que nos torne obreiros mais eficientes para Deus. A consideração cuidadosa, bem como os planos bem amadurecidos são tão essenciais ao êxito dos empreendimentos sagrados hoje como no tempo de Neemias. Se todos os que se acham empenhados na obra do Senhor reconhecessem quanto depende de sua fidelidade e sábia previsão, muito maior prosperidade lhes acompanharia os esforços. Por motivo de desconfiança e timidez muitas vezes deixamos de conseguir dos poderes constituídos aquilo que é por direito alcançável. Deus operará por nós, quando estivermos dispostos a fazer o que pudermos e o que devemos fazer de nossa parte."

Lições sobre a Vida de Neemias, p.15

A espiritualidade transcendental descolada da vida prática nunca fez parte da teologia adventista. Deus pediu do povo adventista uma AÇÃO HUMANA, a saber, planejar e executar um evangelismo que distribua os recursos evangelísticos de um modo tal que todas as pessoas no mundo recebam a semente do evangelho. Para tanto, é

necessário impedir que os recursos fiquem represados em um mesmo lugar por tempo indeterminado. Não pode existir um ato mais desprovido de espiritualidade do que deixar de realizar uma ação solicitada por Deus. Precisamos realizá-la:

"Em vez de viver na expectação de um período especial de excitação, cumpre-nos aproveitar sabiamente as oportunidades presentes, fazendo o que precisa ser feito para salvação de almas. Em vez de exaurir as faculdades da mente em especulações quanto aos tempos ou às estações que o Senhor estabeleceu pelo Seu próprio poder, e reteve dos homens, devemos submeter-nos ao controle do Espírito Santo, cumprir os deveres presentes, dar o pão da vida, não adulterado pelas opiniões humanas, às almas que estão perecendo pela verdade."

The Review and Herald, 22 de Março de 1892

Argumento 11 - O problema não é o evangelismo por metas móveis. As pessoas deveriam dizimar e ofertar mais.

Ambos são um grande problema, mas que as pessoas precisam ofertar e dizimar é um ponto que nem merece discussão. Obviamente as pessoas precisam fazê-lo, mas o evangelismo por metas móveis é tão grande ou mesmo pior que o problema das pessoas que não dizimam e ofertam, porque ele é uma das causas desse fenômeno:

"Alguns se têm sentido mal-satisfeitos, e dito: "Não devolverei mais o dízimo; pois não confio na maneira como as coisas são administradas na sede da Obra."

Conselhos sobre Mordomia, p.93

O que se segue ao texto é uma clara declaração de que não existe desculpa alguma para não devolver o dízimo, mas a questão aqui é puramente quantitativa: o evangelismo por metas móveis diminui o número de dizimistas, quer seja louvável ou condenável deixar de devolver o dízimo em razão da insatisfação com o modo com que as coisas são conduzidas. Condutores e entusiastas do evangelismo por metas móveis jamais conseguirão, a despeito de insistentes apelos, reverter essa insatisfação, pois, cedo ou tarde, as pessoas acabam percebendo que, afinal

de contas, não se dá a mínima para a volta do Senhor. Dos insatisfeitos, sempre haverá um grupo menos instruído na fé, que entenderá que o melhor a fazer é simplesmente interromper a devolução dos dízimos e ofertas. É um dos propósitos desse trabalho, inclusive, lembrar aos descontentes que Deus não os condena por sua insatisfação e que existem alternativas chanceladas pela Bíblia e pelo Espírito de Profecia, as quais deixam claro que não é necessário conformar-se com o silêncio surdo da devolução direta aos cofres oficiais. O próprio texto dos conselhos sobre mordomia aqui evocado continua com uma alternativa:

"Apresentai vossa queixa franca e abertamente, no devido espírito, e às pessoas competentes."

Conselhos sobre Mordomia, p.93

O item B-1 do capítulo 7 trata desse assunto com mais calma e propõe algumas formas de realizar essa queixa.

Seja como for, existe uma questão adicional que coloca em xeque o presente argumento, de que o problema está com a falta de dizimistas e não com o modo com que o evangelismo é feito. De acordo com essa afirmação, tão logo surgissem mais dizimistas, a pregação do evangelho deslancharia e Jesus logo voltaria, o que não é verdade. No evangelismo por metas móveis, o resultado do aumento de recursos é muito óbvio: sobe-se o sarrafo das metas evangelísticas em um mesmo lugar já amplamente evangelizado: as igrejas são modernizadas e embelezadas, surgem mais palestras e simpósios, as campanhas evangelísticas são ali feitas com mais frequência ou mais pirotecnias, os acampamentos de desbravadores tornam-se mais fantásticos, mais sensações transcendentais podem ser experimentadas pelos crentes, maior número de artigos acadêmicos são produzidos em revistas cada vez mais bonitas e bem editadas, os logotipos são redesenhados e melhorados e o marketing institucional se torna muito mais profissional. A oratória dos pregadores e palestrantes, melhor vestidos, fica muito mais carregada de carisma. Os brindes de todo tipo subitamente ficam muito mais graciosos e a "experiência" do cristão, como um todo, fica muito mais sensacional.

Apesar de proporcionar todas essas incríveis melhorias no evangelismo, o aumento do número de dizimistas por si só não promove avanços significativos na efetiva pregação do evangelho, cum-

primento de Mateus 24:14 e apressamento da volta de Jesus, porque colocar mais recursos no evangelismo por metas móveis é equivalente a alimentar as vacas magras e feias do sonho do Faraó (Gênesis 41:17-21) com as vacas gordas e belas: os recursos desaparecem e o mundo continua tão miserável quanto antes, ou até mais miserável.

A necessidade de acréscimos no potencial financeiro leva ao argumento de que os que já dizimam não são liberais e deveriam aportar mais, quando a melhor solução para o problema está justamente no surgimento de novos dizimistas, que só pode ocorrer se houver expansão da fronteira evangelística e abandono do evangelismo por metas móveis:

"Nossos irmãos não têm compreendido que, auxiliando o avanço da obra nos campos estrangeiros, estariam ajudando-a no próprio país. Aquilo que é dado para iniciar a obra num campo, resultará no fortalecimento da mesma noutros lugares. Quando os obreiros estão livres de dificuldades, podem ampliar seus esforços, e trazendo pessoas para a verdade, estabelecendo igrejas, haverá acréscimo de potencial financeiro. Logo essas igrejas estarão aptas a não somente levar avante a obra em seu território, como a compartilhá-la com outros campos. Será partilhado, assim, o encargo que recai sobre as igrejas dos países que enviam missionários."

Testemunhos para a Igreja 6, p.8

Argumento 12 - O evangelismo por metas móveis é empático, sensível e humano.

O que o argumento quer dizer é que o evangelismo por metas móveis se preocupa com as pessoas individualmente, oferecendo a elas sempre um novo evangelho seja qual for o momento da vida pelo qual estejam passando. Conforme já foi exposto, é dever da igreja acompanhar os novos conversos de perto, ensinando-os de forma personalizada, se necessário, coisa que o evangelismo por metas móveis jamais poderia fazer. De fato, o evangelismo por metas móveis não é empático ou sensível: é incapaz de perceber quando uma pessoa não quer mais ser incomodada e não consegue nem mesmo entender em que momento da jornada cristã uma pessoa se encontra, pois todos estão, genericamente, "no momento em que precisam de um evangelho a mais".

Suponha-se, no entanto, que tudo que foi escrito até aqui seja uma grande injustiça com um conceito de evangelismo que realmente é empático, sensível e humano. Ainda assim, o evangelismo tal como conduzido não escaparia de uma acusação ainda pior: ser empático, sensível e humano com um grupo de pessoas que representa apenas uma fração da população mundial. Levar empatia e sensibilidade para fora da redoma em que as oferece não é missão do evangelismo por metas móveis.

Argumento 13 - O evangelismo nas fronteiras deve ser conduzido por empreitadas individuais de pessoas excepcionalmente espirituais.

Na década de 1990 houve um surto de publicações de livros de missões, em geral destinado ao público juvenil. Eram histórias fantásticas de missionários aventureiros procurando fazer evangelismo com a cara e a coragem em países distantes e inóspitos, dependendo de nada mais do que a misericórdia de Deus. Se existe uma lição importante nessas histórias, é a de que, além de mostrar a coragem missionária de alguns indivíduos, a própria Igreja Adventista do Sétimo Dia condena a si mesma corroborando a ideia de que negligenciou institucionalmente as missões, a tal ponto de o evangelismo na fronteira ser marcado por empreendimentos individuais e não coletivos, deixando os missionários à própria sorte.

Até hoje é comum a ideia de que o evangelismo nas fronteiras precisa ser levado por mártires individuais. É a ideia dos livros infantis de missões. A ideia de Deus era de que a igreja entrasse nesses campos com uma infinidade de recursos avassaladores e frentes coletivas de trabalho brutalmente financiadas. Em resumo, se fossem feitos esforços institucionais e coletivos, o alcance seria muito superior ao que se estabelece por meio de avanços individuais, os quais surgem justamente para tentar preencher de qualquer forma possível uma lacuna deixada pela ausência de ação coletiva.

Argumento 14 - Tanto faz se o evangelismo é feito dessa maneira ou daquela, pois o mundo todo já está evangelizado, de qualquer forma. Não há nem porque se preocupar com o assunto do evangelismo.

Por fim, o último argumento: "não faz diferença nenhuma se o mundo está sendo evangelizado ou não de acordo com uma concepção de evangelismo que se guia por por metas móveis, nem existe motivo para sequer se preocupar com evangelismo, pois o mundo inteiro já está evangelizado". Com toda razão, parece um tanto estranho postular que tais afirmações fazem apologia ao evangelismo por metas móveis, pois realmente não é o caso. Afirmar que tanto faz ou que não há mais nada para fazer é a própria negação do evangelismo. Parece, nesse sentido, antes um ataque do que uma defesa do evangelismo por metas móveis.

No entanto, é bem possível que essa atitude negacionista em relação ao evangelismo como um todo acaba por ajudar na própria manutenção da forma como as coisas são feitas. Torna-se assim um aliado do evangelismo por metas móveis, do mesmo modo que a negação da política costumeiramente é uma poderosa força para a manutenção do estado em que a política se encontra. O negacionismo generalizado, ao jogar evangelismo por metas móveis e evangelismo bíblico no mesmo balaio, impede inclusive que o devido crédito seja dado ao entendimento e às ações sugeridas na Bíblia e no Instrumento Profético: quem se posiciona de forma contrária a ambos os lados de um confronto não altera em nada o equilíbrio de forças, que atualmente pende fortemente para o evangelismo por metas móveis.

De qualquer forma, o argumento precisa ser avaliado à luz da Bíblia, do Espírito de Profecia e da realidade ao nosso redor. Primeiramente, a afirmação de que o mundo todo já está evangelizado, por mais extravagante que possa soar, não pode ser simplesmente descartada sem alguma reflexão prévia. De acordo com a profecia de Apocalipse 14 e Apocalipse 18, que em parte tratam dos mesmos fatos, a pregação do evangelho estará encerrada após cumprido o verso 7 do capítulo 14.

"E vi outro anjo voar pelo meio do céu, e tinha o evangelho eterno, para o proclamar aos que habitam sobre a terra, e a toda a nação, e tribo, e língua, e povo,

Dizendo com grande voz: Temei a Deus, e dai-lhe glória; porque é vinda a hora do seu juízo. E adorai aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas."

Apocalipse 14:6,7 - ACF

O verso seguinte, Apocalipse 14:8, é equivalente aos dois versos iniciais do capítulo 18.

"E outro anjo seguiu, dizendo: Caiu, caiu Babilônia, aquela grande cidade, que a todas as nações deu a beber do vinho da ira da sua fornicação."

Apocalipse 14:8 - ACF

"E depois destas coisas vi descer do céu outro anjo, que tinha grande poder, e a terra foi iluminada com a sua glória.

E clamou fortemente com grande voz, dizendo: Caiu, caiu a grande Babilônia, e se tornou morada de demônios, e coito de todo espírito imundo, e coito de toda ave imunda e odiável."

Apocalipse 18:1,2 - ACF

Ora, é sabido que essa última fase do anúncio da queda da Babilônia feito pelo Segundo Anjo, que se arrasta já por algum tempo, será resultado da manifesta oposição, por parte dos líderes e adeptos comuns da união entre Igreja e Estado, à mensagem do Primeiro Anjo, que representa o encerramento da não menos arrastada obra evangelística no mundo inteiro. Sabe-se também que a evidente oposição dos líderes político-religiosos à mensagem do Primeiro Anjo obviamente não passará despercebida e será facilmente notada na publicidade dada ao decreto que estabelece a guarda do domingo. Portanto, de acordo com a ordem em que os fatos se dão na profecia, é possível afirmar que o primeiro acontecimento após o êxito da pregação do evangelho em todo o mundo é o decreto dominical, o qual por sua vez é o último momento para o povo de Deus atender à mensagem do Terceiro Anjo e sair de Babilônia de uma vez por todas.

Aqui se faz o primeiro teste ao argumento de que o mundo todo já está evangelizado: se realmente nos encontramos em tal situação, estamos exatamente no espaço em branco entre os versos 7 e 8 de Apocalipse 14, dado que o decreto dominical ainda não aconteceu. O verso 7 já teria se cumprido, ao passo que o 8 ainda não. Sob essa perspectiva, afirmar que o mundo todo está evangelizado é dizer que basta agora ao adventista do sétimo dia apenas aguardar o breve anúncio do decreto dominical, que é realmente o que muitos acreditam que deve ser feito.

Esse primeiro teste torna improvável a possibilidade de que o mundo todo esteja evangelizado, mas não a descarta. Do segundo teste porém, o argumento não escapa: para que se diga que a mensagem do Primeiro Anjo já foi completada, é necessário que tenha descido sobre o povo de Deus a chuva serôdia. É aqui que se torna bastante temerário afirmar que o mundo todo está evangelizado, pois só pode descer chuva serôdia onde a luz dada na chuva temporã foi incorporada ao modo de vida:

"Não se deve negligenciar a graça representada pela chuva temporã. Só os que estiverem vivendo de acordo com a luz que têm recebido poderão receber maior luz. A não ser que nos estejamos desenvolvendo diariamente na exemplificação das ativas virtudes cristãs, não reconheceremos as manifestações do Espírito Santo na chuva serôdia."

Mensagens Escolhidas 1, p.374

Se todas as orientações para uma completa mudança nos rumos evangelísticos são tão detalhadas, numerosas e bem apresentadas no Espírito de Profecia, não se deveria entendê-las como luz dada? Todas somadas, não configuram elas uma legítima reforma evangelística, tão importante e urgente quanto todas as outras? Ora, se as alterações no evangelismo sugeridas no Instrumento Profético compõem uma importante reforma espiritual, nada acontecerá de novo entre os adventistas do sétimo dia enquanto não forem levadas a sério e empreendidas com zelo intenso e sistemático, sem o qual não haverá chuva serôdia, selamento, decreto dominical, perseguição ou a própria volta de Jesus.

Talvez seja lançando luz exatamente sobre esse ponto que as impensadas e precipitadas afirmações de que o mundo todo já está evangelizado se tornam compreensíveis. Não seria possível que nós adventistas, peregrinos no deserto por tanto tempo, tivéssemos treinado nossas mentes para ver todos aqueles emblemáticos sinais do fim onde na verdade não existe nada e estivéssemos começando agora a vê-los em forma de miragem? Por quanto tempo alguém é capaz de sustentar a crença de que a obra está avançando, apesar de não existir nada que a corrobora, antes de começar a inventar evidências para si mesmo e enxergá-las por conta própria? Quanto tempo leva até que um adventista tomado pela angústia ou pelo desespero, imerso na perspectiva de uma postergação indefinida da volta de Jesus, perca a sanidade e comece

a proferir vaticínios aleatórios e absurdos? Provavelmente deve levar muito tempo, mas muito tempo é exatamente o que já foi perdido desde a rebeldia que nos trouxe ao deserto. Lembre-se que a angústia e o desespero prolongados levaram homens piedosos dos tempos bíblicos a proferir insanidades e não deveríamos nos esquecer do que a exposição contínua a esses sentimentos é capaz de causar.

E é de se esperar que quanto mais se avance pós-modernidade adentro e mais terrivelmente intenso se torne o evangelismo por metas móveis, mais adventistas se encontrem naquela condição desesperada do último parágrafo e menor seja o pudor em apregoar por todo canto, sem qualquer interesse na própria realidade ou na coerência com a Bíblia, que o evangelho já foi definitivamente levado a todas as nações, quer tenha sido pelo trabalho dos homens ou dos anjos. O quanto antes, precisamos lembrar da promessa do Mestre e nos apegarmos a ela com todas as forças:

"Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andará em trevas, mas terá a luz da vida."

João 8:12 - ACF

Viver de acordo com uma crença aleatória qualquer cujos fundamentos simplesmente desconhecemos e cujas implicações sequer imaginamos é caminhar no escuro, justamente o que Jesus garantiu que não faríamos se o seguíssemos. Outro motivo para tantas teorias divergentes entre os adventistas a respeito do estágio em que a missão evangelística se encontra é que, na contramão de todas as instruções apresentadas no Espírito de Profecia, não são feitas investigações evangelísticas sérias e sistemáticas. Pode-se afirmar qualquer coisa a respeito de quão avançada está ou não a obra missionária simplesmente porque não há uma referência robusta à luz da qual as afirmações podem ser desnudadas. Ninguém sabe realmente dizer como está o andamento da pregação do evangelho nessa ou naquela região, especialmente porque a principal proxy para avanço evangelístico permanece sendo o número de batismos, como se o êxito evangelístico máximo fosse atingido quando cada ser humano do planeta fosse batizado. Faz-se necessária, portanto, uma forte empreitada de verdadeira investigação evangelística, a fim de que não se ande em trevas e saibamos onde estamos, o que estamos fazendo e para onde estamos indo. Entre outros, esse é um dos temas do próximo capítulo.

Capítulo 7

O que pode ser feito?

Até aqui, os esforços se concentraram na tentativa de conceituar o evangelismo por metas móveis, mostrar que é a forma de evangelismo atualmente praticada e apresentá-la comparativamente ao evangelismo bíblico. Também foram apresentados os principais argumentos a favor do evangelismo por metas móveis ou da manutenção do presente estado de coisas e os motivos pelos quais eles não convencem.

Finalmente, não se deve fugir do dever de reforçar tudo que pode realmente ser feito. Quem enxergar a necessidade de ações reais e entender que se trata de deveres cristãos inadiáveis que não possui justificativa para descumprir, sob o risco de desagradar o próprio Deus, pode encontrar dificuldades não em aceitar seu dever, mas em saber em que direção avançar e o que de fato fazer.

Esse capítulo é uma tentativa de lembrar algumas orientações simples e poderosas dadas pela Bíblia e o Espírito de Profecia. É evidente que algumas dessas orientações, dadas ao início do século XX, podem soar de forma bastante diferente em 2020, o que aumenta a necessidade de oração. Um exemplo marcante é a orientação dada pela Irmã White a respeito da necessidade de idear métodos, os quais obviamente foram multiplicados nesses últimos cem anos. Trata-se aqui da multiplicação de ferramentas de análise estatística e econométrica, de gestão da informação, de bancos de dados, de avanço do número de profissionais liberais, inclusive entre os adventistas etc. É evidente que a tarefa de idear métodos se tornou menos penosa, o que é bastante vantajoso.

A premissa mais importante desse capítulo é a de que o senso de urgência em apressar a volta do Senhor deve se manifestar em avanços em todas as frentes: o povo remanescente precisa avançar espiritualmente, compreendendo a importância teológica da justificação pela fé, a história da IASD e a forma com que, ao final do século XIX, abandonamos a perspectiva de receber a chuva serôdia. Esse conhecimento deve nos levar ao arrependimento, à aceitação do poder

de Jesus em nos declarar e efetivamente fazer justos e à implementação de uma vida feliz baseada na construção de padrões de conduta que reivindicarão o caráter de Deus e encerrarão a grande controvérsia. De modo semelhante, o povo remanescente, além de avançar enquanto indivíduos, precisa se encontrar e se reunir, ajudando uns aos outros e funcionando como comunidade, efetivamente uma igreja. Os esforços espirituais precisam também se consubstanciar em ações efetivas tanto em avanços no padrão de conduta individual como coletivo. As mudanças comportamentais no dia-a-dia devem abarcar mais que aceitar apenas uma melhoria enquanto ser humano. As alterações na forma de compreender e interagir com o evangelismo podem inclusive ser um passo inicial que auxiliará nos outros avanços.

Enfim, são necessários avanços intelectuais, espirituais e práticos em amplos espectros da vida. Em razão da delimitação aqui proposta, no entanto, serão abordadas apenas as questões que envolvem mudanças de compreensão e comportamento prático referentes ao evangelismo, não descaracterizando, mas antes reforçando a necessidade de avanços simultâneos em outras frentes. Vale insistir, de qualquer forma, que as ações aqui evocadas podem ser um bom lugar por onde começar, ainda que naquelas outras frentes não tenha havido grandes avanços.

Esse capítulo é dividido em duas partes: uma que trata do que pode ser feito em termos de como encarar o evangelismo por metas móveis, o que pode ser entendido como uma pré-ação ou uma primeira ação mental, que é tudo que o Espírito de Profecia orientou a compreender. Qualquer ação que não esteja lastreada em algum tipo de convicção intelectual e espiritual acabará por se tornar tola e legalista, do mesmo modo que qualquer noticiada chuva serôdia ou outra súbita elevação espiritual que não seja resultado da "consolidação na verdade, tanto intelectual como espiritualmente", acabará por ser mentira. A segunda parte do capítulo, por sua vez, é efetivamente o que pode ser feito em termos de ação prática, após efetivamente compreendida ao menos alguma parte da questão.

A) As convicções intelectuais e espirituais que justificam ações

Da constatação de que o evangelismo aqui chamado de evangelismo por metas móveis precisa ser encerrado e o evangelismo bí-

blico restaurado emergiram convicções muito bem documentadas no Espírito de Profecia, as quais encontram respaldo bíblico.

Convicção 1) Não se deve confiar a supostas mentes gentis as decisões sobre evangelismo. Deve-se avançar sem pedir permissão.

Primeiramente, de posse dos conhecimentos legados pela Bíblia e pelo Espírito de Profecia, é importante ter em mente que:

"O farisaísmo no mundo cristão hoje não está extinto. O Senhor deseja interromper o curso da precisão que se tornou tão firmemente estabelecido, o que dificultou em vez de avançar sua obra. Ele deseja que seu povo se lembre de que existe um grande espaço sobre o qual a luz da verdade presente deve ser derramada. A sabedoria divina deve ter espaço abundante para trabalhar. É AVANÇAR SEM PEDIR PERMISSÃO OU APOIO DAQUELES QUE TOMARAM PARA SI UM PODER REAL. No passado, um grupo de homens tentou manter em suas próprias mãos o controle de todos os meios provenientes das igrejas, e usou esses meios da maneira mais desproporcional, erguendo edifícios caros onde esses edifícios grandes eram desnecessários, e deixando lugares carentes sem ajuda ou incentivo. Eles assumiram a grave responsabilidade de retardar o trabalho onde o trabalho deveria ter sido avançado. FOI DEIXADO PARA ALGUMAS SUPOSTAS MENTES GENTIS DIZER QUAIS CAMPOS DEVERIAM SER TRABALHADOS E QUAIS DEVERIAM SER DEIXADOS SEM TRABALHO. Alguns homens mantiveram a verdade em canais circunscritos, porque abrir novos campos exigiria dinheiro. Somente naqueles lugares em que estavam interessados eles estavam dispostos a investir em meios. E, ao mesmo tempo, em alguns lugares, cinco vezes o dinheiro necessário foi investido em edifícios. A mesma quantidade de dinheiro usada no estabelecimento de plantas em lugares onde a verdade nunca foi introduzida traria muitas almas a um conhecimento salvador de Cristo.

Durante anos, a mesma rotina, o mesmo "modo regular" de trabalho tem sido seguido, e a obra de Deus tem sido muito prejudicada. Os planos restritos que foram seguidos por aqueles que

não tiveram julgamento claro e santificado resultaram em uma demonstração que não foi aprovada por Deus."

Spalding and Magan Collection, p.174,175 (grifo nosso)

Resumidamente, ocorre que as orientações que precisam ser seguidas são as de Deus e não as de homens:

"O temor do homem armará laços, mas o que confia no Senhor será posto em alto retiro."

Provérbios 29:25 - ACF

Logo, não é necessário pedir permissão ou apoio a homens para avançar na pregação do evangelho.

Convicção 2) A atitude evangelística ostensiva, repetitiva, impositora e mendicante está equivocada.

Em resumo, o que se pode fazer é interromper todo tipo de evangelização a quem já foi evangelizado e já demonstrou de forma clara que não deseja avançar no assunto da fé. O evangelho, onde quer que seja pregado, precisa ser apresentado como uma doce opção. Foi assim que Jesus e os discípulos sempre apresentaram o Reino de Deus. Muito do medo, do asco e de repulsa que as pessoas sentem por evangelistas é plenamente justificada diante do temor da imposição e da repetição nauseante. Eis o evangelho:

"Eis que estou à porta, e bato; se alguém ouvir a minha voz, e abrir a porta, entrarei em sua casa, e com ele cearei, e ele comigo."

Apocalipse 3:20 - ACF

Jesus não bate a porta até ensurdecer o morador da casa e muito menos possui a intenção de arrombá-la. No ministério de Jesus, nada foi ostensivo. Jesus atraía sem para isso precisar implorar por atenção.

"E grandes multidões VIERAM A ELE..."

Mateus 15:30 - BKJ (grifo nosso)

O esforço é da parte do descrente em se esquivar de uma Verdade tão arrebatadora. O evangelho não deveria ser anunciado em tons de mendicância, como se o Reino de Deus precisasse ou devesse implorar por súditos. Aqui a questão não é o que fazer, mas o que precisa deixar de ser feito.

Convicção 3) Financiar evangelismo é um dom elevado e não deve ser tratado como expressão de passividade.

O evangelismo por metas móveis acusa os financiadores do evangelismo, tanto os ofertantes como os dizimistas, de ser agentes passivos na missão evangelística. Diz-se que é necessário envolvimento ativo na obra, o que supostamente não é possível unicamente contribuindo com recursos financeiros. O financiamento é relegado como uma atitude de indiferença e recebe status de dom inferior.

Mesmo as recentes políticas de incentivo à devolução de dízimos e ofertas, que buscam capturar novos financiadores por meio de recursos audiovisuais fortemente apelativos à emoção, não procuram elevar o financiamento do evangelismo a um dom superior. Os diversos casos de fé na devolução dos dízimos e ofertas precisam sempre fazer referência a pessoas que adicionalmente fazem evangelismo local pessoalmente. Financiar evangelismo jamais, em hipótese alguma, pode ser apresentado como uma vocação ou uma especialidade absolutamente independente. Pregadores, palestrantes, instrutores de Bíblia, cantores, regentes de coral, escritores de artigos teológicos, diáconos e diaconisas, motoristas e guardadores de estacionamento das igrejas são todos considerados, sem qualquer contestação, possuidores de talentos específicos que os possibilitam a exercer suas atividades peculiares na seara do Senhor. O financiador, que pela bênção de Deus fornece os recursos para que todos os profissionais do evangelismo possam exercer suas funções de forma especializada, não é considerado ele mesmo um profissional ou especialista. Ninguém jamais insistirá com um bom pregador e empregará esforços para convencê-lo de que ele está equivocado em se especializar na pregação, pois isso implicará em deixar de lado o ministério musical empreendido na igreja. Ninguém dirá a um bom e efetivo diácono que ele precisa dar saltos mais altos e se tornar um palestrante, dedicando-se paralelamente às duas atividades. A quem faz dinheiro com facilidade e doa liberalmente à obra

evangelística, contudo, sempre haverá alguém para dizer: "você precisa se envolver ativamente na obra", o que implica também em dizer: "deixe de dedicar algum tempo àquilo que você faz muito bem para Deus e passe a dedicar esse tempo àquilo que você não tem talento para fazer".

Não obstante, os financiadores são talvez os indivíduos mais necessários ao evangelismo, pois na sua falta todos os demais evangelistas estão fadados a exercer suas atividades de forma amadora, sempre precisando conciliar sua atividade profissional em que é especialista com as demais atividades em que não é, mas que precisam ser supridas.

Que todos são missionários vivos, isso jamais entrará em discussão. A questão é que é necessário enviar missionários à fronteira, o que demanda um esforço adicional que é maior que o de influenciar familiares, amigos e vizinhos. Por regra, para cada missionário enviado são necessários 10 financiadores. Em uma comunidade cristã com 11 pessoas com renda de R$ 2000 per capita, o dízimo per capita será R$ 200 e o dízimo total, R$ 2200. Separando uma pessoa para ser missionária, ela deixa de contribuir com o dízimo e passa a viver dele, portanto com recursos para sua manutenção no total de R$ 2000. Todos viverão com a mesma quantidade de recursos e todos ali serão evangelistas globais, representados pelo missionário financiado por seus dízimos. É evidente que isso deveria ser considerado.

Resumo das convicções que justificam ações

Em resumo, portanto, a atitude mental que é condição para as ações práticas é representada na compreensão de que o evangelismo não é uma missão institucional e que um povo remanescente apartidário em relação às instituições oficiais pode e deve conduzir um evangelismo bíblico, independentemente das opiniões de homens individuais ou coletivamente organizados, de modo que não é necessário solicitar permissões. Não menos importante: deve-se abandonar a ideia de que insistir com pessoas já evangelizadas é evangelismo. Apresentar o evangelho por meio da conduta é algo que o cristão simplesmente não pode evitar, mas agir ostensivamente em campanha evangelística com pessoas já evangelizadas é desperdício de recursos. A atenção deve ser direcionada aos não evangelizados e recém conversos. Por fim, deve-se ter em mente que um evangelismo bem planejado e dotado de recursos liberará missionários para a fronteira.

B) As ações que precisam ser feitas

Uma vez compreendidas as razões pelas quais o evangelismo por metas móveis precisa ser abandonado e o evangelismo bíblico restaurado, e aceita conscientemente a admoestação que se impõe, nada mais resta fazer do que efetivamente agir. Se uma exposição resulta apenas em uma mensagem ambígua e alegórica que produz reflexões passageiras em um sábado à tarde após o almoço, algo errado aconteceu. No caso das mudanças de comportamento em relação ao evangelismo, isso é especialmente verdade, porque, dentro do conjunto de ações possíveis, algumas são extremamente simples e baratas. São coisas evidentemente tão fáceis de fazer, apesar de poderosas em seus efeitos, que não fazê-las é um claro sinal unicamente de não se ter compreendido os enganos do evangelismo por metas móveis e a necessidade do evangelismo bíblico. Começando pelas mais simples e indo para as mais complexas, sejam então apresentadas as ações possíveis.

Ação 1) Apresentar a queixa

Apresentar aos líderes da igreja a queixa, enquanto dizimista, é a primeira e mais fácil ação possível, cujos efeitos, não obstante, podem ser enormes:

> "Alguns se têm sentido mal-satisfeitos, e dito: "não devolverei mais o dízimo; pois não confio na maneira como as coisas são administradas na sede da Obra." Roubareis, porém a Deus, por pensardes que a administração da Obra não é correta? Apresentai vossa queixa franca e abertamente, no devido espírito, e às pessoas competentes."
>
> Obreiros Evangélicos, p.226

Podem ser escritas cartas ou e-mails à associação local, explicitando melhores formas de destinar os recursos, com o propósito de levar ao cumprimento a promessa de Mateus 24:14, lembrando aos líderes que existem muitas alternativas, caso eles não as conheçam. Trata-se de um texto simples e breve que qualquer adventista pode escrever individualmente ou em grupo. É a atividade perfeita para um sábado à tarde.

Adicionalmente, todo membro comum pode solicitar ao primeiro ancião de sua igreja que seja colocada em pauta na comissão o assunto da posição da igreja quanto ao percentual do dízimo destinado à associação local. Todo líder pode defender em comissão o envio de um comunicado à associação informando que entende que o percentual que fica precisa ser alterado. O fluxo, se intenso, poderia pela mão de Deus seguir até a conferência geral.

Uma manifestação clara e aberta, feita "no devido espírito" e "às pessoas certas", conforme orientou a Irmã White, possui um poder incrível. Embora muitos argumentem, até com razão, que não será a totalidade da instituição oficial da igreja adventista que receberá a chuva serôdia e pregará as três últimas mensagens angélicas durante o alto clamor, alertar e advertir é simplesmente um dever. Conhecendo a importância das instruções dadas na Bíblia e no Espírito de Profecia, ninguém deve se sentir sabedor de pouca verdade e, acanhado, argumentar que não é ninguém para julgar a questão, visto não ser doutor em teologia:

"A ti, pois, ó filho do homem, te constituí por atalaia sobre a casa de Israel; tu, pois, ouvirás a palavra da minha boca, e lha anunciarás da minha parte.

Se eu disser ao ímpio: Ó ímpio, certamente morrerás; e tu não falares, para dissuadir ao ímpio do seu caminho, morrerá esse ímpio na sua iniqüidade, porém o seu sangue eu o requererei da tua mão.

Mas, se advertires o ímpio do seu caminho, para que dele se converta, e ele não se converter do seu caminho, ele morrerá na sua iniqüidade; mas tu livraste a tua alma."

Ezequiel 33:7-9 - ACF

A missão da Igreja Adventista do Sétimo Dia em pregar a última mensagem de advertência ao mundo é tão ou mais importante que a missão dada ao povo de Israel, que fracassou em cumprí-la. Sabendo que o modo com que o evangelismo é feito traz desagrado à Deus, alertar deixa de ser uma opção e se torna um dever. Portanto, seguindo a orientação, que a queixa seja apresentada.

O que muita gente deixa de considerar, inclusive, é que sempre existe a possibilidade de que pessoas, ao ouvir o alerta, arrependam-se. Alguns fariseus ouviram o alerta de Jesus e se arrependeram. De qual-

quer forma, emitir o alerta é um dever, tão logo se perceba o que está acontecendo.

As mensagens de advertência podem e devem contemplar os gastos flagrantemente desnecessários, que precisam ser barrados imediatamente. Não custa lembrar que recurso algum deve ser empregado em recursos de multimídia, sistemas de som, iluminação e piso sofisticados, bem como ar condicionado, bancos confortáveis etc. Nenhum gasto dessa natureza possui propósito evangelístico ou de auxílio aos novos membros. Além disso:

> "Mas o Altíssimo não habita em templos feitos por mãos de homens, como diz o profeta: O céu é o meu trono, e a terra o estrado dos meus pés. Que casa me edificareis? diz o Senhor, ou qual é o lugar do meu repouso? Porventura não fez a minha mão todas estas coisas?"
>
> Atos 7:48-50 - ACF

Todo e qualquer membro pode e deve manifestar para a liderança de sua igreja a discordância em relação aos gastos que não possuem propósito evangelístico claro.

Ação 2) Conhecer os ministérios de sustento próprio e direcionar a eles os dízimos e as ofertas, se estiverem cumprindo a missão negligenciada pelos canais oficiais

Se a queixa anteriormente sugerida é acolhida com interesse e sinceridade e a volta de Jesus se torna novamente uma prioridade para os condutores do evangelismo, tanto melhor. Entretanto, se esse não é o caso, a queixa é insuficiente e outras ações se fazem necessárias.

Em relação à opinião sobre os ministérios de sustento próprio, os adventistas parecem estar divididos em quatro grupos: (1) aqueles que desconhecem sua existência, (2) aqueles que sabem de sua existência e os consideram dissidentes e perturbadores, (3) os que sabem de sua existência e não os condenam, porém julgam incorreto aportar dinheiro de dízimos e ofertas por vias não institucionais e (4) os que conhecem os ministérios de sustento próprio, enxergam neles o plano B de Deus para a pregação do evangelho que não foi executada no plano A e aportam a eles com profunda convicção.

Ao primeiro grupo, o que pode ser dito é que os ministérios de sustento próprio existem e estão espalhados por toda parte. Atuam em todas as frentes possíveis: escolas, hospitais, institutos, editoras, gráficas, publicadoras etc. Esses ministérios são numerosos, constituem parte fundamental da história da Igreja Adventista do Sétimo Dia e recebem o título de adventistas tanto quanto qualquer instância oficial da igreja. Não custa pesquisá-los e conhecê-los.

Algumas importantes obras de sustento próprio podem ser citadas: Sociedade Missionária do Sul, com o barco Estrela da Manhã, fundada por Edison James White, filho da Irmã Ellen White; Madison College, fundado por Edward Sutherland e Percy Magan no sul do Estados Unidos; escolas satélites nos estados do Sul dos Estados Unidos, que chegaram a ser 39 ao todo em 1915, como Oak Grove Garden e Fountain Head School (Highland Academy); Instituto Wildwood, fundado em 1942 por W.D. Frazee, o qual era um centro composto por restaurantes vegetarianos, lojas de produtos naturais, universidades e escolas de treinamento para adultos. Outros ministérios de sustento próprio foram: A voz da profecia, programa de rádio iniciado em 1929, o qual posteriormente foi integrada à IASD oficial; Amazing Facts, programa de televisão primeiramente ao ar em 1966; Está Escrito, fundado em 1956; Instituto Weimar, de saúde e educação, fundado em 1977; Hope International, fundado por membros leigos adventistas em 1964; e finalmente, Heartland Institute of Health & Education, fundado em 1983 e uma das maiores instituições de sustento próprio do mundo. No Brasil, por sua vez, podem ser citados: MV - Missionários Voluntários, IEST - Instituto de Educação e Saúde de Taquara, IAGE - Instituto de Agricultura e Evangelismo e o Ministério de Publicações 88.

Os grupos (2) e (3), por sua vez, permanecem ao lado da normativa oficial da Igreja Adventista do Sétimo Dia a respeito dos ministérios de sustento próprio. A Divisão Sul-Americana, no voto 2010-117, intitulado "Unidade de Doutrina e Missão" estabelece que:

"Considerando que a Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) foi suscitada por Deus como movimento profético em preparação para a segunda vinda de Cristo (Daniel 8:14; Apocalipse 10:10, 11; 14:6-12), e que 'no mundo só existe uma igreja que presentemente se acha na brecha, tapando o muro e restaurando os lugares assolados' (Ellen G. White, Testemunhos Para Ministros, p. 50);

"Convictos de que aos adventistas do sétimo dia foi confiada por Deus a missão de proclamar as três mensagens angélicas 'a cada nação, e tribo, e língua, e povo' (Apocalipse 14:6-12), e sendo que 'nenhuma obra há de tão grande importância' como esta, eles não devem permitir que projetos particulares ou qualquer outra coisa os desviem dessa sagrada missão (Ellen G. White, Testemunhos Para a Igreja, v. 9, p. 19); "Sendo que a unidade orgânica da igreja como corpo de Cristo é essencial para o cumprimento da missão (João 17:21; 1 Coríntios 1:10; 12:12-27), e que Deus 'está guiando, não ramificações transviadas, não um aqui e outro ali, mas um povo' (Ellen G. White, Testemunhos Para Ministros, p. 61); "Não recomendarmos as atividades de qualquer ministério, grupo ou pessoa que se sente na liberdade de (1) difamar a igreja de forma pública ou privada; ou (2) promover teorias doutrinárias em desacordo com as 28 Crenças Fundamentais da IASD, tais como o antitrinitarianismo e a negação da personalidade do Espírito Santo, o perfeccionismo e a teoria de que Cristo veio com uma natureza humana moral e espiritualmente caída, questionamentos ao dom profético de Ellen G. White, especulações escatológicas, desequilíbrio na área da saúde, etc.; ou (3) aceitar dízimos; ou (4) exercer suas atividades sem o apoio da liderança da respectiva organização responsável por aquele território (União de igrejas/Associação/Missão local). "Diante dos prejuízos que podem ocasionar à unidade da igreja e ao cumprimento de sua missão, nenhuma pessoa ou ministério com alguma dessas características deve ser convidado a participar em atividades da igreja. "Reconhecemos, porém, a importante contribuição de pessoas e grupos que investem seu tempo e recursos pessoais no desenvolvimento de planos e estratégias de apoio à igreja no cumprimento de sua missão. O espírito de colaboração e apoio dessas pessoas e grupos têm sido fundamental à proclamação do 'evangelho eterno' a todo mundo (Apocalipse 14:6)."

Voto 2010-117 da Divisão Sul-Americana -
"Unidade de Doutrina e Missão"

O quarto grupo, por fim, sabe que as únicas coisas que impedem a volta de Jesus na nossa época são justamente a pendência em relação à "restauração dos lugares assolados da Terra", ao qual o voto

2010-117 faz menção, e o despreparo para receber o Noivo. Além disso, conhece a história da Igreja Adventista do Sétimo Dia e ama sua doutrina e o Espírito de Profecia, o qual orienta que: (1) quando o plano A (linhas regulares, instituição oficial) falha, o plano B (linhas irregulares, obras de sustento próprio) precisa entrar em ação imediatamente:

"Deus pede reavivamento e reforma. As "linhas regulares" não fizeram o trabalho que Deus deseja que seja realizado. Deixe a reforma do avivamento fazer mudanças constantes. Algo foi feito nessa linha, mas não deixe o trabalho parar por aqui. Não! Que todo jugo seja quebrado. Que os homens despertem para a percepção de que têm uma responsabilidade individual. A demonstração atual é suficiente para provar a todos que têm o verdadeiro espírito missionário que as "linhas regulares" podem ser um fracasso e uma armadilha. Deus ajudando seu povo, o círculo de reis que ousou assumir responsabilidades tão grandes nunca mais exercerá seu poder não santificado nas chamadas "linhas regulares". Muito poder foi investido em agências humanas não recuperadas e não reformadas. Não se permita que o egoísmo e a cobiça descrevam o trabalho que deve ser feito para cumprir a grande e nobre comissão que Cristo deu a todo discípulo. Ele, nosso Senhor e Mestre, nos deu um exemplo, em sua vida, de auto-sacrifício, da maneira pela qual devemos trabalhar para promover o reino de Deus."

Spalding and Magan Collection, p.175

"As "linhas regulares", que dizem que toda mente deve ser controlada por duas ou três mentes em Battle Creek, continuam a dominar? O grito macedônio vem de todos os cantos. Os homens devem ir às "linhas regulares" para ver se terão permissão para trabalhar, ou devem sair e trabalhar da melhor maneira possível, dependendo de suas próprias habilidades e da ajuda do Senhor, começando de maneira humilde e criando interesse na verdade em lugares em que nada foi feito para transmitir a mensagem de aviso?"

Spalding and Magan Collection p.176

Historicamente, em diversas ocasiões Deus precisou efetivamente partir para um plano alternativo, sendo o ministério de Jesus e

dos discípulos o caso mais emblemático. Os líderes religiosos estabelecidos por Deus haviam negligenciado sua missão e o chamado precisou ser aberto aos discípulos:

"Os líderes judeus imaginavam-se demasiado sábios para necessitar de instrução, demasiado justos para necessitar de salvação e demasiado honrados para necessitar da honra que vem de Cristo. O Salvador afastou-Se deles para outorgar a outros os privilégios de que tinham abusado e a obra que haviam negligenciado. A glória de Deus tinha de ser revelada e Sua Palavra confirmada. O reino de Cristo tinha de ser estabelecido no mundo. A salvação de Deus tinha que se tornar conhecida nas cidades do deserto; e os discípulos foram chamados para fazer a obra que os líderes judaicos deixaram de fazer."

Atos dos Apóstolos, p.9

"Os guias da nação judaica tinham assinaladamente deixado de cumprir o propósito de Deus para Seu povo escolhido. Aqueles a quem o Senhor tinha feito depositários da verdade provaram-se infiéis a seu legado, e Deus escolheu outros para fazerem Sua obra. Em sua cegueira, esses guias davam, agora, amplo impulso ao que chamavam justa indignação contra aqueles que estavam pondo de lado suas acariciadas doutrinas. Não podiam sequer admitir a possibilidade de não haverem entendido devidamente a Palavra, ou que tivessem interpretado mal ou aplicado erradamente as Escrituras. Agiam como homens que houvessem perdido a razão. Que direito têm esses ensinadores, diziam, alguns deles meros pescadores, para apresentar ideias contrárias às doutrinas que temos ensinado ao povo? Estando determinados a suprimir o ensino dessas ideias, aprisionavam os que o estavam apresentando."

Atos dos Apóstolos, p.44

A própria Irmã White foi uma entusiástica defensora dos ministérios de sustento próprio que surgiram com o propósito de tapar brechas deixadas pela instituição oficial, tais como o barco Estrela da Manhã, que cumpria um ministério no sul do Estados Unidos, negligenciado pelas vias oficiais, e a Fazenda de Madison, que formava missionários. Em relação ao ministério do sul, ela escreveu ao seu filho:

"Eu diria: "Confie no Senhor. Existe um caminho aberto para você em relação à obtenção de ajuda para o campo do sul. Apele ao povo. Este é o único curso que você pode seguir, dadas as circunstâncias. Não envie nenhuma declaração da situação através de nossos documentos religiosos; porque não será honrado. Envie direto para as pessoas. Os caminhos de Deus não devem ser contrariados pelos caminhos do homem. Há quem tenha meios e que dará grandes e pequenas quantias. Tenha esse dinheiro direto para a sua porção miserável da vinha. O Senhor não especificou nenhum canal regular pelo qual os meios devam passar. " Adendos. - Numa conversa com minha mãe hoje, ela definitivamente me declarou que as instruções que recebi a respeito do trabalho não foram revogadas.

Spalding and Magan Collection, p. 498

E completa:

"O Senhor abençoou o trabalho que JE White tentou fazer no sul. Deus conceda que as vozes que foram tão rapidamente levantadas para dizer que todo o dinheiro investido na obra deva passar pelo canal designado em Battle Creek não sejam ouvidas. As pessoas a quem Deus deu seus meios são receptivas somente a Ele. É seu privilégio dar ajuda e assistência direta às missões. É por causa da apropriação indevida de meios que o campo do Sul não tem melhores resultados do que hoje... Eu tenho que dizer, meu irmão, que não desejo ver o trabalho no sul avançando nas velhas linhas regulares. Quando vejo quão fortemente prevalece a idéia de que os métodos de manusear nossos livros no passado sejam mantidos, porque o que tem sido deve ser, não tenho coragem de aconselhar que antigos costumes continuem. Quem trabalha em Nashville faz a vontade de Deus com toda humildade. Espero sinceramente que sejam feitas as mudanças que as necessidades do caso exigirem."

Spalding and Magan Collection, p.176,177

O aporte aos ministérios de sustento próprio, na forma de dízimos e ofertas, pode se tornar uma necessidade, conforme o Espírito de Profecia adverte:

"Por que, pergunto-vos, não foram feitos esforços especiais para empregar obreiros médico-missionários em nossas igrejas? O Dr. Kellogg quer tomar algumas medidas que eu ficaria triste se ele fosse compelido a tomar. Ele diz que se não forem concedidos recursos para levar a mensagem às igrejas pelos obreiros médico--missionários, ele separará o dízimo que é pago à associação, para sustentar a obra médico-missionária. Deveis chegar a um acordo e trabalhar harmoniosamente. QUE ELE SEPARE O DÍZIMO DO TESOURO SERIA UMA NECESSIDADE QUE EU RECEIO GRANDEMENTE. Se esse dinheiro, em dízimos, é pago à tesouraria pelos obreiros, por que, pergunto, não deveria essa quantia ser proporcionada para levar avante a obra médico-missionária?"

Carta 51a (1898), p.1,7 aos Pastores Smith e Irwin (grifo nosso)

A instrução não poderia ser mais clara:

"Há alguns casos que têm estado diante de mim por anos, e tenho suprido suas necessidades ATRAVÉS DO DÍZIMO, como Deus tem-me instruído a fazer. E se alguém disser a mim, Irmã White, você poderia destinar meu dízimo para onde saiba ser mais necessário, eu direi, sim, posso; e tenho procedido assim. Eu elogio aquelas irmãs que têm aplicado seu dízimo onde é mais necessário para ajudar a fazer uma OBRA QUE TEM SIDO DEIXADA DE LADO."

Manuscript Releases 2, p.99,100 (1905) - Carta ao Pastor G.F. Watson, Presidente da Associação do Colorado (grifo nosso)

A respeito desse ponto, não custa insistir:

"Alguns têm entretido a ideia de que por causa de Madison não pertencer a uma associação organizada, não deveria ser permitido aos responsáveis pela escola pedir de nosso povo os meios tão necessários para levar avante sua obra. Esta ideia precisa ser corrigida. Na distribuição do dinheiro que vem da tesouraria do Senhor, vocês tem direito a uma porção assim como os que estão ligados aos nossos necessários empreendimentos que são executados em harmonia com a instrução do Senhor."

Irmã White a Percy P. Magan, 4 de março de 1907

Portanto, uma vez conhecidos os ministérios de sustento próprio e unicamente se for observado que cumprem a missão de apressar a volta de Jesus, a qual tem sido deixada de lado pela instituição oficial por mais de cem anos, pode-se e deve-se aportar a eles com dízimos e ofertas:

"Nossas ofertas não devem ser confiadas a nenhuma pessoa. Não devemos fazer de ninguém o nosso mordomo. A mensagem dos três anjos é de ir a todas as partes do mundo, e não devemos ajudar na criação de quaisquer interesses que absorvam o dinheiro de Deus em uma obra que possui muita coisa que não pertence à obra para este tempo."

The Kress Collection, p.119

"Permita Deus que as vozes que tão rapidamente se levantaram para dizer que todo o dinheiro investido na obra deva passar pelo canal apontado em Battle Creek não sejam ouvidas. As pessoas a quem Deus tem dado Seus recursos são responsáveis somente para com Ele. É privilégio delas prestarem ajuda e assistência diretamente às missões."

Spalding and Magan Collection, p.174

Ação 3) Investigar e idear métodos para o evangelismo

Por fim, idear métodos para o evangelismo é uma terceira ação possível, igualmente muito poderosa para a substituição do evangelismo por metas móveis por um evangelismo bíblico.

"Noite após noite não posso dormir por causa dessa responsabilidade que sobre mim pesa em prol das cidades não advertidas. Noite após noite estou ORANDO E BUSCANDO IDEAR MÉTODOS pelos quais possamos ir a essas cidades e transmitir-lhes a mensagem de advertência. Ora, existe um mundo a ser advertido e salvo, e temos que ir ao oriente, ao ocidente, ao norte e ao sul, a trabalhar inteligentemente em favor do povo que está ao nosso redor. Ao empreendermos essa obra, veremos a salvação de Deus. Virá incentivo."

Manuscrito 53 (1909) (grifo nosso)

Ao contrário do que a centralização do planejamento evangelístico pode dar a entender, trabalhar inteligentemente, pesquisar e pensar sobre o evangelismo de uma forma mais ampla não é algo de que os membros leigos devam se isentar. A orientação é justamente o oposto disso:

"As igrejas devem despertar. Os membros devem acordar do sono e começar a perguntar: Como está sendo usado o dinheiro que investimos no tesouro? O Senhor deseja que seja feita uma pesquisa minuciosa. Todos estão satisfeitos com a história do trabalho nos últimos quinze anos? Onde está a evidência do cooperar com Deus? Onde foi ouvida nas igrejas a oração pela ajuda do Espírito Santo? Insatisfeitos e desanimados, nos afastamos da cena."
The Kress Collection, p.120

Tal como foi visto nas duas ações anteriores, o membro leigo não deve permanecer calado. Se possuir ideias que possam ajudar, deve apresentá-las de forma clara e fundamentada tanto à instituição oficial quanto aos ministérios de sustento próprio. Se for o caso, ainda, deve seguir adiante e iniciar por si mesmo os trabalhos em um campo evangelístico negligenciado por ambas as frentes, tal como a ação 4 demonstrará. Pensar a respeito do evangelismo é algo que pode levar o membro a essa última circunstância:

"Neste trabalho, todas as igrejas que foram estabelecidas devem ter uma parte, de acordo com suas diversas habilidades. Se surgirem dificuldades nos campos missionários, que a investigação interessada seja feita sem demora, para que o caminho do dever não seja oculto ou obscurecido. À medida que essas perguntas forem apresentadas aos que são sábios na sabedoria de Deus, o exame será unido ao exercício da prudência. Ao usar o conhecimento que Deus lhes deu, os homens obterão uma experiência clara e nítida. Ao exercer sua habilidade dada por Deus em ajudar a plantar o padrão da verdade em um novo território, eles receberão grande bênção. Depois de tentarem desinteressadamente obter uma compreensão correta da situação, devem se aproximar do propiciatório, pedindo intuição clara e um propósito altruísta, para que possam ver as necessidades de campos distantes. Ao pedirem

ao Senhor que os ajude a avançar na obra em regiões além, eles receberão graça do alto. Eles nunca buscarão o Senhor em vão."

The Kress Collection, p.117

Enfim, a necessidade de se idear métodos para levar a mensagem de advertência ao mundo pode ser resumida com as próprias expressões usadas pela Sra. White nas citações acima: é preciso "começar a perguntar", realizar "pesquisas minuciosas" e "investigações interessadas" para se "obter uma compreensão correta da situação" e para que "o caminho do dever não seja oculto ou obscurecido". Dessa forma, métodos serão ideados e se "trabalhará inteligentemente". Ao longo dessas etapas, todos devem "ter uma parte, de acordo com suas habilidades".

A respeito das pesquisas minuciosas e das investigações interessadas é importante ponderar: as estatísticas oficiais da IASD têm sido suficientes? Indiscutivelmente, o Relatório Estatístico Anual da IASD, feito em âmbito mundial, é um dos grandes trunfos da Instituição Adventista. Esse documento é uma fonte preciosa de dados, a partir do qual outros estudos podem ser realizados. No entanto, o evangelismo por metas móveis é a inabalável regra, do que se entende que há muito campo para avançar: as pesquisas precisam ser mais minuciosas e a investigação mais interessada, a fim de se chegar a uma melhor compreensão da situação. Pode ser o caso, talvez, de que institutos de pesquisa evangelística de sustento próprio, livres da completa imersão no evangelismo por metas móveis, precisem ser erguidos, com o propósito de realizar estudos, pesquisas, publicações e outros trabalhos que apresentem o panorama evangelístico a partir de óticas completamente diferentes, carregadas de vida nova.

De forma simplificada, talvez pudessem ser apontados três grandes campos de investigação evangelística: (1) investigação do estado do avanço evangelístico, (2) investigação do estado dos recursos evangelísticos e (3) investigação do estado dos custos evangelísticos. Uma vez identificado o estado do avanço evangelístico em uma região por meio de (1) e os custos para o encerramento da obra ali por meio de (3), seriam mobilizados para o lugar, de forma inteligente, estratégica e proporcional às necessidades levantadas, os recursos evangelísticos identificados em (2). A combinação das três frentes de pesquisa é o que possibilitaria o "trabalhar inteligentemente".

3.1) Investigação do estado do avanço evangelístico

A investigação do estado do avanço evangelístico em cada região é um ótimo ponto de partida, pois indica quais são os lugares em que há escassez ou sobra de recursos, em proporção ao que falta avançar ali. Esse estudo indica ainda qual qualidade de recursos se faz necessária.

Atualmente, e talvez desde sempre, o número de batismos é considerado o indicador de avanço evangelístico por excelência. No evangelismo por metas móveis, nenhum outro indicador é utilizado. Adotá-lo sem ressalvas, no entanto, implica em aceitar que, como já foi visto: (1) não há avanços onde não há batismos; (2) a missão evangelística final é batizar a humanidade toda ou, em outras palavras, converter o mundo todo; (3) o trabalho evangelístico deve ser guiado por metas de batismo.

Aceitar (1) é simplesmente aceitar mentiras: como foi visto no capítulo 5, há dois grupos de pessoas, talvez bastante numerosos, que representam os rejeitores e os indecisos. Embora não estejam batizados, estão evangelizados, mas continuam consumindo recursos evangelísticos, na medida em que constam nos relatórios de avanço evangelístico como "não evangelizados".

Novamente, é preciso ter muito claro em mente que, dependendo de região para região, pode haver um grupo considerável de pessoas que rejeitaram a opção do batismo e já estão evangelizadas. Identificar esses grupos em cada região é uma tarefa de investigação muito necessária, pois revelará lugares onde os recursos poderão ser liberados. Além disso, aceitar a implicação (2) é afirmar uma crença anti-bíblica no dominionismo, ou seja, na teoria de que o mundo só estará suficientemente evangelizado e Jesus só voltará quando a humanidade toda estiver convertida.

Agora aceitar (3) é ainda pior. Há na Bíblia qualquer sugestão de que os missionários que saíssem de ímpias cidades com poucos batismos, ou mesmo nenhum, estariam falhando em cumprir sua missão evangelística? Justamente sabendo que pudessem ser levados a pensar que estariam falhando, Jesus lhes encoraja a sacudir a poeira dos pés e seguir adiante com a cabeça erguida, de tal modo que não podia ter deixado mais claro: nenhuma "meta" é descumprida quando não há abundantes batismos. A missão sempre foi lançar sementes, pois está

muito além do campo de ação do ser humano provocar decisões de batismo. Há alguma dúvida de quais são os efeitos da imposição de metas irreais, irracionais e completamente ingerenciáveis? Com uma meta dessa natureza em mente, os evangelistas podem se sentir compelidos a recorrer à insistência desproporcional, ao abuso psicológico ou mesmo à fraude. A evidência empírica é cruel, mas inescapável.

Pautar o trabalho evangelístico por metas de batismo demonstra uma longa cadeia de erros. Lembre-se das instruções: "começar a perguntar", realizar "pesquisas minuciosas" e "investigações interessadas" para se "obter uma compreensão correta da situação" e para que "o caminho do dever não seja oculto ou obscurecido", tornando-se possível, por fim, "trabalhar inteligentemente". Não questiona-se se o número de batismo é um bom indicador para o avanço da pregação do evangelho, de modo que as pesquisas e as investigações continuam apurando esse indicador. Obtém-se uma compreensão equivocada da situação e o caminho do dever permanece oculto. Por fim, trabalha-se sem inteligência, com base em metas de batismo.

Como então fazer uma melhor investigação do avanço evangelístico se o número de batismos por si só não ajuda muito? A questão é justamente que, conforme a orientação dada pelo Espírito de Profecia, cabe a todos os adventistas debruçar-se sobre perguntas desse tipo. Um possível caminho para a investigação pode ser a inserção de novas variáveis, tais como tempo, número de desfiliados, recursos evangelísticos utilizados e liberdade religiosa.

Considere-se um exemplo simples: em uma região qualquer com 1 milhão de habitantes e um total de 20 mil membros adventistas, foram batizadas 10 mil pessoas nos últimos cinco anos, duas mil em cada ano, cumprindo-se a meta anual de batismos. O status do avanço evangelístico seria ali considerado como positivo e crescente: a obra estaria sendo feita, haveria muito mais campo para avançar e não seria necessário repensar nada a respeito dos recursos evangelísticos ali alocados. Acrescente-se então uma nova variável: o número total de membros ao final de cada um desses cinco últimos anos permaneceu em 20 mil pessoas durante todo o tempo. Indo um pouco além, coloque-se outras duas variáveis: a região possui um indicador de liberdade religiosa bastante alto e o desembolso médio por batismo da associação circunscrita àquela região é muito superior ao desembolso médio por batismo das outras regiões naquele mesmo país ou em outros.

Embora não seja possível afirmar com plena exatidão o que está acontecendo ali em termos de avançamento da obra e quão evangelizado o lugar realmente está, o cenário como um todo se torna mais facilmente compreensível com mais informações. A ausência de crescimento do número de membros ao longo do tempo em um cenário de liberdade religiosa pode indicar tanto uma espécie de rotatividade nos membros quanto a própria saturação da pregação do evangelho na região. O fato de haver um desembolso alto na associação local provavelmente indica que os membros que aportam com dízimo também são ricos e a própria região como um todo também é rica, o que por si só reforça o cenário de liberdade religiosa, uma vez que em geral renda e liberdade religiosa são altamente correlacionados. Segue-se que gastos acima do normal em uma região em que se pode professar qualquer religião livremente, se combinada com nenhum crescimento do número de membros, apontam para uma conclusão um tanto inevitável: o lugar está abarrotado de evangelismo e nenhuma campanha evangelística adicional será capaz de mudar a situação. O diagnóstico inicial de que o evangelismo está avançando bem e de que há ainda muito mais campo por avançar muda totalmente: levando em conta os novos indicadores, a região apresenta fortes sinais de estar muito mais que evangelizada e os recursos evangelísticos precisam sair dali urgentemente.

3.2) Investigação do estado dos recursos evangelísticos

Basicamente, trata-se de conhecer qual é o total dos recursos evangelísticos disponíveis e a capacidade para criar novos recursos, além da forma com que estão distribuídos. De posse dos dados relativos ao avanço evangelístico, torna-se então possível propor realocações inteligentes desses recursos.

Longe de significar apenas dinheiro, muita coisa pode ser considerada recurso evangelístico: instalações, materiais, pessoas (individualmente e coletivamente), tecnologia, tempo, informações etc. Em suma, tudo quanto pode ser empregado com possibilidade de êxito no avançamento da obra evangelística deveria ser considerado um recurso evangelístico. A enorme vantagem que existe nos recursos financeiros, no entanto, é que podem facilmente ser substituídos por outros recursos evangelísticos, de acordo com a necessidade, o que torna os financiadores missionários portadores de um dom elevado.

A tarefa de reconhecer o total de recursos evangelísticos, primeiramente, parece envolver duas tarefas: contabilizar tudo que é facilmente observável como recurso evangelístico e identificar aquilo que é recurso evangelístico, mas não está sendo visto como tal. A primeira tarefa deveria ser um tanto simples no atual estado da arte da contabilidade, mas a segunda ainda é bastante menosprezada, ao que tudo indica. Aquilo que consta em demonstrações contábeis é facilmente identificado como recurso evangelístico, mas está muito longe de representar a totalidade desses recursos, pois há uma infinidade de pessoas dispostas a prestar todo tipo de serviços genéricos ou especializados, bem como ajudar com recursos materiais financeiros e não financeiros. Tanto a IASD oficial quanto os ministérios de sustento próprio parecem deixar de lado o uso de bancos de dados sistemáticos para a apuração desses recursos aparentemente inexistentes, como bancos de talentos, por exemplo, nos quais as informações podem ser preenchidas pelos próprios membros e voluntários. Além dos próprios recursos de conhecimentos específicos em diversas áreas, esses bancos poderiam conter informações de recursos materiais não financeiros que as pessoas estariam dispostas a doar, tais como computadores e móveis. Diversas instituições já utilizam com êxito sistemas semelhantes.

O potencial para criar novos recursos evangelísticos, de modo semelhante, merece cuidadosa investigação. Toda estratégia atual de acréscimo de potencial financeiro é pautada na imposição de maiores responsabilidade aos que já aportam: quem dizima deveria ajudar mais. Entretanto, é necessário investigar de forma mais inteligente a questão e encontrar a estratégia que realmente redunda em maiores acréscimos de recursos. É mais exitoso empreender campanhas institucionais para pressionar famílias dizimistas já apertadas no orçamento ou avançar para lugares em que mais pessoas se juntarão à fé adventista e começarão a contribuir?

"Nossos irmãos não têm compreendido que, auxiliando o avanço da obra nos campos estrangeiros, estariam ajudando-a no próprio país. Aquilo que é dado para iniciar a obra num campo, resultará no fortalecimento da mesma noutros lugares. Quando os obreiros estão livres de dificuldades, podem ampliar seus esforços, e trazendo pessoas para a verdade, estabelecendo igrejas, haverá acréscimo de potencial financeiro. Logo essas igrejas estarão aptas

a não somente levar avante a obra em seu território, como a compartilhá-la com outros campos. Será partilhado, assim, o encargo que recai sobre as igrejas dos países que enviam missionários."

Testemunhos para a Igreja 6, p.8

Finalmente, é preciso investigar a forma com que os recursos evangelísticos estão distribuídos e confrontar o mapa da distribuição com o mapa do avanço evangelístico.

"Levem a mensagem a novas cidades. Se necessário, devemos gastar menos recursos nos poucos lugares em que a mensagem tem sido suficientemente pregada, a fim de podermos ir a outros lugares onde a advertência não foi dada e onde homens e mulheres ignoram a grande crise que está por vir a todos os que vivem sobre a Terra. Temos a palavra da verdade - os mandamentos de Deus e a fé em Jesus - para dar às pessoas desta geração."

Manuscrito 61 (1909)/Manuscript Releases 10, p.216/
Ministério Para as Cidades, p.55

Deveria ser motivo de satisfação para as regiões já avançadas na pregação do evangelho a prerrogativa de liberar recursos para lugares mais necessitados, mas o que a Irmã White bem identificou como "ciúme dos recursos" leva as lideranças de regiões mais evangelizadas, mais abastadas e com maior liberdade religiosa a advogar por fatias ainda maiores do bolo dos recursos evangelísticos. A investigação conjunta da distribuição dos recursos e do avanço evangelístico poderia ser um forte opositor dos julgamentos unicamente baseados em sensações de que alguns lugares merecem ou precisam mais.

A investigação precisa ir além, especialmente em relação aos percentuais dos dízimos que permanecem nas associações locais. Os cerca de 75% dos dízimos que lá são retidos, os quais são destinados ao "campo missionário" nas vizinhanças dessas igrejas, suscitam a seguinte pergunta: é a ideia de que sempre há uma nova conquista evangelística a se empreender mesmo em um lugar já evangelizado que causa a manutenção de um percentual tão alto, ou é o próprio percentual alto que causa o evangelismo por metas móveis? É o campo de evangelismo que demanda os recursos ou são os recursos que procuram um campo de evangelismo nos quais possam ser empregados?

A lógica da obrigatoriedade da realização orçamentária parece terrivelmente sólida: um diretor de evangelismo é um gestor, a quem é dado certa quantidade de recursos, com os quais precisa cumprir metas. Uma das metas mais óbvias que esse gestor precisa cumprir é a realização do orçamento. Se for entregue a ele um montante de R$ 10.000,00 para ser despendido em evangelismo em uma determinada região, espera-se que ele o utilize, sob o risco de incorrer em uma má gestão, haja ou não campo missionário em sua região.

Essa é uma questão que precisa ser pensada e estudada com enorme cuidado, pois é plenamente possível a qualquer instituição se tornar refém de números, metas e práticas de gestão que colocou sobre si mesma e que são encarados como inalteráveis. Deixar de pensar cuidadosamente é sempre perigoso. Os resultados da imposição da obrigatoriedade da realização orçamentária deveria inclusive ser uma lição para que os ministérios de sustento próprio jamais adotassem tal prática sem antes refletir sobre suas possíveis consequências.

Por fim, vale lembrar:

"Há os que pensam que têm a obrigação de pregar a verdade, mas não ousam aventurar-se a sair da praia, e não pescam nenhum peixe. Preferirão andar entre as igrejas, repassando sempre o mesmo terreno. Informam que apreciaram muito, que fizeram uma boa visita, mas em vão esperamos pelas almas que estariam convertidas à Verdade por meio de sua cooperação. Esses ministros navegam próximo demais à praia. Avancem eles para o mar alto, e lancem as redes onde estão os peixes. Não há falta de trabalho para ser feito. Poderia haver centenas empregados na vinha do Senhor, onde agora um único."

The True Missionary, fevereiro de 1874

O lema dos investigadores dos recursos evangelísticos deveria ser a última frase da citação: "Poderia haver centenas empregados na vinha do Senhor, onde agora um único.".

3.3) Investigação do estado dos custos do evangelismo

A própria Irmã White explica bem o porquê dessa investigação:

"O povo de Deus não deve sair cegamente e empregar os recursos de que não dispõe, nem sabe como obter. Temos que demonstrar sabedoria nas coisas que fizermos. Cristo pôs diante de nós o plano pelo qual Sua obra deve ser dirigida. OS QUE DESEJAREM CONSTRUIR TÊM QUE PRIMEIRAMENTE SENTAR-SE E CALCULAR O CUSTO, para ver se podem completar a construção do edifício. Antes de começarem a executar os planos, devem aconselhar-se com sábios conselheiros. Se um obreiro, falhando em raciocinar da causa para o efeito, está em perigo de agir imprudentemente, seus colegas devem falar-lhe palavras de sabedoria, mostrando-lhe qual é seu erro."

Carta 182 (1902) (grifo nosso)

E complementa:

"O Senhor me mostrou que se o inimigo for capaz, de algum modo, de desviar a obra para canais errados, impedindo assim o seu avanço, ele o fará. MUITOS DENTRE NOSSO POVO TÊM REALIZADO INVESTIMENTOS SEM TOMAREM TEMPO PARA CONSIDERAR OS CUSTOS, sem verificarem se havia dinheiro suficiente para levar a cabo a obra iniciada. Estreiteza de visão foi assim demonstrada. Os homens fracassaram em compreender que a vinha do Senhor abrange o mundo inteiro. As receitas dos sanatórios estabelecidos não devem destinar-se a sustentar numerosos ramos da obra em favor das classes desfavorecidas em nossas ímpias cidades. Grande parte dos recursos utilizados para sustentar essa grande e sempre crescente obra deveria, de acordo com a ordem do Senhor, ter sido utilizada para estabelecer instituições em outros países, onde a luz da reforma de saúde ainda não brilhou. Sanatórios, menos dispendiosos do que os de grande vulto erigidos na América, deveriam ter sido construídos em muitos países. Assim se haveriam erguido instituições que, tornadas fortes, haveriam prestado assistência à construção de novas instituições em outros lugares. O Senhor não é parcial. Entretanto, tem Ele sido representado erroneamente

por Seus obreiros. Aquilo que deveria haver sido empreendido em muitas partes de Sua vinha, foi em grande medida impedido, pois os homens de maior responsabilidade na obra fracassaram em ver como deveria ela haver avançado nas porções mais distantes da vinha. Em algumas partes do campo a obra foi superexposta. Dessa forma foi absorvido dinheiro que deveria haver sido aplicado para a capacitação de obreiros em outras partes da vinha, para que avançassem sem impedimentos na implantação do estandarte da verdade em lugares novos. Algumas porções da vinha não devem ser roubadas para que os meios sejam livremente utilizados em outras porções do campo."

Testemunhos para a Igreja 8, p.182 (grifo nosso)

Evangelizar cada região possui um custo distinto e é necessário compreender profundamente essa questão. Aqui a pesquisa evangelística se torna mais robusta: conhecer o estado do avanço evangelístico possibilita alocar de forma mais inteligente os recursos disponíveis, os quais se tornaram conhecidos por meio de uma investigação específica. Saber quanto custará o avanço evangelístico em uma região em cada uma das possíveis frentes evangelísticas permitirá saber se o trabalho não corre o risco de ficar pela metade em razão da falta de recursos.

No evangelismo, talvez de forma ainda mais marcante do que nos assuntos comerciais, é necessário estimar também os custos intangíveis, além dos tangíveis. Faz-se necessário, por exemplo, acompanhar o estado da liberdade religiosa nas regiões, pois pouca liberdade religiosa é sinônimo de alto custo para o evangelismo. No entanto, com mudanças políticas, econômicas e sociais, esses custos não tangíveis podem se alterar. Oportunidades de ouro podem aparecer em razão de mudanças políticas que aumentem a liberdade religiosa, não porque o evangelismo só deva avançar em condições favoráveis, mas unicamente porque se torna menos custoso.

É importante quebrar a popular ideia de que apurar custos serve apenas ao propósito de causar desânimo e focar nos empecilhos ao invés das soluções. Trata-se apenas de conhecer e dimensionar as barreiras que precisam ser superadas, ou, em outras palavras, de conhecer o inimigo. Lembre-se dos espias que foram enviados para fazer um reconhecimento das terras de Canaã. Ao invés de causar desânimo e alarde, a constatação de que havia gigantes deveria significar apenas

que todos agora sabiam que o que Deus os faria derrotar era um grupo de gigantes, e não qualquer outra coisa. As informações deveriam ser valorizadas por sua utilidade e o adventista não deveria temer fatos, tendo Deus por guia e guardião.

3.4) Considerações finais sobre as investigações evangelísticas

É importante destacar, finalmente, que grande parte dos dados necessários para uma investigação mais criteriosa já é produzida sistematicamente e divulgada nos relatórios estatísticos anuais da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Nas páginas noventa e noventa e um do 2018 Annual Statistical Report são apontadas, por exemplo, as igrejas que se encontram na condição de uma para um milhão de pessoas, que exemplificam os casos em que há pouca penetração do evangelho. Também é divulgado, no relatório, o número de membros em cada associação, em séries históricas, sendo possível identificar os casos de estagnação da membresia. Os valores arrecadados e despendidos, de modo idêntico, são todos conhecidos e descritos.

Além disso, indicadores de liberdade religiosa são produzidos e publicados por diversas instituições.

Ação 4) Entrar em guerra por conta própria

Não demorará para que alguém diga que há muito cansou de esperar que as linhas regulares façam algo, já aportou aos ministérios de sustento próprio existentes, fez profundas investigações sobre o evangelismo e acabou, por fim, percebendo que ainda existem necessidades evangelísticas esquecidas por todas as frentes da obra. Qual é a orientação do Espírito de Profecia nesse caso?

"Não seremos impedidos de encontrar meios se continuarmos confiando em Deus. O Senhor está disposto a fazer uma grande obra para todos os que realmente acreditam nele. Se os membros leigos da igreja despertarem para fazer o trabalho que eles podem fazer, ENTRANDO EM GUERRA POR CONTA PRÓPRIA, cada um vendo o quanto ele pode realizar ao conquistar almas para Jesus, veremos muitos deixando as fileiras de Satanás para que fiquem sob a bandeira de Cristo. Se nosso povo agir de acordo com a luz

que é dada nessas poucas palavras de instrução, certamente veremos a salvação de Deus. Avivamentos maravilhosos se seguirão. Os pecadores serão convertidos e muitas almas serão adicionadas à igreja. Quando colocamos nossos corações em união com Cristo e nossas vidas em harmonia com Sua obra, o Espírito que caiu sobre os discípulos no dia de Pentecostes cairá sobre nós."

Testimonies for the Church 8 p.246 (grifo nosso)

A única condição para que alguém inicie por conta própria uma obra evangelística foi também apontada:

"Alguns de nossos dirigentes inclinam-se a condescender com o espírito manifestado pelo apóstolo João quando disse: "Mestre, vimos um que em Teu nome expulsava demônios, o qual não nos segue; e nós lho proibimos, porque não nos segue."

Marcos 9:38.

São essenciais a organização e a disciplina, mas há agora grande risco de apartar-nos da simplicidade do evangelho de Cristo. O que necessitamos é menos confiança em meras formas e cerimônias, e muito mais poder da verdadeira piedade. SE SUA VIDA E CARÁTER FOREM EXEMPLARES, TRABALHEM TODOS QUANTOS QUISEREM, EM QUALQUER ATIVIDADE. Ainda que não se conformem em tudo com os métodos usados por vocês, não se deve proferir uma palavra para condená-los ou desanimá-los. Quando os fariseus quiseram que Jesus fizesse calar as crianças que Lhe cantavam o louvor, o Salvador disse: "Se estes se calarem, as próprias pedras clamarão." Lucas 19:40. A profecia tem de cumprir-se."

Testemunhos para a Igreja 5, p.441 (grifo nosso)

Um campo de evangelismo ainda bastante esquecido é o da própria investigação evangelística. Qual não seria o apressamento da volta de Jesus se pessoas de vida e caráter exemplares entrassem em guerra por conta própria nesse campo?

Conclusões e considerações finais

A realidade é sim um tanto dura: o evangelismo por metas móveis, que é o paradigma de evangelismo ao menos desde a década de 1880, parece ter encontrado condições ainda melhores para sua sobrevivência na pós-modernidade, em meio à relativização generalizada e à subjetividade extrema. Ao evangelismo bíblico, por sua vez, é imposto um lugar melancólico muito próximo do esquecimento. Ao olhar para toda a luz que foi dada e para o poder das verdades bíblicas recuperadas no Espírito de Profecia, entretanto, é plenamente possível vislumbrar a promessa das "coisas novas que se farão" (Apocalipse 21:5), sabendo que, assentados em solo firme, avançaremos em uma fé que não se guia por ensinamentos de homens nem caminha no escuro.

As instruções são claras e trazem esperança: existe um conjunto de ações que os adventistas aborrecidos com a peregrinação no deserto podem executar agora mesmo, desde as mais simples até as mais complexas. Não há amarras e o momento é totalmente oportuno: temos à disposição a luz e as ferramentas. Se há quaisquer jugos impedindo a breve volta de Jesus, a luz dada nos orienta a livrar-nos de todos sem demora.

Jesus espera a noiva preparar-se para recebê-lo. É evidente que o cumprimento de Mateus 24:14 depende da vinda da chuva serôdia, do selamento e da constituição de um remanescente que reivindique o caráter de Deus. Se não ficou clara a relação entre todos esses eventos e o abandono do evangelismo por metas móveis, que se faça uma última tentativa: o conjunto de orientações do Espírito de Profecia aqui apresentadas, que recupera verdades bíblicas esquecidas ou abandonadas, constitui uma reforma evangelística necessária e mesmo urgente. Alçada ao patamar de uma reforma imprescindível por meio do próprio dom profético da Irmã White, a mudança de rumos no evangelismo se coloca ao lado das outras reformas sem as quais o povo de Deus não chegará à consolidação intelectual e espiritual da Verdade, que é o próprio selamento e a constituição do remanescente que reivindicará o

caráter de Deus. Do mesmo modo, entendida como luz dada ainda na chuva temporã, compreender, aceitar e amar a reforma evangelística são passos necessários à vinda da chuva serôdia, uma vez que a rejeição da luz dada bloqueia a vinda de nova luz, mas a obediência à ordem apresentada traz mais luz e novas ordens. A chuva serôdia, como todos sabem, não é dada aos rebeldes, mas unicamente aos que amam nada menos que a totalidade do que Deus revelou. Todo tipo de desobediência ou menosprezo às instruções dadas por Deus durante a estação da chuva temporã são um empecilho para a própria chuva serôdia.

Dessa forma, as mudanças no evangelismo não são mero redesenho operacional, financeiro e organizacional desprovido de significado espiritual, mas representam a ação humana que se segue à ordem de Deus para executar uma tarefa. Em última instância, daremos novo rumo ao evangelismo porque Deus assim pediu. Não obstante, é fácil perceber que Ele não foi arbitrário nesse comando, pois todos os motivos e a lógica foram muito bem descritos, de modo que não nos é pedido, nesse caso, para simplesmente subir um monte e sacrificar um filho em um altar, mas muito menos do que isso. O plano de ação já foi dado e explicado. Na verdade, se pensarmos bem, na reforma evangelística muito pouco nos é exigido em termos de fé. Ao contrário, em meio ao cenário que nos é posto, é maravilhosamente refrescante dizer ao Senhor que, sim, nós iremos. Difícil é optar pelo contrário e dar mais tempo de sobrevida a esse mundo decadente.

Se, por outro lado, alguém se opuser à perspectiva de uma reforma evangelística necessária ao selamento do povo Deus, com as populares alegações de perfeccionismo e legalismo, que se aceite então apenas a orientação estritamente bíblica, que no final das contas diz a mesma coisa: que se respeite os recursos evangelísticos, como ensinado por Jesus na multiplicação dos pães e peixes; que se entenda que o trabalho evangelístico é o lançamento da semente, o qual nem sempre resulta em conversões, conforme a Parábola do Semeador; e que se "sacuda o pó dos calçados" quando a mensagem for rejeitada, seguindo adiante para outros lugares, segundo ensinamento de Cristo. Além disso, que se evangelize do mesmo modo que Paulo o fez, cumprindo ao pé da letra a instrução do Mestre, viajando de cidade em cidade sem se apressar ou se demorar demais, até atingir o mundo todo.

E uma vez aceita a necessidade de reforma evangelística ou de adequação aos princípios bíblicos de evangelismo, que afinal são

absolutamente a mesma coisa, ao adventista a hesitação não faz mais nenhum sentido. O campo de ação que se abre a ele é enorme e não há mais justificativas para a resignação e a conformidade. O adventista não pode mais encontrar conforto na afirmação de que os líderes omissos, de qualquer forma, haverão de dar contas a Deus pelo evangelismo que não foi feito ou foi mal conduzido, porque quando a liderança se omite ou falha, o chamado chega ao leigo, a quem é dado ferramentas.

Cabe à Irmã White, novamente, resumir estas principais conclusões do presente trabalho e em momento oportuno dar palavras finais a ele:

"Se quisermos seguir a providência divina de oportunidade, temos que ter a perspicácia de discernir toda oportunidade, e tirar o proveito máximo de toda vantagem que nos esteja ao alcance. ... Existe um receio de nos aventurarmos e correr risco nessa grande obra, temendo que o gasto de recursos não produzirá resultados. Que acontecerá se os meios forem usados e não obstante não pudermos ver almas sendo salvas por eles? Que ocorrerá se perdermos uma porção de nossos meios? Melhor é trabalhar e permanecer em atividade do que nada fazer. Não sabeis o que prosperará: se isto se aquilo.

Decidem os homens investir dinheiro em direitos de patentes e sofrem grandes prejuízos, e isto é considerado ocorrência natural. Mas no trabalho e na causa de Deus têm os homens receio de aventurar-se. O dinheiro parece-lhes um prejuízo certo que não produz resultados imediatos quando empregado na obra de salvar almas. O próprio dinheiro que agora é tão parcamente empregado na causa de Deus, e retido egoistamente será dentro em pouco lançado com os ídolos às toupeiras e aos morcegos. O dinheiro logo perderá seu valor com muita rapidez, quando a realidade das cenas eternas forem percebidas pelo homem.

Deus deseja homens que arrisquem qualquer coisa e todas as coisas para salvar almas. Os que não avançarem sem ver com clareza diante de si cada passo da escada, não serão os homens indicados neste tempo para fazer avançar a verdade de Deus. Tem de haver agora obreiros que avancem tanto na treva como na luz e se mantenham com bravura sob desânimo e esperanças frustradas e, não obstante, ainda trabalhem com fé, com lágrimas e

perseverante paciência, semeando junto a todas as águas, confiantes em que o Senhor produzirá os resultados. Deus exige homens de fibra, esperança, fé e perseverança para trabalharem sem rodeios."

The True Missionary, Janeiro de 1874

FIM

Contato: shalltheendcome@gmail.com

Posfácio

Os leitores do primeiro manuscrito deste texto não tardaram a levantar algumas ressalvas ao trabalho, dentre as quais duas merecem ser comentadas, em razão de sua importância. Em resumo, argumentou-se que: (1) evangelismo sem consagração não resolve muita coisa e (2) o maior problema da Igreja Adventista do Sétimo Dia é a deterioração da identidade profética ou apocalíptica, não a deterioração dos projetos evangelísticos. Embora não seja difícil perceber, é importante frisar que as duas contestações vieram de fontes diferentes.

O levantamento (1) é completamente verdadeiro e correto. Trata-se, na verdade, de uma premissa fundamental do trabalho, cuja principal conclusão é a de que descartar a forma com que se faz evangelismo e retornar ao evangelismo bíblico É CONSAGRAR-SE. Se o autor não foi suficientemente claro nesse ponto, provavelmente continuará tentando explicá-lo até encontrar as palavras certas. É importante reconhecer, no entanto, que o levantamento (1) é uma preocupação plenamente justa e parte de gente muito zelosa, que teme com razão quaisquer propostas mágicas de evangelismo lastreadas na possibilidade de que pessoas sobrecarregadas de pecados possam ser poderosos evangelistas. Não há dúvida alguma de que a consagração, de fato, é uma condição indispensável para o evangelismo:

"O Senhor não opera agora para trazer muitas almas para a verdade, por causa dos membros da igreja que nunca foram convertidos, e dos que, uma vez convertidos, voltaram atrás. Que influência haviam de ter esses membros não consagrados, sobre os novos conversos? Não tornariam sem efeito a mensagem dada por Deus, a qual Seu povo deve apresentar?"

Testemunhos para a Igreja 6, p.360

O sucesso na pregação das boas novas está condicionado à reprodução do caráter de Cristo em Seu povo. Essa reprodução, com toda certeza, é nada senão a mais pura consagração:

""O fruto do Espírito é: amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio." Gálatas 5:22,23. Este fruto jamais perecerá, antes produzirá uma colheita de sua espécie para a vida eterna. "Quando já o fruto se mostra, mete-lhe logo a foice, porque está chegada a ceifa." Marcos 4:29. Cristo aguarda com fremente desejo a manifestação de Si mesmo em Sua igreja. Quando o caráter de Cristo se reproduzir perfeitamente em Seu povo, então virá para reclamá-los como Seus.

Todo cristão tem o privilégio, não só de esperar a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo, como também de apressá-la. 2 Pedro 3:12. Se todos os que professam Seu nome produzissem fruto para Sua glória, quão depressa não estaria o mundo todo semeado com a semente do evangelho! Rapidamente amadureceria a última grande seara e Cristo viria recolher o precioso grão."

Parábolas de Jesus, p.29

O justo temor implícito no levantamento (1) advém da própria consolidação de uma noção de evangelismo em que pessoas sobrecarregadas de pecados possuem papel ativo de evangelização, pois o evangelismo por metas móveis é a própria rejeição de comandos claros dados por Jesus e retomados pelo Espírito de Profecia. Existe algum resultado possível para a rejeição das instruções de Jesus senão a proliferação de pecados? Não fosse a ascensão e a consolidação de um evangelismo guiado por metas móveis, não haveria nenhuma necessidade de se esforçar por deixar claro que a pregação do evangelho prescinde da consagração, o que é óbvio tanto na Bíblia quanto no Espírito de Profecia: ninguém evangeliza antes de realmente se tornar um cristão.

Relembre-se: o evangelismo por metas móveis é pautado por metas evangelísticas recorrentemente desenvolvidas e perseguidas em um mesmo lugar já suficientemente trabalhado e concentração de recursos evangelísticos nos lugares menos necessários. Trata-se de uma afronta clara e declarada aos princípios evangelísticos contidos na Bíblia: sacudir o pó do calçado quando o evangelho for rejeitado e tratar com respeito e solenidade os recursos evangelísticos, conforme ensinado na multiplicação dos pães e peixes. Ademais, o evangelismo por metas móveis se consolidou como paradigma de evangelismo quando a Igreja Adventista do Sétimo Dia rejeitou as orientações do Espírito

de Profecia que alertavam para a perda do senso de missão global e a concentração de recursos evangelísticos.

É exagerado chamar de consagração abandonar falsas noções de evangelismo, aceitar espiritualmente e intelectualmente a necessidade de retornar ao evangelismo bíblico evocado no Espírito de Profecia e implementar sem hesitação as ações necessárias à sua retomada, que também já foram dadas no Dom Profético? Quem deu tal passo não deu um importante passo de consagração e não realizou uma significativa reforma, ao aproximar-se mais da verdade bíblica?

Se uma pessoa se voltar de todo coração ao evangelismo ensinado por Cristo, não saberá ela, inclusive, que sem se assemelhar ao Mestre e executar à risca Suas instruções estará fadada ao fracasso em tudo quanto fizer na vida, inclusive na pregação do evangelho?

É possível ir além: considere-se duas pessoas que, recém-conversas, perceberam a necessidade de implementar diversas reformas espirituais em suas vidas. Cada uma, por algum motivo, iniciou a jornada de um ponto de partida diferente: uma pela reforma de saúde e outra pela reforma evangelística. Se a primeira efetivamente implementar a reforma de saúde, será guarnecida por Deus de uma capacidade de compreensão muito mais elevada, que a habilitará a entender melhor muitos outros aspectos da verdade presente, inclusive em relação ao evangelismo. Da mesma maneira, se a segunda pessoa realmente executar a reforma evangelística, não perceberá com muito mais clareza a necessidade de seguir adiante com outras reformas, inclusive a de saúde? Compreender o amplo significado de Mateus 24:14 não leva o cristão a reconhecer a necessidade de consagração em todos os aspectos da vida? A reforma evangelística por si mesma já é um importante passo na consagração e, além disso, deixa o cristão mais próximo de outras reformas, não mais distante.

Tem-se arguido, com toda razão, que o "TESTEMUNHO a todas as nações" é a demonstração da totalidade da vida prática cristã ao mundo, que não ocorre por via de exposição teórica e exige completa consagração. Não foi o propósito deste trabalho desconstruir essa verdade, mas realçá-la. Se não houver retomada do senso de missão global, em tudo o que isso significa em termos de realocação de recursos evangelísticos, continuará comprometida tanto a parte do "testemunho" quanto do "a todas as nações". Sem um completo descarte do evangelismo por metas móveis e um retorno à missão global sem

faz de conta, o "testemunho" permanece falacioso em qualquer parte do mundo, pois conhecer as necessidades da missão mundial e desejar atacá-las sem rodeios para apressar a volta de Jesus é uma parte significativa do "testemunho". Lembre-se que sem evangelismo bíblico de alcance mundial, não existe nem testemunho local:

"Mostrar um espírito liberal, abnegado para com o êxito das missões estrangeiras, é um meio seguro de fazer avançar a obra missionária na pátria; pois a prosperidade da obra nacional depende grandemente, abaixo de Deus, da influência reflexa da obra evangélica feita nos países afastados. É trabalhando para prover às necessidades de outros que pomos nossa alma em contato com a Fonte de todo poder. O Senhor tem observado todos os aspectos do zelo missionário manifestado por Seu povo em favor dos campos estrangeiros. É Seu desígnio que, em todo lar, toda igreja e em todos os centros da obra, se manifeste um espírito de liberalidade no enviar auxílio aos campos estrangeiros, onde os obreiros estão lutando contra grandes desvantagens para comunicar a luz da verdade aos que se acham assentados em trevas. Aquilo que é dado para iniciar a obra num campo, redunda em avigoramento da mesma em outros lugares."

Obreiros Evangélicos, p.465,466/
Conselhos Sobre a Escola Sabatina, p.136

A parte do "a todas as nações" é aparentemente mais óbvia, pois é evidente que sugere necessidade de missão global. Entretanto, vale refletir: porque "testemunho a todas as nações" e não "este evangelho do reino será pregado localmente, em testemunho local, e então virá o fim"? Novamente, o testemunho local é frágil e carente de sentido ao permanecer confinado. A essência da estratégia evangelística é idear métodos para alocar cristãos aptos ao testemunho em lugares carentes da mensagem final. De forma mais ampla, não basta testemunhar. É necessário testemunhar no lugar certo. Como pode ser que haja um Povo de Deus verdadeiramente selado que não tem muito interesse em espalhar ao mundo todo o "testemunho"? O que o Espírito de Profecia sugere é que a "noiva" não está preparada para o noivo enquanto não amar de verdade a missão global, que é um passo na reforma de caráter.

O levantamento (2), por sua vez, é simplesmente errado. A ideia foi popularizada entre os adventistas por George Knight no livro intitulado A Visão Apocalíptica e a Neutralização do Adventismo, em que o historiador argumenta que o problema central do adventismo é a deterioração da visão profética ou apocalíptica. Pergunte-se: o que aconteceria se, de repente, começassem a emanar dos púlpitos pregações mais centradas nas mensagens proféticas, mais estudos bíblicos de Daniel e Apocalipse fossem oferecidos e os adventistas em geral estudassem mais os temas proféticos? Essa pergunta poderia ser refeita da seguinte forma: o que ocorreria se a revitalização da mensagem profética fosse alçada ao patamar de mais nova meta evangelística? Colocada dessa forma, a pergunta nem mesmo precisaria de uma resposta, porque é óbvia: os recursos evangelísticos, todos represados nos mesmos velhos lugares, seriam direcionados ao projeto de revitalização da identidade profética da Igreja Adventista, o qual, é claro, seria implementado nos lugares já há décadas abarrotados de campanhas evangelísticas.

Embora a mensagem profética adventista seja verdadeira e poderosa, ela está encarcerada em círculos fechados, tal como um prisioneiro trancafiado em uma cela escura por décadas. Por si só, a revitalização da identidade profética adventista sem o retorno ao evangelismo bíblico é tão suficiente para o êxito da pregação das três mensagens angélicas quanto é suficiente aos sonhos de liberdade do prisioneiro banhar-se, barbear-se, trocar de roupas e retornar à sua cela.

Contato: shalltheendcome@gmail.com